

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BÁSICAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
EM CIÊNCIAS: QUÍMICA DA VIDA E SAÚDE

SÉRGIO WESNER VIANA

**PROGRAMA MULHERES MIL: A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
CONTRIBUINDO PARA A REDUÇÃO DE DESIGUALDADE SOCIAL E
ECONÔMICA DAS MULHERES E SEU RESGATE SOCIAL**

PORTO ALEGRE

2019

SÉRGIO WESNER VIANA

**PROGRAMA MULHERES MIL: A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
CONTRIBUINDO PARA A REDUÇÃO DE DESIGUALDADE SOCIAL E
ECONÔMICA DAS MULHERES E SEU RESGATE SOCIAL.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como requisito para a obtenção do título de doutor.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Luciana Calabro

PORTO ALEGRE

2019

**PROGRAMA MULHERES MIL: A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
CONTRIBUINDO PARA A REDUÇÃO DE DESIGUALDADE SOCIAL E
ECONÔMICA DAS MULHERES E SEU RESGATE SOCIAL.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como requisito para obtenção do título de doutor.

Prof^a. Dr^a. Luciana Calabró.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Diogo Onofre Gomes de Souza (UFRGS- PPGVQS)

Prof. Dr^a. Eliane Lourdes da Silva Moro (UFRGS)

Prof. Dr. Lucas Coradini (IFRS)

PORTO ALEGRE

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Viana, Sérgio Wesner
PROGRAMA MULHERES MIL: A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
CONTRIBUINDO PARA A REDUÇÃO DE DESIGUALDADE SOCIAL E
ECONÔMICA DAS MULHERES E SEU RESGATE SOCIAL. / Sérgio
Wesner Viana. -- 2019.
143 f.
Orientadora: Luciana Calabré.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Ciências Básicas da Saúde,
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências:
Química da Vida e Saúde, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Programa Mulheres Mil. 2. Capacitação
Profissional. 3. Resgate Social. I. Calabré, Luciana,
orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

“Pode-se aprender a arte de viver com a diferença. Respeitando-a, salvaguardando a diversidade de um e aceitando a diversidade do outro.” (Zygmunt Bauman)

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não teria sido realizado sem o envolvimento de muitas pessoas por quem sou muito grato. Assim, em primeiro lugar, quero agradecer a Deus por ter me guiado em todos os momentos da minha vida.

Aos meus pais, pela oportunidade da vida e pelos ensinamentos de retidão. Por me mostrarem a importância da educação, da honestidade, da lealdade, da responsabilidade e que sempre me incentivaram a buscar o meu melhor. Em especial, à minha mãe (in memória), que sempre me apoiou nesta caminhada e que, infelizmente, não pode estar presente ao final desta jornada.

À minha esposa e minhas filhas, pelo apoio incondicional nos momentos de stress, pela força, pelo carinho, pela paciência, pelo companheirismo, pelo amor e por acreditarem que seria capaz de conquistar mais uma vitória em minha vida. Amo Vocês.

Um obrigado especial à minha irmã, meus sobrinhos e sobrinhas, à minha cunhada e aos meus concunhados, ao meu sogro e sogra pelo apoio, pelo carinho e pelo incentivo.

À minha querida Orientadora, por todos os seus ensinamentos e pela confiança depositada em mim durante o tempo desta pesquisa. A você, Prof^a Luciana Calabro, o meu mais profundo e sincero agradecimento e respeito.

Aos membros da banca, Prof^a Dra. Eliane Mouro, Prof^o Dr. Diogo Onofre e Prof^o Dr. Lucas Coradini, que contribuíram para o meu conhecimento. A vocês, o meu muito obrigado pela participação na banca e contribuições para este trabalho.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por me proporcionar a oportunidade de obter mais uma conquista pessoal e profissional nessa instituição.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Campus Porto Alegre e aos colegas do Campus, do qual faço parte do corpo docente, que sempre me apoiaram para a minha capacitação.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, me ajudaram a concluir esta pesquisa, o meu muito obrigado.

Resumo

O presente trabalho teve como propósito fazer um estudo sobre o Programa Mulheres Mil. O programa visava o resgate social de mulheres em vulnerabilidade econômica e social promovendo a inclusão delas no mercado de trabalho através de cursos de qualificação profissional. Desse modo, a pesquisa buscou verificar como foi a implantação do Programa Mulheres Mil, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul IFRS, mais especialmente no *Campus* Porto Alegre, e como essa política pública voltada para a valorização da mulher, principalmente aquela que encontra-se em situação de miséria e pobreza, contribuiu na vida das alunas que frequentaram os cursos de capacitação profissional. O trabalho apresenta dados dos quantitativos de cursos, vagas, matrículas e egressos que foram ofertados no Campus Porto Alegre. Também verifica a distribuição dos recursos para a implementação dos cursos nas regiões brasileiras. E, por fim, através de entrevistas e a aplicação de um questionário, foi realizada pesquisa de campo onde se constatou o perfil das alunas e as mudanças que esses cursos proporcionaram em suas vidas. Para a análise dos resultados, foi utilizado o método de análise discursiva, onde se buscou elementos que demonstrassem as transformações ocorridas em suas vidas.

Palavras-chave: Programa Mulheres Mil, Capacitação Profissional, Resgate Social.

Abstract

The purpose of this study was to study the Thousand Women Program. The program aimed at the social rescue of women in economic and social vulnerability by promoting their inclusion in the labor market through professional qualification courses. In this way the research sought to verify the implementation of the Program Thousand Women, in the Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio Grande do Sul IFRS, more especially in Campus Porto Alegre, and as this public policy focused on the valorization of women, especially those who find themselves in a situation of poverty and poverty, contributed to the lives of the students who attended the professional training courses. The work presents data on the number of courses, vacancies, enrollments and graduates that were offered at the Porto Alegre Campus. It also verifies the distribution of resources for the implementation of the courses in the Brazilian regions. And finally, through interviews and the application of a questionnaire, a field research was carried out to verify the profile of the students and the changes that these courses have provided in their lives. For the analysis of the results was used the method of discursive analysis, where we searched for elements that demonstrate the transformations that occurred in their lives.

Key words: “Mulheres Mil” program, Professional Qualification, Social Redemption.

Lista de Figuras

Artigo 2

Figura 1: Número de vagas por região para os anos de 2011 a 2014..... 47

Artigo 3

Figura 1: Desenho Aluna 6 – Antes.....66

Figura 2: Desenho Aluna 5 – Antes.....67

Figura 3: Desenho Aluna 7 – Antes.....68

Figura 4: Desenho Aluna 7 – Depois.....68

Figura 5: Desenho Aluna 10 – Antes.....69

Figura 6: Desenho Aluna 2 – Antes.....73

Figura 7: Desenho Aluna 2 – Depois..... 73

Figura 8: Desenho Aluna 6 – Depois.....75

Figura 9: Desenho Aluna 10 – Depois.....77

Figura 10: Desenho Aluna 4 – Antes.....81

Figura 11: Desenho Aluna 4 – Depois.....82

Figura 12: Desenho Aluna 5 – Depois.....83

Figura 13: Desenho Aluna 8 – Antes.....85

Figura 14: Desenho Aluna 8 – Depois.....85

Lista de Gráficos

Artigo 2

Gráfico 1: Expressa o aumento do orçamento para o ano de 2014.....50

Lista de Quadros

Capítulo 1 - Artigo 1

Quadro 1: Módulos e temas trabalhados do curso higienizador em serviços de saúde que tiveram relação com Saúde e Educação em Ciências..... 34

Quadro 2: Módulos e temas do curso cuidador de idoso que tiveram relação com Saúde e Educação em Ciências..... 35

Quadro 3: Módulos e os temas do curso cuidador de criança que tiveram relação com a Saúde e Educação em Ciências..... 36

Capítulo 2 - Artigo 2

Quadro 1: Estimativa de orçamento do Programa Mulheres Mil para os anos de 2011 a 2013.....48

Quadro 2: Recomendação da SETEC/MEC para utilização dos recursos financeiros..... 48

Quadro 3: Estimativa de orçamento Programa Mulheres Mil para o ano de 2014.....49

Capítulo 3

Quadro 1: Perfil das alunas entrevistadas.....60

Quadro 2: Perfil referente a atividade econômica..... 62

Quadro 3: Categoria 1: História de Vida das alunas antes do curso.....63

Quadro 4: Categoria 2: Mudanças sociais que ocorreram na vida das alunas que participaram do Programa Mulheres Mil no IFRS Campus Porto Alegre..... 70

Quadro 5: Categoria 3: Como a capacitação profissional contribuiu para o desempenho dessas mulheres dentro da comunidade na qual estão inseridas.....77

Lista de Tabelas

ARTIGO 1

Tabela 1: Oferta de matrículas PMM 2011 – 2012.....	32
Tabela 2: Oferta de matrículas Programa Mulheres Mil 2013 – 2014.....	32
Tabela 3: Cursos e Matrículas Campus Porto Alegre.....	34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEFET	Centros Federais de Educação Tecnológica
CIH	Centro de Infecção Hospitalar
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EPT	Educação Profissional e Tecnológica
ENPEC	Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências
FIC	Formação Inicial e Continuada
GCH	Grupo Hospitalar Conceição
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IFRS Grande do Sul	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
MDS	Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a Fome
MEC	Ministério da Educação
ONU	Organização das Nações Unidas
PMP	Programa Mulheres Mil
PNAD	Pesquisa Anual por Amostra de Domicílios
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino e Emprego
SAP	Scientific & Academic Publishing
SMTE	Secretaria Municipal do Trabalho e Emprego
SPM	Secretaria de Políticas para Mulheres
SSP	Secretaria de Segurança Pública
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. OBJETIVOS	19
2.1. OBJETIVO GERAL	19
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	19
3. JUSTIFICATIVA	20
4. METODOLOGIA	22
5. CAPÍTULO 1	26
6. CAPÍTULO 2	41
7. CAPÍTULO 3	53
CONCLUSÃO	87
REFERÊNCIAS	89
APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	91
APÊNDICE B – DESENHOS REALIZADOS PELAS ALUNAS	125
ANEXO A- QUESTIONÁRIO	139
ANEXO B- TERMO DE CONSENTIMENTO	142

1. INTRODUÇÃO

A educação é um importante mecanismo para que nações possam promover os desenvolvimentos culturais, sociais, econômico, político e tecnológico. Inúmeros países que priorizaram a educação atingiram melhores índices de desenvolvimento nas diversas áreas do conhecimento, refletindo diretamente no meio social, estimulando oportunidades de emprego, saúde, educação e lazer. Para alcançar esses índices, foram necessários investimentos que garantissem a formação das pessoas através do conhecimento, formando sujeitos com senso crítico e que trabalhem para melhorar o ambiente onde vivem.

Proporcionou-se uma grande atenção na formação da base educacional desses países. A boa formação na educação de base, ensino fundamental e ensino médio, refletiam resultados positivos nas outras modalidades de ensino, superior e técnico, facilitando o desenvolvimento de novas competências.

Para além do desenvolvimento econômico, a educação se torna uma importante ferramenta para diminuir as distâncias entre as classes sociais. Um exemplo disso é a Finlândia, que passou por um grande processo de transformação na educação de base, onde refletiu para o acesso igualitário e gratuito de todas as crianças do ensino básico a escolas de qualidade.

No Brasil, a história da educação brasileira nos mostra que, desde seu início, foi elitista e excludente, e que estão enraizadas nas antigas relações escravistas de produção (FERREIRA JR, 2010). Inicialmente, o ensino brasileiro era direcionado a uma pequena parcela da população, reservada a uma elite dominante. A educação brasileira no período colonial estava ligada diretamente a elite dominante, agrária, que detinha o poder econômico, conforme o modelo colonizador português¹.

¹ o modelo colonizador português baseado no latifúndio, na mão de obra escrava e na monocultura da cana-de-açúcar voltada para a exportação (FERREIRA JR, 2010).

Na teoria de Bourdieu (1980), a escola perde seu papel de instância transformadora neutra que transmitiria uma forma de conhecimento intrinsecamente superior e que avaliaria os alunos a partir de critérios universalistas, mas, ao contrário, seria uma instância a serviço da reprodução e legitimação da dominação exercida pelas classes dominantes. O autor faz uma análise crítica aos métodos pedagógicos de avaliação escolar. Também afirma que os currículos escolares estão de acordo com as classes dominantes. Dessa maneira, a população menos privilegiada não tinha acesso à educação igualitária impedindo que os grupos sociais desprivilegiados cultural e economicamente construam consciência crítica e um pensamento emancipado e autônomo.

As primeiras escolas profissionalizantes no Brasil começaram a funcionar em 1909, através de um decreto presidencial assinado por Nilo Peçanha, que criou dezenove Escolas de Aprendizes Artífices (PACHECO et al, 2012).

Até o ano de 2002, foram criadas apenas 144 escolas técnicas em todo o Brasil. Essas escolas eram Agrotécnicas, Escolas Técnicas vinculadas às Universidades Federais e Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs), que, juntas com o Sistema S, eram responsáveis por todo o ensino técnico que era desenvolvido no país (CASSIOLATO, GARCIA, 2014).

A partir do ano de 2003, intensificou-se a criação de novas escolas técnicas, com o objetivo de proporcionar oportunidades para milhões de jovens e adultos que buscam formação técnica. No ano de 2008, com a Lei 11.892/2008, criam-se os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, mediante a transformação e a integração de CEFETs, Agrotécnicas, Escolas Técnicas vinculadas a Universidades e demais escolas técnicas federais existentes, formando a Rede Federal de Ensino Técnico e Tecnológico (PACHECO et al 2012).

Os Institutos Federais ressaltam a valorização da educação para a construção de uma nação soberana e democrática, combatendo as desigualdades sociais de toda a ordem. Pacheco et al (2012) estacaram que os Institutos Federais visam a formação de

cidadãos como agentes políticos capazes de ultrapassar obstáculos, pensar e agir em favor de transformações políticas, econômicas e sociais.

Segundo dados do módulo de Educação da Pesquisa Anual por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), traz um retrato atualizado revelando que houve melhora em praticamente todos os indicadores educacionais do Brasil, entre 2016 e 2018, porém persistem as desigualdades regionais, de gênero e de cor e raça: mulheres permaneciam mais escolarizadas do que os homens, pessoas brancas tiveram indicadores educacionais melhores que os das pessoas pretas ou pardas e as regiões Nordeste e Norte apresentaram uma taxa de analfabetismo bem mais alta e uma média de anos de estudo inferior a das regiões do Centro-Sul do país.

A pesquisa ainda demonstra que uma em cada quatro mulheres jovens de 14 a 29 que não estudavam alegaram como motivo a necessidade de realizar afazeres domésticos e cuidar de crianças ou idosos. O percentual de mulheres nessa faixa que mencionaram essa razão (26,1%) era 30 vezes superior ao dos homens (0,8%).

Em 2011, através da Lei 12.513/2011, foi criado o Programa Nacional de Acesso ao Ensino e Emprego (PRONATEC), que tem como propósito central democratizar o acesso da população brasileira à Educação Profissional Tecnológica, expandindo, interiorizando e democratizando a oferta de cursos profissionalizantes para jovens e adultos.

O PRONATEC busca, de uma forma alternativa, proporcionar uma formação profissional de qualidade, principalmente para a parcela da população mais pobre, que, de forma geral, possuía seu acesso limitado para os cursos técnicos ou cursos de qualificação profissional. Todos esses cursos possuem certificação das instituições participantes, valorizando ainda mais os cursos disponibilizados para essa população até então excluída, na sua grande maioria (BRASIL, 2015).

O programa prevê várias ações, entre elas, oferta da bolsa-formação estudante, bolsa-formação trabalhador, articulação com o Sistema Nacional de Emprego,

promovendo a qualificação de trabalhadores e estudantes para poderem se inserir no mercado de trabalho.

Outra ação desenvolvida no PRONATEC é o Programa Mulheres Mil, que tem como objetivo oferecer as bases de uma política social de inclusão, por meio do qual as mulheres que se encontram em vulnerabilidade social têm acesso à educação profissional, emprego e renda.

O Programa Mulheres Mil foi uma das prioridades das políticas públicas desenvolvida pelo Governo Federal na tentativa da promoção da equidade, igualdade entre sexos, combate à violência contra mulher e acesso à educação.

No contexto internacional, o Programa também contribuiu para o alcance das Metas do Milênio promulgadas pela Organização das Nações Unidas – ONU, em 2000 e aprovada por 191 países. Entre as metas estabelecidas estão a erradicação da pobreza extrema e da fome, promoção da igualdade entre os gêneros, autonomia das mulheres e garantia da sustentabilidade ambiental.

Segundo os dados do IBGE 2017, o Banco Mundial considera pobres aquelas pessoas que possuem rendimentos diários abaixo de U\$5,5 ou R\$406,00 mensais. O Nordeste é a região que concentra o maior percentual de pessoas em situação de pobreza onde possui um percentual de 44,8%. O mesmo Instituto também informa que mulheres pretas e pardas sem cônjuge e com filhos até 14 anos são o grupo mais vulnerável. Esse percentual chega a 64,4% de mulheres que vivem abaixo da linha da pobreza (IBGE, 2017).

Para Abreu 2012, a pobreza é a incapacidade de sustentar suas necessidades básicas devido ao baixo rendimento onde faltam condições de ter acesso à habitação, saúde, nutrição, água potável, energia elétrica, educação, cultura e lazer. Essas condições colocam essas pessoas em desvantagem social e econômica para competir no mercado de trabalho. A falta de trabalho e rendimento colabora para a dificuldade das pessoas poderem suprir suas necessidades básicas de sobrevivência, ou seja, a incapacidade de atingir um nível de vida mínimo.

No Brasil, o Programa Mulheres Mil procura, através da educação, principalmente o ensino profissional, proporcionar oportunidades às mulheres em vulnerabilidade econômica e social, que vivem em situação de miséria ou pobreza, mudando a realidade em que estão inseridas. Nesse sentido, a educação assume papel fundamental na construção de uma proposta diferenciada para o resgate social dessas mulheres. As metodologias utilizadas no desenvolvimento dos cursos bem como as propostas pedagógicas estão voltadas para a valorização desse público, da apropriação da discussão sobre os direitos, as questões de gênero, a inclusão digital e social no ambiente em que vivem, dentro de uma perspectiva metodológica que proporcione o acesso, permanência e êxito das alunas.

As ciências também podem ser uma ferramenta de acolhimento e transformação na vida dessas mulheres, onde de uma forma flexível, alinhada com a realidade delas, possa despertar, mesmo que de uma maneira simples, a vontade de entender o seu contexto, buscar respostas para os seus questionamentos, que, por muito tempo, não lhes eram possível de entender, seja pela discriminação por ser mulher ou pela condição social em que vive. Dessa forma, utilizar do cotidiano delas para auxiliar no desenvolvimento do conhecimento, despertando a vontade de querer buscar mais respostas para a sua vida, resgatando essas mulheres para a formação continuada e cidadã.

Assim, este trabalho procura responder ao seguinte questionamento: Como ocorreu o processo de implantação do Programa Mulheres Mil realizado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - IFRS, *Campus* Porto Alegre, contribuindo com a inclusão social de mulheres em vulnerabilidade econômica e social? Dessa maneira, verifica-se como essa política pública voltada para a valorização da mulher, principalmente aquela que encontra-se em situação de miséria e pobreza, contribuiu na vida das alunas que frequentaram os cursos de capacitação profissional.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Verificar como o foi implantado o Programa Mulheres Mil e como contribuiu na vida de mulheres que frequentaram os cursos de capacitação profissional no Instituto Federal do Rio Grande do Sul, *Campus* Porto Alegre.

2.2 Objetivos Específicos

- a) Identificar o número de alunas matriculadas nos cursos de capacitação do Programa Mulheres Mil do IFRS e quais os cursos ofertados na instituição;
- b) Verificar como base na criação de um banco de dados relativos à execução do Programa Mulheres Mil do IFRS no âmbito do *Campus* Porto Alegre, o quantitativo de alunas egressas, em relação ao número de alunas que se matricularam nos cursos ofertados;
- c) Avaliar as transformações das trajetórias sociais e econômicas ocorridas nas histórias de vida das alunas, após a conclusão dos cursos ofertados.

3. JUSTIFICATIVA

De acordo com dados do Censo de 2010, as mulheres representam mais da metade da população nacional (51,03%). Apesar do crescimento do percentual, de 27% para 35%, de mulheres responsáveis pelo comando da família, ainda 73% delas ganham menos que os maridos, demonstrando que a desigualdade de gênero ainda é muito elevada no nosso país. Muitas dessas mulheres também levam desvantagens no mercado de trabalho, devido à falta de qualificação profissional ocasionada pela situação social e econômica que se encontram.

Com o avanço das Políticas Públicas para as Mulheres, foram alcançadas várias conquistas no que diz respeito aos direitos da mulher. Foram vários aspectos, entre eles direito ao trabalho, proteção, saúde e, principalmente, na educação e cidadania. Mas, apesar desses direitos adquiridos, ainda muitas mulheres vivem em um ambiente de opressão socioeconômica, com discriminação e, em muitos casos, de violência física e psicológica, vivendo em situação de pobreza, em condições precárias e de inexistência de trabalho.

Para amenizar a desigualdade social em que essas mulheres estão inseridas, o Programa Mulheres Mil procura ressignificar o papel da mulher dentro do contexto socioeconômico através de seu empoderamento, refletindo na família como um todo, ocasionando a profissionalização, a elevação da escolaridade, a geração de renda e sua autonomia.

Dessa maneira, é de suma importância verificar se os trabalhos realizados por meio da Política Pública para Mulheres, por meio do Programa Mulheres Mil, contribuíram para o empoderamento dessas mulheres, combatendo as desigualdades sociais, econômicas e promovendo a empregabilidade, tendo em vista a carência de informações sobre o resultado dos objetivos que o Programa se proponha.

Também, não há informações concretas sobre o destino das mulheres que cursaram os cursos ofertados pelas instituições participantes do Programa. O Instituto

Federal do Rio Grande do Sul não acompanhou a empregabilidade que as mulheres atingiram após a conclusão dos cursos.

Outro aspecto importante a ser pesquisado é identificar quais as mudanças sociais que ocorreram na vida dessas alunas após a conclusão dos cursos, e de que maneira a capacitação profissional contribui para o desempenho dessas mulheres dentro da comunidade na qual estão inseridas.

4. METODOLOGIA

Para desenvolver esta pesquisa, se propôs um estudo empírico e exploratório cujo objetivo foi identificar quais as mudanças sociais que ocorreram na vida das alunas que participaram do Programa Mulheres Mil no IFRS *Campus* Porto Alegre, após a conclusão dos cursos, e de que maneira a capacitação profissional contribuiu para o desempenho dessas mulheres dentro da comunidade na qual estão inseridas. Para atingir o objetivo proposto foi utilizado o método de estudo de caso, através de uma análise documental e por meio do instrumento de coleta de dados; a metodologia escolhida para este trabalho foi a de análise discursiva.

Através de uma análise documental de informações fornecidas pela instituição, foi possível mensurar o número de vagas e cursos que foram oferecidos no *Campus* Porto Alegre. Também foi possível verificar o número de alunas egressas dos cursos oferecidos. Este trabalho desencadeou na elaboração do primeiro artigo onde foram colocados todos os dados quantitativos relativos às vagas, cursos e alunos egressos.

Outra etapa do trabalho foi mapear o investimento aplicado pelo Ministério de Educação - MEC para o desenvolvimento do Programa Mulheres Mil. Para a realização desse mapeamento, levou-se em conta o número de vagas ofertadas nas cinco regiões brasileiras. O motivo desse levantamento foi de identificar se as distribuições dos recursos realmente atenderam as regiões com menor Índice de Desenvolvimento Humano - IDH, conforme previa o Programa. Também, através da análise quantitativa, desenvolveu-se o segundo artigo, que demonstra como esses recursos foram distribuídos. Para avaliar as questões sócio econômicas, utilizou-se uma pesquisa de campo, onde aplicou-se um questionário em alunas que concluíram um dos cursos durante todo o período de oferta dos cursos do Programa Mulheres Mil, no *Campus* Porto Alegre do IFRS. A primeira parte do questionário, questões 01 a 13, tinha como objetivo traçar um perfil das alunas. Na segunda parte do questionário, questões 14 a 17, as alunas respondiam quatro questões abertas onde elas manifestavam como o curso influenciou a vida delas naquela época e como isso ainda representava nos dias de hoje. Ainda foi solicitado, antes do início da entrevista, que as alunas realizassem

um desenho representando como elas se sentiam antes de realizar o curso do Programa Mulheres Mil. Após a entrevista, era solicitado que realizassem um novo desenho representando o sentimento após a conclusão do curso. Para as alunas realizarem o desenho, foram disponibilizadas folhas brancas, lápis de cor, giz de cera e caneta hidrocor. O desenho tinha como objetivo despertar nas alunas a lembrança de como estava a vida delas antes, durante e depois da realização do curso. Assim, elas podiam expressar esse sentimento e falar sobre eles durante a realização do desenho. Ao final da entrevista, novamente elas podiam expressar o sentimento delas com um novo desenho, para que se pudesse compará-los e observar a diferença entre eles. Verificou-se, também, se ocorreu alguma mudança na trajetória social dessas mulheres. As entrevistas foram gravadas e transcritas na sua íntegra, mantendo a identidade das entrevistas preservadas, não divulgando nomes ou informações que possam identificar os participantes da pesquisa.

A partir das entrevistas gravadas e transcritas, constituiu-se o material de análise. O modelo a ser utilizado para essa análise será a Análise Textual Discursiva.

Conforme Moraes 2013, as pesquisas qualitativas têm utilizado cada vez mais de análises textuais. Essas análises podem ser de textos já existentes ou a partir de entrevistas e observações que procuram aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga.

O material produzido através das transcrições das entrevistas, segundo Moraes 2013, constituiu o “*corpus*”, que é a matéria-prima para a análise textual para esta pesquisa. O “*corpus*” representa as informações da pesquisa e, para a obtenção dos resultados válidos e confiáveis, requer uma seleção e delimitação rigorosa.

Para realizar a seleção e a delimitação das informações contidas no material da transcrição, partimos do objetivo proposto por esta pesquisa. A partir do objetivo foram formadas três categorias que serão estudadas. A primeira categoria verificou como era a vida das alunas antes do curso. A segunda categoria examinou as mudanças sociais que ocorreram na vida das alunas que participaram do Programa Mulheres Mil no IFRS Campus Porto Alegre. A terceira categoria conferiu de que maneira a capacitação profissional contribuiu para o desempenho dessas mulheres dentro da comunidade na

qual estão inseridas. Dessa maneira, se identificaria expressões nos discursos das alunas que permitissem avaliar se ocorreram transformações positivas ou negativas em suas vidas nas três categorias.

Para dar início à pesquisa de campo, procurou-se, dentro do banco de dados do IFRS, alguns contatos que pudessem contribuir para a realização das entrevistas. Inicialmente, pensou-se em realizar com uma turma de formandas as entrevistas. Contudo optamos por conseguir alunas dos três cursos que foram ofertados: Higienizadores Hospitalar, Cuidador de Idoso e Cuidador Infantil.

Estimamos uma amostra de cinco alunas de cada curso para realizar as pesquisas, totalizando quinze alunas. Os cursos foram realizados nos anos de 2012, 2013, e 2014. Encontrou-se dificuldade devido ao tempo que se passou de 2014 até o período que se iniciou os contatos da pesquisa que foi em abril de 2018. Alguns documentos já não existiam mais com os contatos. Outros contatos já não eram mais os números indicados Como o programa não exigia o comprovante de residência, as alunas não apresentavam os documentos que comprovassem o endereço para a inscrição.

Assim, uma das maneiras encontrada para localizar as alunas foi visitar os Centros de Referência de Assistência Social - CRAS e tentar encontrar os contatos dessas mulheres. As alunas eram encaminhadas pelo CRAS para realizarem a inscrição nos cursos que o IFRS ofertava. Dessa maneira, após uma longa caminhada, de aproximadamente um ano, conseguimos os quinze contatos que havíamos estipulados. Porém, desse número, nem todas aceitaram participar da entrevista após o contato com as mesmas. Todos os contatos inicialmente foram feitos via telefone e pelo sistema operacional WhatsApp.

Apenas dez alunas se disponibilizaram a participar da pesquisa. As mulheres que não quiseram participar da pesquisa usaram como justificativa a falta de tempo, ou que não podiam naquele momento por estar com muitas atividades diárias com filhos, maridos ou com o emprego.

As entrevistas foram realizadas em locais diferentes, conforme a disponibilidade das alunas. No Campus Porto Alegre do IFRS foram feitas seis entrevistas, uma no CRAS Leste, duas no local de trabalho das entrevistadas e uma em um shopping de Porto Alegre. As entrevistas duraram em média de 30min. a 40min. Algumas duraram um pouco mais que 40min, e, na maioria das vezes, havia muita emoção por parte das entrevistadas.

Junto com a entrevista, as entrevistadas realizavam um desenho no início da conversa, representando como elas se sentiam antes de realizarem o programa. Após o término da entrevista, era solicitado um segundo desenho, que demonstrava como elas se sentiam após ter concluído o curso. Das dez entrevistas realizadas, três alunas não quiseram realizar os desenhos.

5. CAPÍTULO 1

ARTIGO 1 – Artigo apresentado no XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC), 2017.

A educação em ciências e saúde no Programa Mulheres Mil no *Campus* Porto Alegre do Instituto Federal do Rio Grande do Sul

The science and health education in program “Mulheres Mil” performed in the *Campus* Porto Alegre of Instituto Federal do Rio Grande do Sul

Sérgio Wesner Viana

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, *Campus* Porto Alegre
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
sergio.viana@poa.ifrs.edu.br

Cibele Schwanke

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, *Campus* Porto Alegre
Cibele.schwanke@poa.ifrs.edu.br

Luciana Calabro

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
luciana.calabro@ufrgs.br

Resumo

O Programa Mulheres Mil proporciona educação profissional para mulheres que se encontram em vulnerabilidade econômica, contribuindo para uma melhoria na sua autoestima, autonomia e o convívio na sociedade. O presente trabalho analisa a implementação do Programa Mulheres Mil no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, *Campus* Porto Alegre, identificando os cursos

ofertados e a sua relação com a educação em saúde e educação em ciências, a partir da proposta do Projeto Pedagógico de Curso do Eixo Tecnológico Ambiente e Saúde.

Palavras-chave: Programa Mulheres Mil, educação profissional, saúde.

Abstract

The program “Mulheres Mil” provides professional education for women who are economically vulnerable, contributing for their self-esteem increase, autonomy and social life. The following article analyzes the implementation of program “Mulheres Mil” by the “Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul , *Campus Porto Alegre*”, identifying the offered courses and its relation with multiple areas, like health education and scientific education, following the proposals of the course pedagogical project from the technological, environmental and health care fields.

Key words: “Mulheres Mil” program, professional education, health.

Introdução

O Programa Mulheres Mil (PMM), a partir de 2011, foi uma das prioridades das políticas públicas desenvolvidas pelo Governo Federal na tentativa da promoção da equidade, igualdade entre sexos, combate à violência contra mulher e acesso à educação.

Assim como definidas prioridades e objetivos a serem atingidos pelo PMM no âmbito nacional, no contexto internacional, o PMM contribuiu para o alcance das Metas do Milênio, promulgadas pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2000 e aprovadas por 191 países. Entre as metas estabelecidas, destaca-se a erradicação da pobreza extrema e da fome, promoção da igualdade entre os gêneros, autonomia das mulheres e garantia da sustentabilidade ambiental (MEC, 2011).

No Brasil, o PMM procura, mediante a oferta de cursos de formação inicial e continuada (FIC), proporcionar uma formação profissional às mulheres em vulnerabilidade econômica, que vivem em situação de miséria ou pobreza, mudando a realidade em que estão inseridas (CURI, 2016). Nesse sentido, a educação assume papel fundamental na construção de uma proposta diferenciada para o resgate social dessas mulheres e, assim, para além dos conteúdos profissionalizantes, as

metodologias e propostas pedagógicas dos cursos estão voltadas para a valorização desse público, através da apropriação e discussão sobre seus direitos, questões de gênero, inclusão digital e social no ambiente em que vivem, dentro de uma abordagem metodológica que proporcione o acesso, permanência e êxito das alunas.

Além disso, a transversalidade do tema Saúde, que se preocupa com a melhoria das condições de vida e saúde, também provoca nos indivíduos o enfrentamento de desafios que asseguram condições de vida mais dignas. Assim, considera-se que, por meio da educação, é possível promover estilos de vida mais saudáveis, com o desenvolvimento de aptidões e capacidades individuais, de produção de ambientes saudáveis, e a garantia de implantação de políticas públicas direcionadas para a qualidade de vida e dos serviços de saúde (MEC, 1998). Nesse contexto, os cursos FIC no PMM oferecidos pelo IFRS, *Campus* Porto Alegre, buscam promover capacitação de qualidade para os serviços da área da saúde, para as mulheres que estão em vulnerabilidade econômica e social. Dessa maneira, o presente trabalho busca verificar como foi realizada a implementação desses cursos para as mulheres do PMM e como esses cursos estão relacionados com a educação em saúde e educação em ciências, com base no Projeto Pedagógico de Curso.

O Programa Mulheres Mil

Conforme a Portaria nº 1.015, de 21 de julho de 2011, o Ministério da Educação (MEC) instituiu o Programa Nacional Mulheres Mil, visando a formação profissional e tecnológica articulada com a elevação da escolaridade de mulheres em situação de vulnerabilidade social. Trata-se de Política Pública afirmativa que busca a inclusão e equidade social. O PMM integra o Plano Brasil sem Miséria, articulando um conjunto de ações para consolidar as diretrizes governamentais de inclusão educacional, social e produtiva de mulheres em situação de vulnerabilidade (LAGOS, 2014).

O PMM prevê, segundo a sua portaria de criação, sua oferta prioritariamente por instituições públicas dos sistemas de ensino federais, estaduais e municipais. Também possibilita a oferta dos cursos pelas entidades privadas nacionais de serviço social, aprendizagem e formação profissional vinculado ao sistema sindical (Sistema “S”) e entidades privadas sem fins lucrativos (MEC, 2011).

Destaca-se que os cursos ofertados deveriam levar em consideração a vocação econômica da região e o perfil das mulheres atendidas, além de promover igualdade de gênero, combate à violência contra a mulher e acesso à educação e empregabilidade. Dentre os desafios, era necessário criar cursos FIC para indivíduos com baixa escolaridade e que, em muitos casos, não possuíam mais contato com a educação formal. Tal realidade previu o desenvolvimento de métodos de ensino e aprendizagem distintos dos habituais comumente ofertados para pessoas que estavam em atividades profissionais ou que possuíam grau de instrução mais elevado, onde a trajetória de vida de cada aluna foi valorizada.

Conforme destacado por Bannell et al. (2016), as maneiras distintas de viver, ver, ouvir e sentir sua a cidade e o espaço onde os sujeitos se inserem, e suas experiências, memórias e invenções tornam estes locais como possibilidades educativas. Os autores ainda salientam que um dos problemas da vida moderna reside na dificuldade de respeitar e valorizar a autonomia, conhecimento e individualidade dos sujeitos, entre classes sociais distintas. As mulheres encontram maior dificuldade de serem respeitadas e valorizadas na sociedade como destaca Bannell. O PMM vem ao encontro dessa valorização das mulheres através da oferta de formação profissional inicial e continuada, promovendo capacitação, contribuindo para o seu desenvolvimento econômico e social, compensando as desigualdades de gênero, elevando a sua autoestima e identidade social, direito a voz nas suas relações interpessoais (KABEER, 2013). A autora também destaca a valorização da mulher no âmbito coletivo, na busca pelos direitos e trabalho em igualdade com os homens.

O PMM busca, por meio de um tratamento cuidadoso e diferenciado, acolher as mulheres das camadas mais baixas, elaborando cursos que propiciem o resgate delas, levando em consideração a sua realidade e especificidade escolar, muitas vezes marginalizadas pelo sistema educacional tradicional, onde, por vários fatores sociais, não conseguiram dar seguimento à sua formação (CURI,2016).

A Educação Profissional

A Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (EPT) foi instituída em 23 de setembro de 1909, pelo Decreto nº 7.566/09, no governo Nilo Peçanha, criando 19 escolas de aprendizes artífices (BRASIL, 1909). Essas escolas tinham como finalidade garantir às classes menos favorecidas a condição de sustento, através da formação de mão de obra dos filhos das classes “desprovidas de fortuna” e de jovens em condições de vulnerabilidade social.

A EPT atuava na formação dos indivíduos acompanhando o desenvolvimento econômico do país, priorizando as áreas que mais cresciam economicamente naquele momento. Exemplo disso foram as transformações surgidas ao longo dos anos, como em 1930, quando o Brasil começou a deslocar investimentos antes encaminhados para a atividade agroexportadora para as atividades industriais e que se consolida nas décadas de 50 e 60 com os investimentos em infraestrutura para o país. Vários setores da economia começaram a se destacar como o da energia, alimentação, transportes e a indústria de base, áreas essas que eram abarcados pelo Plano de Metas do Governo Federal. Muitos cursos técnicos foram criados para atender a demanda desses espaços (PACHECO, 2012).

Com a possibilidade da expansão da EPT, através da Lei nº 11.195, de novembro de 2005, criam-se novas unidades de ensino técnico e, em dezembro de 2008, se instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, criando-se os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs), por intermédio da Lei nº 11.892. (BRASIL, 2008).

Dessa maneira, a oferta de cursos FIC pelos IFs, como aqueles ofertados através do PMM, tornou-se possível pela aderência às finalidades e objetivos institucionais e pela própria proposta do PMM, que previa a inserção socioeconômica de mulheres em vulnerabilidade social, por meio de uma educação cidadã e que considerava todo o seu contexto regional. (CURI GUERRA, 2016).

Metodologia

Através dos documentos disponibilizados pelo IFRS, como portarias de criação dos cursos, Projeto Pedagógico de Curso, relatórios de conclusão de curso, dados estatísticos da oferta, matrícula e egressos dentro do PMM, realizou-se uma pesquisa exploratória com o objetivo de trazer mais informação sobre a implementação do PMM no *Campus* Porto Alegre, como a oferta de cursos FIC na área da saúde e o número de vagas disponibilizadas pela instituição. Com base nos relatórios e dados disponibilizados, foi possível mapear os cursos voltados para a área da saúde, o número de oferta de vagas, bem como a procura e a quantidade de alunos que concluíram os cursos e sua relação com a educação em saúde e educação em ciência. Conforme Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa exploratória permite proporcionar mais informações sobre o assunto, permitindo flexibilidade no seu planejamento, e concede o estudo do tema sob diversos ângulos e aspectos. Realizou-se também uma análise dos PPC's dos cursos ofertados na área da saúde, analisando as ementas das disciplinas e seus conteúdos programáticos.

Análise dos Dados

De acordo com os dados, o PMM foi implementado no IFRS em 2011 e teve uma duração de 04 (quatro) anos, onde se buscou, em um primeiro momento, a adesão de 03 (três) *Campi* para o início das atividades. Os *Campi* que aderiram foram o *Campus* Erechim, *Campus* Farroupilha e *Campus* Ibirubá, que, no período de dois anos, 2011 e 2012, foram os únicos a ofertar cursos na modalidade FIC. Os demais *Campi* aderiram ao PMM em 2013 e 2014.

Tabela 1: Oferta de matrículas PMM 2011 – 2012

Quantidade de <i>Campi</i>	Matrículas Mulheres Mil 2011 – 2012			
	<i>Campus</i>	2011	2012	Total
1	Erechim	96	31	127
2	Farroupilha	43	29	72
3	Ibirubá	92	68	160
	Total de Matrículas Realizadas	231	128	359
	Metas para SETEC/MEC para o IFRS	300	100	400

. Fonte: Relatórios fornecidos pelo IFRS.

No ano de 2013, mais cinco *Campi* aderiram ao PMM: *Campus Alvorada*, *Campus Caxias do Sul*, *Campus Porto Alegre*, *Campus Restinga* e *Campus Viamão* (Tabela 2). Em 2014, uma nova ampliação, totalizando 12 *Campi*.

Tabela 2: Oferta de matrículas Programa Mulheres Mil 2013 – 2014

Oferta de Vagas Programa Mulheres Mil 2013 – 2014				
Nº de <i>Campi</i>	<i>Campus</i>	2013	2014	Total
1	Alvorada	30	20	50
2	Canoas	-	90	90
3	Caxias do Sul	140	280	420
4	Erechim	100	234	334
5	Farroupilha	49	150	199
6	Ibirubá	88	180	268
7	Osório	-	60	60
8	Porto Alegre	70	226	296
9	Restinga	49	208	257
10	Sertão	-	30	30
11	Veranópolis	-	150	150
12	Viamão	115	110	225
Total de Oferta		671	1752	2423

. Fonte: Relatórios fornecidos pelo IFRS.

Com base nos dados, o *Campus Porto Alegre* foi o *Campus* com a terceira maior oferta de vagas desde que o IFRS aderiu ao PMM e concedeu o maior número de vagas em cursos FIC no Eixo Tecnológico Ambiente e Saúde. A cidade de Porto

Alegre abrange 46,9% dos serviços de saúde prestados no estado do Rio Grande do Sul (FEE, 2011). Assim, na capital gaúcha, a demanda nas diversas áreas da saúde, como médicos, enfermeiros, técnicos em enfermagem e outros serviços de saúde, como higienizadores de serviços de saúde e cuidadores de idosos e criança cresceu bastante, conforme dados da Fundação de Economia e Estatística.

Dessa forma, o *Campus* Porto Alegre, em parceria com outras instituições, como Grupo Hospitalar Conceição (GHC), Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio Grande do SUL (SSP) e Secretaria de Política para Mulheres (SPM) ofertou o curso de Higienizadores de Serviços da Saúde. Para os cursos de Cuidador de Idoso e Infantil, o IFRS contou com o apoio da Secretaria do Trabalho e Emprego (SMTE) e o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). Assim, o Campus Porto Alegre, para os anos de 2013 e 2014, disponibilizou os cursos e matrículas apresentados na Tabela 3:

Tabela 3: Cursos e Matrículas Campus Porto Alegre.

Cursos e Matrículas Mulheres Mil 2013 – 2014						
Curso	2013	2014	Total	Matrículas Efetivadas	Formandos	Evasão
Higienizadores de Serviços de Saúde	70	-	70	70	40	42,85%
Cuidador de Idosos	-	113	113	109	73	33,02%
Cuidador Infantil	-	113	113	108	55	49,07%
Total de Matrículas Realizadas	70	226	296	277	168	39,50%

Fonte: Relatórios fornecidos pelo IFRS.

Os cursos ofertados, conforme o Guia Pronatec de Cursos FIC (Brasil, 2017), estão vinculados ao Eixo Tecnológico Ambiente e Saúde que:

Compreende tecnologias associadas à melhoria da qualidade de vida, à preservação e utilização da natureza, desenvolvimento e inovação do aparato tecnológico de suporte e atenção à saúde. Abrange ações de proteção e preservação dos seres vivos e dos recursos ambientais, da segurança de pessoas e comunidades, do controle e avaliação de risco, programas de educação ambiental. Tais ações vinculam-se ao suporte de sistemas, processos

e métodos utilizados na análise, diagnóstico e gestão, provendo apoio aos profissionais da saúde nas intervenções e no processo saúde-doença de indivíduos, bem como propondo e gerenciando soluções tecnológicas mitigadoras e de avaliação e controle da segurança e dos recursos naturais. Pesquisa e inovação tecnológica, constante atualização e capacitação, fundamentadas nas ciências da vida, nas tecnologias físicas e nos processos gerenciais, são características comuns deste eixo. Ética, biossegurança, processos de trabalho em saúde, primeiros socorros, políticas públicas ambientais e de saúde, além da capacidade de compor equipes, com iniciativa, criatividade e sociabilidade, caracterizam a organização curricular destes cursos. (BRASIL, 2017, p. 1)

Como tais cursos foram voltados à formação de mulheres em vulnerabilidade social e econômica, que pudessem encontrar perspectiva de empregabilidade após a conclusão dos cursos, levando em consideração a falta de profissionais nessas áreas, as disciplinas, bem como os temas que foram abordados, procuravam propiciar uma formação profissional, a partir da história de vida das mulheres.

A parceria do IFRS com o GHC resultou no curso onde o PPC do Curso de Higienizadores de Serviços de Saúde propunha a formação de pessoas que pudessem desenvolver atividades de limpeza e desinfecção dos ambientes hospitalares de acordo com as orientações do Centro de Infecção Hospitalar (CIH), além de compreender as etapas e importância do correto gerenciamento de resíduos sólidos hospitalares e possuir postura adequada, boa comunicação e educação para interagir com os usuários e funcionários de serviços de saúde. O curso teve duração de 160 horas, ofertado no turno da tarde, com quatro encontros semanais de quatro horas. Com relação aos conteúdos normalmente atribuídos à educação em Ciências, a análise documental demonstra claramente a abordagem de temáticas relacionadas à Biologia, Química, Ambiente e Saúde, conforme o Quadro 1:

Quadro 1- módulos e temas trabalhados do curso higienizador em serviços de saúde que tiveram relação com Saúde e Educação em Ciências. Elaborado a partir do PPC do curso.

Curso	Módulo	Temas relacionados à Saúde e Educação em Ciências
Higienizador em serviço da saúde	Gênero, identidade e cidadania.	Pedagogia do Cuidado.
	Saúde, corpo e movimento.	Dimensões da corporeidade; Ergonomia.
	Linguagem, Arte e Cultura.	-
	Inclusão Digital.	-

	Sustentabilidade e Geração de Trabalho e Renda.	Educação Ambiental; Gestão de resíduos e rejeitos.
	Higienização em Serviços de Saúde.	Processo saúde – doença; Fundamentos de limpeza; Higienização de serviços de saúde.

Para os cursos de Cuidador de Idoso e Cuidador Infantil, a parceria com a SMTE e os CRAS foi fundamental, pois levou em consideração a perspectiva de empregabilidade para as cursistas, pois a falta de profissionais nessas áreas era bem significativa, segundo a SMTE.

No caso do Curso Cuidador de idoso, considerou-se o crescimento da população idosa no Brasil, que deve triplicar até 2050 (BANCO MUNDIAL, 2011). Os egressos foram capacitados visando a realização de cuidados referentes à saúde, incluindo higiene e cuidado com os idosos, além de fomentar a cidadania, geração de renda e a inclusão de gênero. As metodologias de ensino e de aprendizagem levaram em consideração os saberes prévios dos estudantes. Sua carga horária total foi de 180 horas e o curso era ministrado quatro dias da semana, com quatro horas-aula no turno da tarde. Os temas desenvolvidos nos módulos também demonstram a abordagem de temáticas relacionadas à Biologia, Química, Ambiente e Saúde, consoante o Quadro 2:

Quadro 2 – Módulos e temas do curso cuidador de idoso que tiveram relação com Saúde e Educação em Ciências. Elaborado a partir do PPC do curso.

Curso	Módulo	Temas relacionados à Saúde e Educação em Ciências
Cuidador de Idoso	Acolhimento, Orientação Profissional, Cidadania e Gênero.	Mapas da Vida; Memórias das mulheres, história de mulheres.
	Inclusão Digital	-
	Dimensões do cuidar: o cuidar de si, o cuidar do outro e o cuidar da vida.	Cuidar de si, do outro e da vida; Dimensões da corporeidade.
	Legislação, ética profissional e mundo do trabalho.	Cuidados pessoais.
	Envelhecimento Humano e Recreação para Idosos.	-
	Cuidado e Saúde do Idoso.	Atividades de vida diária e atividades básicas de cuidado; Cuidados de higiene;

		Promoção de hábitos saudáveis; Atividade física e exercícios; Alimentação saudável; Dieta enteral, Sonda e Ostomia; Cuidados com a medicação; Vacinação no idoso; Noções de primeiros socorros; Descarte de medicamentos.
--	--	---

Já o curso Cuidador Infantil teve o objetivo formar profissionais preocupados com o cuidado, higiene, conforto e alimentação da criança, identificando possíveis alterações no estado geral da criança, zelando por sua integridade física, prestando primeiros socorros quando necessário e promovendo atividades lúdicas e de entretenimento. Neste sentido, o curso buscou capacitar pessoas com conhecimentos, habilidades, atitudes e valores elementares para cuidar de crianças nas várias fases do desenvolvimento infantil, zelando pelo seu bem-estar geral. O curso teve uma carga horária de 180 horas, ofertado em quatro dias da semana, com quatro horas-aula no turno da tarde. As temáticas relacionadas à Biologia, Química, Ambiente e Saúde constam no Quadro 3:

Quadro 3 – Módulos e os temas do curso cuidador de criança que tiveram relação com a Saúde e Educação em Ciências. Elaborado a partir do PPC do curso.

Curso	Módulo	Temas relacionados à Saúde e Educação em Ciências
Cuidador infantil	Acolhimento, orientação profissional, cidadania e gênero.	Mapas da Vida. Memórias das mulheres, história de Mulheres.
	Inclusão Digital.	-
	Dimensões do Cuidar: o Cuidar de Si, o Cuidar do Outro e o Cuidar da Vida.	Cuidar de si, do outro e da vida; Dimensões da corporeidade.
	Legislação, ética profissional e mundo do trabalho.	-
	Desenvolvimento Infantil e Ludicidade.	Conceitos e etapas do ciclo vital infantil: concepção, gestação, nascimento e infância. Desenvolvimento psicossocial, afetivo, cognitivo, físico e motor. Desenvolvimento típico e atípico. O papel da família e da sociedade no desenvolvimento infantil. A importância do brincar.
	Produção Sustentável de	Produção de jogos, brinquedos, fantoches,

	Brinquedos.	instrumentos musicais adequados ao desenvolvimento infantil em suas diferentes fases, utilizando reaproveitamento de materiais, em uma perspectiva sustentável. Sustentabilidade e reciclagem de materiais.
	Linguagem e contação de histórias.	Contar e recontar histórias como forma de incentivo à leitura e formação do leitor a partir da seleção de textos.
	Cuidado e Saúde da Criança.	Conhecimentos necessários para o cuidado e a saúde da criança, observando os conhecimentos e procedimentos básicos para o bem-estar infantil; Compreendendo e acompanhando a carteira de vacinação; Alimentação saudável e os problemas da obesidade e desnutrição infantil; Alimentação materna e artificial de bebês; Prevenção de acidentes na infância; Saúde da criança com deficiência; Higiene do bebê; Cuidados com o ambiente; Administrando medicação conforme a prescrição médica: medicação oral e inalação; Verificando a temperatura do bebê e da criança; Lavagem das mãos; Cuidados diários com os utensílios do bebê e da criança; Promoção da saúde e prevenção de doenças; Emergências em domicílio e noções de primeiros socorros; Febre, diarreia e vômito, desidratação; Doenças respiratórias.

A partir dos dados obtidos, verifica-se que as disciplinas dos cursos ofertados permitiram uma forte integração entre diferentes áreas do conhecimento, onde, os temas científicos, normalmente abordados de forma fragmentada nas disciplinas de Ciências, Biologia, Química e Matemática na educação básica, encontram-se associados a outras áreas nos cursos FIC analisados. Tal aspecto pode ser fortemente observado, por exemplo, na disciplina Cuidados e Saúde da Criança (Curso Cuidador Infantil), que pressupõe o desenvolvimento de competências conceituais, procedimentais e atitudinais essenciais para garantir o bem-estar infantil resultantes de uma abordagem interdisciplinar e que previu a prática como metodologia para o domínio de procedimentos e técnicas.

Considerações

Quando falamos em educação profissional, e para uma população específica

como a do PMM, os processos de ensino e de aprendizagem devem permitir o estabelecimento de diferentes relações entre os fatos e os objetos, abrindo novas possibilidades de construção do conhecimento levando em consideração a história de vida dos indivíduos.

A oferta dos cursos FIC, oferecidos pelo *Campus* Porto Alegre do IFRS, considerou essas histórias de vida, como também a possibilidade da empregabilidade das alunas, priorizando cursos em setores da economia que necessitavam de pessoas capacitadas para cuidar de idosos, crianças e também o domínio de técnicas e procedimentos relativos à higienização em unidades de saúde.

Ao analisar os PPC's dos cursos e os temas desenvolvidos nos conteúdos programáticos, verificou-se que grande parte dos assuntos contemplados apresenta forte vinculação com temáticas relacionadas à área da educação em ciências, demonstrando uma forte integração entre as diversas áreas das Ciências Naturais e da Saúde, entre outras.

Nesse sentido, pode-se considerar que o caráter transversal da Saúde e do Meio Ambiente, aliados à construção de pensamentos científicos por parte das alunas, proporcionou a construção de conhecimentos a partir de conceitos científicos, contribuindo para a alfabetização científica, permitindo, assim, um novo olhar dessas mulheres aos fatos do cotidiano.

Os conhecimentos prévios que as alunas possuíam, ainda que de uma forma desestruturada cientificamente, esteve presente nas histórias de vida delas. Após a passagem pelos cursos e o contato com a ciência, presume-se que a visão que elas tinham anteriormente dos fatos seja diferente da que elas têm hoje, sendo capazes de entender os fatores que determinam sua condição de vida, saúde e doença de forma abrangente e científica, o que corrobora a importância de um enfoque interdisciplinar e contextualizado, onde:

A integração de elementos do ensino das Ciências com outros elementos do currículo além de levar à análise de suas implicações sociais, dá significado aos conceitos apresentados, aos valores discutidos e às habilidades necessárias para um trabalho rigoroso e produtivo. (KRASILCHIK, MARANDINO, 2007, p. 51).

Dessa forma, acredita-se que os cursos ofertados contribuíram não apenas para proporcionar a atuação na área da saúde, mas também oportunizaram o

desenvolvimento de mecanismos visando a promoção da saúde, ao abordar questões que assegurem a dignidade humana (direitos humanos e empoderamento feminino), contribuindo da mesma forma para a adoção de hábitos saudáveis, o desenvolvimento de aptidões e capacidades individuais, a produção de um ambiente saudável e a implementação de políticas públicas (MEC, 1998).

Por fim, considera-se necessário acompanhar e incentivar as formandas à continuidade de seus estudos e capacitação continuada, para que continuem buscando o conhecimento transformador de suas vidas. Esse trabalho faz parte de uma tese de doutorado onde, posteriormente, buscaremos analisar as alunas egressas do Programa Mulheres Mil, para verificar se os cursos que elas realizaram contribuíram para a melhoria da qualidade de vida dessas mulheres, no campo profissional, familiar e social.

Referências

- BANCO MUNDIAL. **Envelhecendo em um Brasil mais velho**. Banco Mundial/LAC, Brasil, 2011. Disponível em: http://siteresources.worldbank.org/BRAZILINPOREXTN/Resources/38171661302102548192/Envelhecendo_Brasil_Sumario_Executivo.pdf. Acesso em: 25.01.2017.
- BANNELL, R.I. **Educação no Século XXI: cognição, tecnologias e aprendizagem** – Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2016. Vários Autores.
- BRASIL. Lei nº 378 de 13 de janeiro de 1937. Dá nova organização ao Ministério da Educação e à Saúde Pública. **Diário Oficial da União**. Rio de Janeiro, RJ, 15 jan. 1937.
- _____. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação Ciência e tecnologia, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 30 dez. 2008.
- _____. Decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909. Ministério da Educação. Crêa nas capitais dos Estados da República Escolas de Aprendizes e Artífices, para o ensino profissional gratuito. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, RJ, 26 set. 1909.
- _____. Portaria nº 1.015, de 21 de julho de 2011. Ministério da Educação Institui o Programa Mulheres Mil. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 22 jul. 2011.
- _____. Parecer nº 22/1998 CNE/CEB. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil**. Brasília, DF, 17 de dez. 1998. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/mais-educacao/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/13254-parecer-ceb-1998> Acesso em: 25.01.2017.

_____. Ministério da Educação. **Programa Mulheres Mil**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-mulheres-mil/apresentacao>, acesso em 11.01.2017.

_____. Ministério da Educação. **Guia Pronatec de Cursos FIC**. Disponível em <http://pronatec.mec.gov.br/fic/index.php> Acesso em: 23.01.2017.

_____. Ministério da Educação. **Mulheres mil**: do sonho à realidade; Thousand women : making dreams come true; Mile femmes : du revê à la réalité. Organização: Stela Rosa. Brasília: Ministério da Educação, 2011.

_____. Ministério da Educação. Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio grande do Sul, *Campus* Porto Alegre. **Projeto Pedagógico de Curso**: Higienizador em Serviço da Saúde. 2013.

_____. Ministério da Educação. Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio grande do Sul, *Campus* Porto Alegre. **Projeto Pedagógico de Curso**: Cuidador de Idoso. 2014.

_____. Ministério da Educação. Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio grande do Sul, *Campus* Porto Alegre. **Projeto Pedagógico de Curso**: Cuidador Infantil. 2014.

CURI GUERRA, S.; **Relevância do Programa Mulheres Mil para o capital social das participantes**. Suzana Curi Guerra; Orientador Remi Castioni. Brasília, 2016. 136 p.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Secretaria do Planejamento, Gestão e Participação Cidadã. Fundação de Economia e Estatística. **Carta de Conjuntura FEE**: Porto Alegre e Região Metropolitana: planejamento ou caos. Ano 20, nº 11, Novembro de 2011.

KABEER, N. Contextualizando as trilhas econômicas do empoderamento de mulheres: Resultados e um programa de pesquisa em diferentes países. **Revista feminismos**, Vol. 1, N. 2, Maio – Agosto 2013. Disponível em <http://www.feminismos.neim.ufba.br>. Acesso em 29.12.2016.

KRASILCHIK, M.; MARANDINO, Marta. **Ensino de Ciências e cidadania**. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2007.

LAGOS, M.B. **Palmas para mulheres em comunidades Quilombolas**: a participação do IFPR Câmpus Palmas no programa nacional de inclusão social/Márcia Beraldo Lagos. Pato Branco, UTFPR, 2014.

PACHECO, E.; CALDAS, L.; VIDOR, A. M.; REZENDE, C.; Org. **Perspectiva da educação profissional técnica de nível médio**: Proposta de diretrizes curriculares nacionais. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério de Educação. Fundação Santillana, Ed. Moderna, São Paulo, 2012.

PRODANOV, C. C.; **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. 2. ed., Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

6. CAPÍTULO 2

ARTIGO 2: Artigo publicado na revista Scientific & Academic Publishing (SAP).

Programa Mulheres Mil: Política Pública, Educação e Combate à Desigualdade Social

Sérgio Wesner Viana^{1'2}, Cibele Schwanke^{1'2}, Luciana Calabró²

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil

²Programa em Educação e Ciência, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, Brasil

Abstract O Programa Mulheres Mil proporciona, através da educação profissional, uma nova oportunidade para mulheres que vivem em vulnerabilidade econômica e social, estimulando a sua inclusão educacional, produtiva e social. O presente trabalho analisa como foi realizada a implementação do Programa Mulheres Mil no âmbito nacional, verificando o quantitativo de vagas que foram disponibilizadas para as cinco regiões do Brasil, bem como uma estimativa de orçamento disponibilizado. O artigo também discorre sobre temas como desigualdade social, políticas públicas e educação, conceitos norteadores do Programa Mulheres Mil. A partir dos resultados, concluímos que as regiões norte e nordeste apresentaram os maiores quantitativos de matrículas e estimativas de recursos financeiros que as demais regiões.

Keywords Programa Mulheres Mil, Políticas Públicas, Desigualdade Social, Educação

1. Introdução

Países que procuraram colocar como prioridade a formação de sua força de trabalho para enfrentar os desafios impostos pela concorrência e pelo progresso técnico conseguiram atingir melhores índices de desenvolvimento. Como exemplo desses países, podemos destacar os do Centro-Leste Europeu, Japão, Coreia do Sul, Taiwan, entre outros, onde seus governantes não mediram esforços para o desenvolvimento da educação em todos os seus níveis, o que refletiu na industrialização facilitada pelos conhecimentos técnicos e de novas tecnologias [1]. Os investimentos alocados por esses países na educação para tal finalidade foram importantes em todas as modalidades de ensino. Destaca-se que, para isso, o ensino fundamental e médio

alocava um grande esforço para a formação da base educacional, visando proporcionar aos níveis educacionais subsequentes - o ensino técnico ou ensino superior, facilidade de desenvolvimento de competências e habilidades associadas aos conteúdos desenvolvidos.

O Brasil, historicamente carece da falta de estrutura e investimento na área da educação. Inicialmente, o ensino brasileiro era direcionado a uma pequena parcela da população, reservada a uma elite dominante, onde os demais não precisariam aprender [2]. Essa defasagem na educação brasileira refletia na nossa dificuldade de competitividade e crescimento econômico no cenário mundial.

Em 2011, através da Lei 12.513/2011[3], institui-se o Programa Nacional de Acesso ao Ensino e Emprego (PRONATEC), com a finalidade central de democratizar o acesso da população brasileira à Educação Profissional Tecnológica, expandindo, interiorizando e democratizando a oferta de cursos profissionalizantes para jovens e adultos. Outra ação desenvolvida no PRONATEC é o Programa Mulheres Mil (PMM), que tem como objetivo oferecer as bases de uma política social de inclusão, por meio do qual mulheres em situação de vulnerabilidade social têm acesso à educação profissional, emprego e renda [4].

O presente trabalho analisa como foi realizada a implantação do PMM no âmbito nacional, aferindo o quantitativo de vagas ofertado para as cinco regiões do Brasil, bem como uma estimativa de orçamento disponibilizado, de forma a verificar se as regiões atendidas estavam alinhadas ao programa, enquanto política pública educativa voltada a minimizar problemas decorrentes da desigualdade e vulnerabilidade através da educação profissional.

2 Desigualdade social, política pública e educação

Apesar dos muitos avanços, que vem se consolidando, referente ao assunto que trata as desigualdades e a inclusão de pessoas na sociedade brasileira, ainda há muito por fazer. Necessita-se de grandes avanços nas ações que permitam a inclusão e diminuição das desigualdades nas questões de gênero, raça, condição sociais e sexo.

Historicamente, as mulheres lutam para garantir direitos iguais, principalmente nas relações de trabalho, aos que os homens recebem. Apesar do crescimento da participação da mulher no mercado de trabalho a partir da década de 1970, a difícil inserção no mercado de trabalho, o pagamento de salários diferenciados, geralmente menores, aos dos homens, a conciliação da atividade profissional com o cuidar e educação dos filhos acabam colocando as mulheres em desvantagem nas relações profissionais com os homens [5]. Somando-se os pontos anteriormente mencionados às questões de raça, idade, baixa escolaridade e condição social, as dificuldades são maiores ainda nas relações. Infelizmente, no Brasil, ainda não se conseguiu melhoras na situação das mulheres brasileiras, sobretudo das mais pobres, rurais, negras e indígenas, que convivem com a exclusão social e violência [6].

A desigualdade no Brasil está relacionada à concentração de renda, o que contribui para a pobreza. Isso é refletido no grande contingente populacional que sempre esteve a margem da sociedade e que nunca participou da sociabilidade ordinária, ou seja, pessoas que não tiveram a aceitação e reconhecimento das diferenças entre as classes sociais dentro da sociedade como um todo [7]. [8], ao se referir sobre a questão da exclusão social, utiliza-se, metaforicamente, do que ele chama de “zonas” de coesão social. Essas zonas são denominadas de zona de integração e coesão (proteção, trabalhador assalariado); a zona de vulnerabilidade (integração de forma precária- desempregados); zona de desfiliação (exclusão integrada-ausência de participação nas atividades produtivas e o isolamento relacional).

Nessa configuração, Castell discorre sobre a mobilidade dos indivíduos dentro das zonas de coesão social - não são estáticas e permite o fluxo entre elas. Destaca-se que se em determinado momento a economia não vem correspondendo ativamente, pode ocorrer esvaziamento da zona de integração e coesão, causando inchaço na zona de vulnerabilidade e dilatação da zona de desfiliação, ou seja, teremos mais indivíduos.

Ao trazer o conceito de exclusão social discutido por [8], para a realidade das mulheres brasileiras, isso nos permite questionar qual seria o estado de privação que as mulheres estariam enfrentando nas zonas de coesão social, principalmente para aquelas que se encontram nas zonas de vulnerabilidade e desfiliação social e que

proposta que o Estado está promovendo dentro das políticas públicas sociais para que se permita a saída delas das zonas de vulnerabilidade e desfiliação social?

As políticas públicas desenvolvidas pelo Estado procuram, através de ações, determinar o padrão de proteção social que o Estado estará adotará para a redistribuição dos benefícios, buscando o maior equilíbrio nas desigualdades econômicas e sociais produzido pelo desenvolvimento socioeconômico [9]. Caracteriza-se aqui, como Estado, o conjunto de instituições permanentes que possibilitam a ação do Governo. E o Governo como o conjunto de programas e projetos que se propõem para a sociedade e que direciona as suas ações como Governo durante um determinado período [9].[10] entendem as políticas públicas como o conjunto de políticas, programas e ações do Estado diretamente ou por meio de delegação, cujo objetivo seja enfrentar desafios e aproveitar oportunidades de interesse coletivo.

Nos últimos 20 ou 30 anos, observou-se um crescimento nas ofertas de políticas públicas no Brasil. Com a Constituição de 1988, o Estado tem como objetivo construir uma sociedade livre, justa e solidária; garantir o desenvolvimento nacional; erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; e promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação [10]. Assim, a partir dos anos 90, as políticas públicas voltadas para a saúde e a educação começaram a ser implementadas. Contudo, após a segunda metade dos anos 2000, é que as políticas voltadas para a assistência social foram implementadas com mais força [11].

Com a criação do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), em 2004, e o Sistema Único de Assistência Social (SUAS), em 2005, contribuíram para que um conjunto de ações que promoveram a inclusão da população mais vulnerável, através das políticas de combate à fome, transferência de renda e assistência social, por meio de processos normatizados e coordenados pelo Estado, garantissem a prestação de serviços sociais e os direitos dessa população que, até então, estava à margem de políticas públicas de combate à pobreza e desigualdade social (MADEIRA, et al, 2014)[12].

No ano de 2011, o Governo Federal, por meio do Ministério da Educação (MEC), instituiu o Programa Nacional Mulheres Mil através da Portaria nº 1.015, de 21 de julho

de 2011. É uma política pública que integrava o Plano Brasil sem Miséria, que articulava um conjunto de ações para consolidar as diretrizes governamentais de inclusão educacional, social e produtiva de mulheres em situação de vulnerabilidade (LAGOS, 2014)[13].

Dessa maneira, utiliza-se do cotidiano das alunas para auxiliar no desenvolvimento do conhecimento e despertar a vontade de querer buscar mais respostas para a sua vida, resgatando essas mulheres para a formação profissional continuada e cidadã.

Assim, a partir do conhecimento adquirido por essas estudantes ao longo da caminhada de suas vidas, faz-se necessário que os conteúdos utilizados para a formação considerem um processo de educação planejado e construído coletivamente a partir da realidade desses sujeitos, desprendendo-se dos processos tradicionais de educação.

3 Metodologia

Através de arquivos disponibilizados pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (SETEC/MEC), Editais de Chamadas Públicas para o Programa Mulheres Mil pela SETEC/MEC, realizou-se uma pesquisa exploratória com o objetivo de trazer mais informação sobre a implementação do Programa Mulheres Mil no Brasil, como a oferta de vagas nas regiões norte, nordeste, centro-oeste, sudeste e sul do país para os anos de 2011 a 2014. O Programa Mulheres Mil previa que a prioridade no atendimento seria as regiões brasileiras com o menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). A partir dos dados, buscou-se estimar qual foi o orçamento disponibilizado para cada região em cada ano. Para a elaboração dos dados, construção dos quadros e tabelas, utilizou-se o Software Excel 2007, informando o número de matrículas e orçamento para o Programa Mulheres Mil.

4 Resultados e Discussão

Por meio dos documentos disponibilizados, verificou-se que, com a criação da Portaria nº 1.015, de 21 de julho de 2011, o Ministério da Educação, através da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, embalado pelo sucesso dos cursos piloto realizados a partir de 2007, cria, de fato, o Programa Mulheres Mil, que estava inserido no plano Brasil Sem Miséria, e integrava uma série de ações que consolidaram as políticas públicas e diretrizes governamentais de inclusão educacional, social e produtiva de mulheres em situação de vulnerabilidade. O público-alvo, a que se destinava o Programa Mulheres Mil eram as mulheres de baixa renda, vulneráveis socialmente e de baixo nível de escolaridade, moradoras de comunidades integrantes dos Territórios da Cidadania e/ou com baixo índice de desenvolvimento humano. A Portaria determinava que a oferta dos cursos deveria ser, prioritariamente, de instituições públicas do sistema de ensino federais, estaduais e municipais, mas também permitia a inclusão de entidades privadas, vinculadas ao sistema sindical, no caso o Sistema S, e entidades privadas sem fins lucrativos (BRASIL, 2011).

O programa visava a diminuição de problemas sociais em locais ou regiões de baixo nível de desenvolvimento humano através de uma proposta que aliava a educação ao trabalho, principalmente das mulheres, que, como já foi comentado, ao longo dos últimos 30 anos estão com mais inserção no mercado de trabalho, porém não com os mesmos direitos que os homens, além de muitas também estarem responsáveis pelo sustento financeiro e educacional de suas famílias.

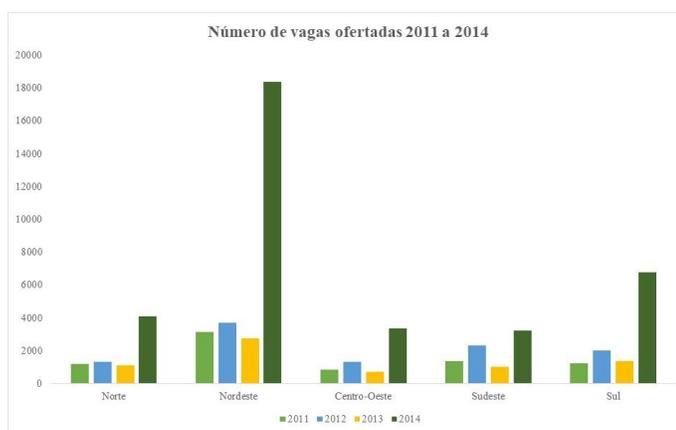
Foi estipulada uma meta que previa que, entre os anos de 2011 e 2014, o Programa Mulheres Mil teria de formar 100 mil mulheres em vulnerabilidade econômica e social, moradoras em comunidades de baixo índice de desenvolvimento humano.

A partir dessa meta, foi realizada uma mobilização para que as instituições, principalmente as federais, de ensino profissionalizante, aderissem ao programa. Dessa maneira, em 2011, foram criados os Editais de chamada pública para o Programa Mulheres Mil, que tinham como objetivo receber as propostas de adesão dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.

O primeiro edital (CHAMADA PÚBLICA MEC/SETEC – 01/2011) previa a formação de 100 novos núcleos em todos os estados do Brasil, com a proposta de 100 (cem) novas matrículas de mulheres em cada núcleo, estipulando-se, assim, um quantitativo de 10.000 (dez mil) matrículas. O segundo edital (CHAMADA PÚBLICA MEC/SETEC – 001/2012), lançado no ano de 2012, previa a criação de 102(cento e dois) novos núcleos e capacitação 10.200(dez mil e duzentos) mulheres.

No ano de 2013, o Programa Mulheres Mil migra para o Pronatec, de modo que muda a forma de pactuação das vagas bem como o orçamento que era disponibilizado. A partir dos dados fornecidos pela SETEC/MEC, no que se refere ao quantitativo de vagas disponibilizadas para o Brasil para os anos de 2011, 2012, 2013 e 2014, estão representados na figura abaixo:

Figura 1: Número de vagas por região para os anos de 2011 a 2014.



Fonte: SETEC/MEC.

Analisando a Figura 1, verificamos que no ano de 2011 o número de matrículas foi inferior a meta estipulada, atingindo o percentual de 78,14% de matrículas. Ainda observa-se que a região nordeste é a mais contemplada com matrículas que as demais regiões no período analisado. É importante ressaltar que as instituições são convidadas a participar das chamadas públicas, assim podemos deduzir que as instituições do nordeste aderiram melhor às propostas do programa. Um dos fatores que podem ter contribuído para a forte adesão da região nordeste é o fato de ser uma das duas

regiões que foram atendidas durante o projeto piloto que iniciou no ano de 2007. Também é uma região caracterizada pela maior desigualdade social em relação às demais regiões do país.

Com base nos editais de chamada pública, foi possível realizar uma estimativa do orçamento disponibilizado para a execução do programa. Previa-se que, para financiar o programa, a quantia disponibilizada não poderia ultrapassar o valor de R\$100.000,00 (cem mil reais) por Campus, que se tornavam núcleos. Como a meta proposta era formar núcleos com 100(cem) matrículas, e considerando que todas as instituições seguiram o que estipulava o edital para os anos de 2011, 2012 e 2013, podemos realizar uma estimativa levando em consideração que nenhum Campus das cinco regiões tenha ultrapassado o número de matrículas estipulado. Assim, podemos dimensionar o seguinte orçamento para os anos de 2011, 2012 e 2013, para cada região, conforme o quadro 1 abaixo:

Quadro 1: Estimativa de orçamento do Programa Mulheres Mil para os anos de 2011 a 2013.

REGIÕES	ANO					
	2011		2012		2013	
	Matrículas	R\$ x 1.000	Matrículas	R\$ x 1.000	Matrículas	R\$ x 1.000
Norte	1.185	1.100	1.328	1.300	1.097	1.000
Nordeste	3.147	3.100	3.689	3.600	2.774	2.700
Centro-Oeste	863	800	1.337	1.300	740	700
Sudeste	1.356	1.300	2.309	2.300	1.033	1.000
Sul	1.263	1.200	2.036	2.000	1.388	1.300
Total	7.814	7.800	10.699	10.600	7.032	7.000

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do Edital de chamada pública SETEC/MEC.

O edital de chamada pública previa uma sugestão da distribuição das despesas do orçamento que era repassado para a execução do programa, conforme apresentado no quadro 2 abaixo:

Quadro 2: Recomendação da SETEC/MEC para utilização dos recursos financeiros.

APLICAÇÃO	VALOR
Compra de uniforme	R\$ 8.000,00
Auxílio Financeiro às estudantes do Programa	R\$ 70.000,00
Compra de material utilizado para execução dos cursos	R\$ 10.000,00

Compra de equipamentos para execução dos cursos e estruturação do escritório de acesso	R\$ 12.000,00
TOTAL POR CAMPUS	R\$100.000,00

Fonte: SETEC/MEC.

Para o ano de 2014, o Programa Mulheres Mil estava incorporado pelo Pronatec, onde a descentralização orçamentária seguia uma lógica diferente aos anos anteriores. O orçamento no Pronatec era distribuído a partir de um valor, R\$10,00, que era considerado para cada aluno matriculado multiplicado pelo número de horas do curso e o número de aluno na turma. Assim, considerando uma turma com 30 alunos, para um curso de 160 horas, teremos a seguinte equação:

$$VA \times NA \times NHC = 10 \times 30 \times 160 = 48.000 \quad (1)$$

VA: Valor por Aluno
 NA: Número de Aluno
 NHC: Número de Horas do Curso

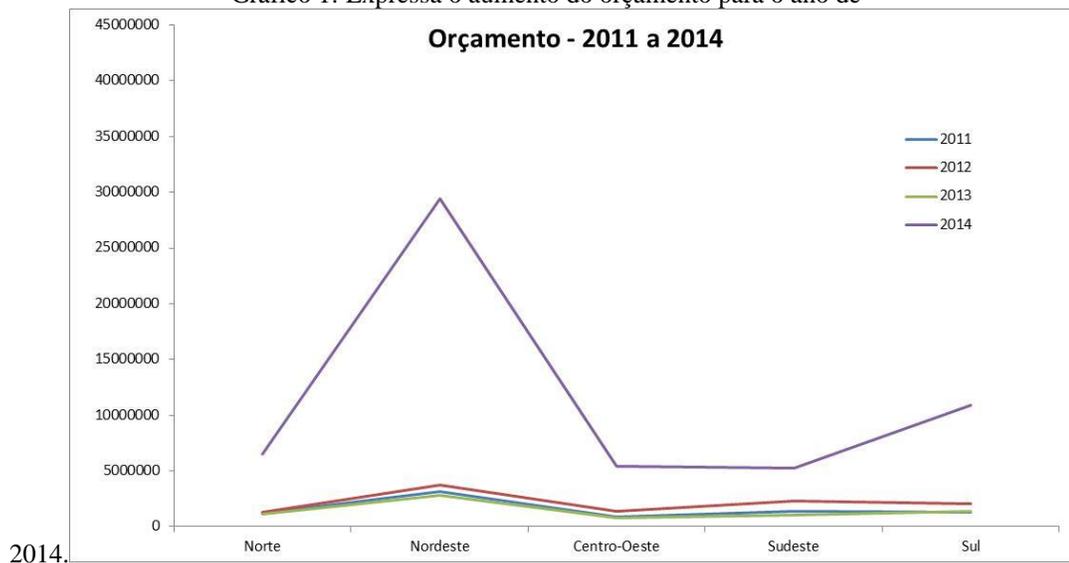
Para o caso acima, seria disponibilizado um orçamento de R\$48.000,00 para a realização do curso. Com base no cálculo apresentado, poderemos estimar, com a mesma lógica, considerando que todos os cursos ofertados foram de 160 horas, o orçamento para o Programa Mulheres Mil no ano de 2014, conforme o quadro 3:

Quadro 3: Estimativa de orçamento Programa Mulheres Mil para o ano de 2014.

REGIÃO	ANO	
	2014	
	Matriculas	R\$
Norte	4095	6.552.000
Nordeste	18374	29.398.400
Centro-Oeste	3374	5.398.400
Sudeste	3254	5.206.400
Sul	6799	10.878.400
Total	35896	57.433.600

Verifica-se que, no ano de 2014, ocorreu um significativo aumento do orçamento para o Programa Mulheres Mil. Ao migrar para o Pronatec, fica previsto o pagamento de bolsa para toda a equipe de trabalho.

Gráfico 1: Expressa o aumento do orçamento para o ano de



Fonte: Elaborada pelos autores

Com a mudança na forma de descentralizar o orçamento que ocorreu em 2014, fica previsto, no Programa Mulheres Mil, o pagamento de bolsa para a equipe executora (Docentes, Supervisores, Orientadores e Apoio) que, nos anos de 2011, 2012 e 2013, o orçamento não previa esse tipo de despesa.

Verifica-se que, no ano de 2014, o aumento em relação aos outros anos foi considerável, pois possibilitou a contratação de mais pessoas para trabalhar no programa, o que, conseqüentemente, proporcionou maior número de vagas para as regiões.

Desta forma, concluindo a análise dos dados, aparentemente o número de vagas e os recursos orçamentários disponibilizados para cada região foram bem alocados de maneira que atendessem as regiões pela sua ordem de dificuldade econômica e desigualdade social. Historicamente, as regiões nordeste e norte são as regiões que apresentam os menores índices de desenvolvimento econômico e desigualdade social em relação às demais.

5 Conclusão

Pela pesquisa realizada foi possível perceber que o PMM atingiu seu objetivo no que se refere a atender regiões com baixo IDHM. As regiões Norte e Nordeste possuem

IDHM entre 0,600 e 0,699 conforme Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. Quando o índice avalia a educação nessa região, o resultado é ainda pior, pois o índice varia entre 0,500 e 0,599 que é considerado baixo.

O quantitativo de matrículas realizado nas duas regiões durante o período avaliado foi superior a 50% das matrículas realizadas em todo o território nacional. Assim como o orçamento disponibilizado também foi absorvido pelas duas regiões na mesma proporção.

Também se verificou que com a migração do orçamento para o mesmo sistema que era praticado pelo PRONATEC, possibilitou uma oferta bem mais significativa a que vinha sendo praticado nos anos anteriores. Isso indica como é fundamental a disponibilidade de recursos financeiros para a realização de políticas públicas. Com o aporte orçamentário foi possível contratar mais professores, alugar estruturas físicas, disponibilizar mais bolsas e materiais didáticos para as alunas.

Por outro lado, apesar do aumento no orçamento, o PMM não atingiu a sua meta de 100.000 mulheres até o ano de 2014, foram atendidas 61.441 alunas conforme os dados fornecidos pelo MEC, mais de 60% do objetivo que tinha sido estipulado.

Finalizando, observa-se a importância e a necessidade de políticas públicas que atendam pessoas, principalmente as de baixa renda, que se encontram em situação de vulnerabilidade econômica e social, como as mulheres assistidas pelo PMM, permitindo uma oportunidade de uma vida mais participativa e cidadã na nossa sociedade. O presente artigo faz parte de uma tese de doutorado, que está em construção e outros dados ainda estão sendo avaliados.

REFERÊNCIAS

- [1] CASSIOLATO, M. M. M. C.; GARCIA, R. C. Pronatec: múltiplos arranjos e ações para ampliar o acesso à educação profissional. Texto para discussão / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.- Brasília : Rio de Janeiro : Ipea , 2014.
- [2] STIGAR, R.; SCHUCK, N. Refletindo sobre a história da educação no Brasil. Disponível em: <http://www.opet.com.br/site/pdf/artigos/EDUCACAO-refletindo-sobre-a-historia-da-educacao-no-Brasil.pdf>. Acesso em 24.08.2018.
- [3] BRASIL, Portaria nº 1.015, de 21 de julho de 2011. Ministério da Educação Institui o Programa Mulheres Mil. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 22 jul. 2011.
- [4] CURI GUERRA, Suzana. Relevância do Programa Mulheres Mil para o capital social das participantes. 2016. 136 p. Dissertação (Mestrado profissional em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

- [5] SANCHES, S.; GEBRIN, V. L. M.; O trabalho da mulher e negociações coletivas. *Estudos Avançados* 17(49); 99-116, 2003.
- [6] TAVARES, R. R.; Igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres. In *O Progresso das Mulheres no Brasil 2003–2010 / Organização: Leila Linhares Barsted, Jacqueline Pitanguy – Rio de Janeiro: CEPIA ; Brasília: ONU Mulheres, 2011.*
- [7] SILVA e SILVA, M. O. Pobreza, desigualdade e políticas públicas: caracterizando e problematizando a realidade brasileira *Revista Katálysis*, vol. 13, núm. 2, julho-diciembre, 2010, pp. 155-163 Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, Brasil.
- [8] CASTELL, R.; *As Metamorfoses da questão social. Uma crônica do salário.* Petrópolis: Vozes, 1999.
- [9] HOFLING, E. M. Estado e políticas (públicas) sociais. *Cad. CEDES [online]*. 2001, vol.21, n.55, pp.30-41. ISSN 0101-3262. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v21n55/5539.pdf> Acesso em 10.08.2018.
- [10] CASTRO, J. A. de; OLIVEIRA, M. G de; Políticas públicas e desenvolvimento. In *Avaliação de Políticas Públicas / Ligia Mori Madeira, organizadora – Porto Alegre: UFRGS/CEGOV, 2014.*
- [11] SOUSA, R. P. Prefácio In *Avaliação de Políticas Públicas / Ligia Mori Madeira, organizadora – Porto Alegre : UFRGS/CEGOV, 2014.*
- [12] MADEIRA, L. M.; PAPI L. P.; HELLMANN A.; POSSAMAI, A. J.; Monitoramento e avaliação: qualificando a gestão da assistência social na região metropolitana de porto alegre. In *Políticas públicas e desenvolvimento. In Avaliação de Políticas Públicas / Ligia Mori Madeira, organizadora – Porto Alegre: UFRGS/CEGOV, 2014.*
- [13] LAGOS, Marcia Beraldo. *Palmas para mulheres em comunidades Quilombolas: a participação do IFPR Câmpus Palmas no programa nacional de inclusão social.* 2014. 140 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2014.

7. CAPÍTULO 3

As trajetórias e a (trans)formação profissional e social

A educação contribui para fazer de cada pessoa um agente de transformação. Educar é um ato que tem por objetivo a convivência social, a cidadania e a tomada de consciência política.

O papel da educação na formação da cidadania é fundamental para permitir aos indivíduos analisar o significado das múltiplas relações sociais; o papel do Estado é poder intervir na realidade em que vivem fazendo-se valer dos seus direitos e dos seus deveres, permitindo desenvolver uma consciência cidadã, contribuindo para que esses indivíduos se tornem membros ativos da sociedade e do mercado de trabalho.

O marco inicial do PMM foi a parceria embrionária estabelecida entre os governos canadense, através dos *colleges*, e brasileiro, com o apoio do Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN, na época CEFET, no ano de 2005. O projeto tinha como objetivo elevar a escolaridade, ofertando qualificação profissional contribuindo para a inserção das mulheres que viviam em situação de vulnerabilidade econômica e social, com baixa escolaridade e à margem do mundo do trabalho (BRASIL, 2011). Primeiramente, as regiões Norte e Nordeste foram beneficiadas com o projeto piloto. As primeiras ações foram muito exitosas, apresentaram um resultado muito satisfatório que impressionou os idealizadores do projeto. Dessa forma, decidiu-se ampliar o atendimento através dos cursos para outras mulheres que também viviam em vulnerabilidade econômica e social em outras regiões do país.

O programa se constituiu em 2011 através da Portaria N° 1.015, de 21 de julho de 2011, do Ministério da Educação, que visava a formação profissional e tecnológica articulada com a elevação da escolaridade de mulheres em situação de vulnerabilidade social (BRASIL, 2011). Conforme o Artigo 2º, as diretrizes do programa visam: I. Possibilitar o acesso à educação; II. Contribuir para a redução de desigualdades sociais e econômicas de mulheres; III. Promover a inclusão social; IV. Defender a igualdade de gênero; V. Combater a violência contra a mulher.

Foi criado um Guia Metodológico do Sistema de Acesso, Permanência e Êxito que auxilia no desenvolvimento de processos e metodologias curriculares que promovessem o acesso e a permanência em sala de aula e a formação em áreas profissionais específicas de cada localidade e de cada região (BRASIL, 2015). Assim, foram constituídas algumas ações que possibilitassem esse acesso e permanência para as mulheres na realização do curso. Foram elaboradas equipes multidisciplinares, espaços físicos, convênios com atores da comunidade local interna e externa e um programa de auxílio estudantil para as alunas. Essa estrutura, dentro do programa, contemplava uma postura solidária e colaborativa, com determinação e comprometimento em construir uma sociedade mais inclusiva, justa e igualitária (BRASIL, 2015).

Através dessa proposta inclusiva e igualitária, o método de ensino utilizado para a realização dos cursos levava em consideração os conhecimentos preliminares das mulheres partindo das vivências pessoais do dia a dia em relação aos fatos cotidianos. As turmas eram constituídas por mulheres com idade a partir de 16 anos e não limite para a maior idade. Com relação à escolaridade exigida, também não se fazia distinção, não era necessário comprovar a escolaridade para participar dos cursos do programa. Dessa forma, a proposta de ensino foi baseada na aprendizagem e na reflexão, buscando estimular o senso crítico das mulheres, para que se tornassem sujeitos ativos e capazes de enfrentar e modificar a sua atual condição de vida.

Neste contexto, esse estudo teve o objetivo de verificar como o Programa Mulheres Mil contribuiu na vida de mulheres que frequentaram os cursos de capacitação profissional no Instituto Federal do Rio Grande do Sul, *Campus* Porto Alegre. Utilizou-se a pesquisa de campo a partir de entrevistas gravadas e transcritas. O modelo utilizado para essa análise foi a Análise Textual Discursiva.

Vulnerabilidade social: Exclusão e Inclusão Social

A vulnerabilidade social está relacionada ao conceito que caracteriza a condição dos grupos de indivíduos que estão à margem da sociedade, ou seja, pessoas ou

famílias que estão em processo de exclusão social, principalmente por fatores socioeconômicos.

Os fatores de exclusão e inclusão estão relacionados à vulnerabilidade social. A exclusão social é um processo que abrange grupos de pessoas que se encontram em situação de pobreza, desemprego, discriminação, baixa qualificação, doenças crônicas, medo do crime, isolamento e que são privados de seus direitos como cidadãos. Historicamente, a exclusão social sempre esteve relacionada a uma classe específica de pessoas como os idosos, deficientes físicos, os pobres e os desempregados que, de alguma forma, não tinham acesso aos direitos sociais como habitação, saúde, emprego, educação e lazer (BORBA, 2011)

Para Boaventura Souza Santos (2006), a exclusão e a desigualdade se apresentam como dois sistemas hierarquizados. No sistema de desigualdade, a pertença se dá pela presença, onde o indivíduo está inserido pela integração subordinada e a exclusão os indivíduos estão excluídos dos espaços, levando-os à segregação. Continua o autor, que, no caso do sexismo, a exclusão se dá pela distinção entre o espaço público e o espaço privado, e a desigualdade se dá na atuação da mulher como força de trabalho no seio da família e em formas desvalorizadas da força de trabalho.

O empoderamento dos pobres e das comunidades, segundo Romano (2002), está relacionada à conquista plena dos direitos de cidadania, pela capacidade do indivíduo ou de grupos de indivíduo, de estar usando de seus recursos econômicos, sociais, políticos e culturais para atuar no espaço público na defesa de seus direitos sugerindo ações que possam de alguma maneira auxiliar o Estado na execução da distribuição dos serviços e recursos públicos.

Podemos definir a exclusão social como múltiplas privações resultantes da falta de oportunidades pessoais, sociais, políticas ou financeiras. Essas privações levam esses sujeitos à falta de participação social, ocasionando sua exclusão do meio social do qual está inserido.

A inclusão social está relacionada com a procura de estabilidade social através da cidadania social, ou seja, todos os cidadãos têm os mesmos direitos na sociedade. A cidadania social preocupa-se com a implementação do bem-estar das pessoas como cidadãos.

A diversidade cultural é um conceito criado para compreender os vários aspectos que representam a diferenciação das culturas que existem ao redor do mundo, como as diferentes culturas, a linguagem, as tradições, a culinária, a religião, os costumes, o modelo de organização familiar, a política e entre outras características próprias de um determinado grupo de pessoas que habitam um determinado território. O multiculturalismo, também chamado de pluralismo, um conceito de culturas diferentes num mesmo espaço sob o princípio da tolerância e do respeito à diferença. Dentro desse modelo, busca-se garantir um convívio com as diferenças e a diversidade desses grupos minoritários (LOPES, 2012).

O reconhecimento de grupos minoritários tem relevância na atualidade porque as minorias constituem, em verdade, maiorias em nossa sociedade. Tanto o multiculturalismo quanto a democracia são instrumentos em prol dos grupos minoritários. As políticas multiculturais terão êxito quando o Estado, por meio de políticas públicas, intervir nas políticas sociais com o objetivo de alcançar uma maior igualdade material entre aos cidadãos. Para Groff (2009, p. 52), o multiculturalismo é uma forma de Política Social que visa efetivar os direitos fundamentais das minorias, que pretende o reconhecimento de grupos inferiorizados na sociedade, seja por condições históricas, socioeconômicas, sexuais, raciais, dentre outras.

Já a Interculturalidade propõe uma interação entre essas culturas com a finalidade de estabelecer um diálogo para garantir uma convivência pacífica e de proporcionar, dentro da sociedade, um espaço de permanente interação entre as culturas, transformando esses modelos preconcebidos. (LOPES, 2012, p.69)

Dentro do multiculturalismo, a tolerância é vista como o primeiro passo para construção de uma sociedade pacífica, onde a tolerância deve ser praticada através do diálogo, aproximando os laços de solidariedade entre os membros de uma mesma

comunidade. Em alguns momentos, a tolerância pode apresentar-se de várias formas: como um sentimento generoso, de indiferença, de respeito moral e, até mesmo, de persuasão, coerção e de violência. A tolerância, apesar de algumas limitações, pode ser um importante mecanismo capaz de garantir a convivência pacífica entre as maiorias e as minorias de uma comunidade política (LOPES, 2012).

Freire 2007, em seus escritos, nos coloca que a dialogicidade permite compreender com o diálogo, com base em uma ética da solidariedade humana, construir um caminho por meio do qual os oprimidos, pertencentes aos diferentes grupos sociais historicamente excluídos, podem potencializar as suas lutas por vida digna e respeito às diferenças. A libertação não se restringe à questão de classe social, mas implica no reconhecimento de formas específicas de opressão, tais como a de gênero, a de etnia e a cultural (FREIRE, 2007).

No entanto, para termos uma sociedade pacífica, temos que construir um diálogo com a escola, gestores e a comunidade que precisam reconhecer a diversidade cultural e suas diferenças sociais e afetivas para que possamos construir uma nova cultura social. Para que haja essa transformação, é necessária que todas as pessoas possam ter acesso à educação, uma educação transformadora, onde todos pudessem refletir uns com os outros a valorização e o respeito às diferenças culturais e os saberes de experiência dos sujeitos ao invés de separar cultura, conhecimento e poder (FREIRE, 2007).

Segundo Freire (2007), a educação é uma prática política assim como qualquer prática política é pedagógica. Não há educação neutra, toda educação é um ato político. Os educadores precisam entender o contexto dos alunos e construir o conhecimento junto com eles, de maneira que leve em consideração a realidade de cada um como base para uma relação de respeito com o educando e de aprendizado mútuo. A educação deve ser vista como uma maneira de desvelar as relações opressivas vividas pelas pessoas, transformando-as para que elas possam transformar o mundo.

Faz-se necessário construir uma política pública educacional que integre a formação profissional ao campo de um sistema nacional de educação; propiciar a universalização e democratização da educação em todos os níveis e modalidades; implantar educação profissional e tecnológica através de um processo de construção social que, ao mesmo tempo, qualifique o cidadão e o eduque por meio de um conhecimento crítico e transformador.

Dessa maneira, a educação pode contribuir para o processo de empoderamento do sujeito, melhorando a sua autoestima, a autoconfiança e a autoafirmação, tendo como foco a melhoria na sua condição de vida. A abordagem do empoderamento implica o desenvolvimento da capacidade das pessoas pobres e excluídas socialmente para superar as principais fontes de privação de liberdades (Romano, 2002)

Empoderar os sujeitos consiste em equilibrar as relações de poder em favor dos que têm menos recursos (SEN, 2010). Para Costa (2000), empoderamento é o mecanismo pelo qual as pessoas, as organizações, as comunidades tomam o controle de seus próprios assuntos, de suas próprias vidas e dos seus destinos.

Costa (2000) também comenta sobre o empoderamento das mulheres que representa um desafio às relações patriarcais.

...em especial dentro da família, ao poder dominante do homem e a manutenção de seus privilégios de gênero. Significa uma mudança na dominação tradicional dos homens sobre as mulheres, garantindo-lhes a autonomia no que se refere ao controle de seus corpos, da sua sexualidade, do seu direito de ir e vir, bem como um rechaço ao abuso físico e a violação sem castigo, o abandono e as decisões unilaterais masculinas que afetam a toda a família (COSTA, 2000, p.44)

Assim, é importante tratar sobre o tema do empoderamento das mulheres, principalmente as que estão em vulnerabilidade econômica e social, para que lhes garantam direitos e igualdade entre os gêneros nos diversos cenários sociais. O processo de empoderamento dessas mulheres não é apenas dar o espaço, mas também encorajá-las a serem quem elas querem ser, garantindo a sua autoestima para ter autonomia nas suas decisões perante os desafios que a vida lhe proporcionar.

Metodologia

Foi realizada uma pesquisa de campo com dez mulheres que frequentaram os cursos do Programa Mulheres Mil no Campus Porto Alegre do IFRS, nos anos de 2012, 2013 e 2014. O questionário era composto por 17 questões, onde as 13 primeiras traçavam um perfil socioeconômico das alunas. As questões 14 a 17 eram questões abertas, onde as alunas respondiam oralmente. As entrevistas foram todas gravadas.

A partir das entrevistas gravadas e transcritas, constituiu-se o material de análise. O modelo a ser utilizado para essa análise será a Análise Textual Discursiva.

Conforme Moraes 2013, as pesquisas qualitativas têm se utilizado cada vez mais de análise textuais. Essas análises podem ser de textos já existentes ou a partir de entrevistas e observações que procuram aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga.

O material produzido através das transcrições das entrevistas, segundo Moraes 2013, constituiu o “*corpus*”, que é a matéria-prima para a análise textual para essa pesquisa. O “*corpus*” representa as informações da pesquisa e, para a obtenção dos resultados válidos e confiáveis, requer uma seleção e delimitação rigorosa.

Para realizar a seleção e a delimitação das informações contidas no material da transcrição, partimos do objetivo proposto por esta pesquisa. A partir do objetivo foram formadas três categorias que serão estudadas. A primeira categoria verificará como era a vida das alunas antes do curso. A segunda categoria examinará as mudanças sociais que ocorreram na vida das alunas que participaram do Programa Mulheres Mil no IFRS, Campus Porto Alegre. A terceira categoria conferiu de que maneira a capacitação profissional contribui para o desempenho dessas mulheres dentro da comunidade na qual estão inseridas. Dessa maneira, se identificaria expressões nos discursos das alunas que permitissem avaliar se ocorreram transformações positivas ou negativas em suas vidas nas três categorias.

Para Comparini 2016, o ato de desenhar é compreendido como forma de comunicação e expressão de sentimentos e ideias pensamentos ou fatos ocorridos. A autora ainda afirma que o desenho foi considerado uma forma de linguagem universal que antecedeu a escrita. Rabello 2014 diz que “há uma relação dialética entre o que

imagina e o que desenha, portanto transforma sua imaginação em formas gráficas e deixa registrado o que está sentindo, o que pensa, ou o que desejaria que acontecesse”. Ela afirma também que as imagens são portadoras de conteúdo simbólico. Neste caso, precisamos ter cuidado ao interpretar esses desenhos, pois cada traço possui um significado (RABELLO, 2014).

Assim, os desenhos que compõem este capítulo serão analisados identificando como as alunas que foram entrevistadas se sentiam antes de realizarem os cursos do oferecidos pelo Programa Mulheres Mil no campus Porto Alegre e depois de realizarem os cursos. Não é intenção realizar uma análise mais profunda e psicológica dos desenhos, mas, sim, reforçar o sentimento delas com as entrevistas concedidas.

Resultados

A pesquisa contou com a participação de 10 (dez) alunas egressas dos cursos de Cuidador Infantil, Cuidador de Idosos e de Higienização hospitalar. Abaixo, foram elaborados dois quadros com os dados das alunas, onde se buscou traçar um perfil desse grupo de mulheres que colaboraram com a pesquisa. As entrevistadas serão identificadas como Aluna 1 a Aluna 10, para manter as identidades preservadas. O primeiro quadro traz informações como a idade, estado civil antes do curso e atualmente, número de filhos antes do curso e atualmente e a escolaridade das entrevistadas na época do curso.

Quadro 1: Perfil das alunas entrevistadas

Aluna	Idade	Estado Cível Antes	Estado Cível Agora	Nº de Filhos Antes	Nº de Filhos Agora	Escolaridade
Aluna 1	24	Solteira	União Estável	1	1	Ensino Fund. Incompleto
Aluna 2	35	Casada	Divorciada-Separada	1	1	Ensino Médio Incompleto
Aluna 3	37	Divorciada-Separada	União Estável	1	2	Ensino Médio Incompleto
Aluna 4	43	Casada	Casada	2	2	Ensino Fund.

						Incompleto
Aluna 5	46	Casada	Casada	6	6	Ensino Fund. Completo
Aluna 6	47	Viúva	Casada	4	4	Ensino Fund. Incompleto
Aluna 7	48	Divorciada-Separada	Divorciada-Separada	3	3	Ensino Médio Completo
Aluno 8	52	Solteira	Solteira	2	2	Ensino Médio Incompleto
Aluna 9	53	União Estável	União Estável	5	5	Ensino Médio Incompleto
Aluna 10	58	Solteira	Solteira	2	2	Ensino Fund. Completo

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas respostas do questionário

As dez alunas que participaram da entrevista tinham idade entre 24 e 58 anos. As mulheres solteiras e casadas correspondiam a 30% respectivamente na época que realizaram o curso, 20% de mulheres divorciadas-separadas, 10% de mulheres com união estável e 10% de mulheres viúvas. Para o momento atual, esses percentuais mudaram. As mulheres casadas continuam representando 30%, as mulheres com união estável também representam 30%, o percentual de mulheres solteiras ficou menor, 20% e mulheres divorciadas ou separadas, 20%. Com relação ao número de filhos, 30% das mulheres possuíam apenas 1 filho, 30% possuíam dois filhos e 40% das mulheres possuíam mais de 2 filhos. Para o momento atual, ocorreu uma mudança. Para as mulheres com dois filhos, o índice passou para 40%, igualando-se ao das mulheres com mais de dois filhos. Quanto à escolaridade, 30% das alunas entrevistadas possuíam o Ensino Fundamental Incompleto, 40% possuía o Ensino Médio Incompleto, 20% o Ensino Médio Completo e 10% o Ensino Fundamental Incompleto.

No segundo quadro, as informações são referentes se exercia atividade remunerada na época do curso e atualmente. Também se procurava saber se as mulheres participavam de algum programa social do governo na época e qual era a participação delas na renda familiar.

Quadro 2: Perfil referente à atividade econômica

Aluna	Atividade remunerada Antes	Atividade remunerada Depois	Participava de programa social	Participação na renda familiar antes	Participação na renda familiar depois
Aluna 1	Não	Sim	Sim	Não tinha participação	Tem participação
Aluna 2	Não	Sim	Não	Não tinha participação	Somente dela
Aluna 3	Não	Não	Sim	Não tinha participação	Nenhuma
Aluna 4	Não	Sim	Sim	Não tinha participação	Tem participação
Aluna 5	Não	Sim	Não	Não tinha participação	Tem participação
Aluna 6	Não	Não	Não	Somente ela como faxineira	Tem participação
Aluna 7	Sim	Sim	Sim	Tinha participação	Somente dela
Aluno 8	Sim	Não	Não	Somente dela	Nenhuma
Aluna 9	Sim	Sim	Não	Tinha participação	Tem participação
Aluna 10	Sim	Sim	Não	Tinha participação	Tem participação

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas respostas do questionário

O Quadro 2 nos mostra que 60% das mulheres entrevistadas não exerciam atividade remunerada na época do curso. Após o curso, 70% das alunas entrevistadas exercem atividade remunerada. Apenas 40% das mulheres participavam de algum programa social do governo. No caso dessas mulheres, o programa era o Bolsa Família. Com relação à participação da renda familiar antes do curso, 50% das alunas não tinham participação na renda, 40% das mulheres tinham participação na renda e 10% era a única renda da família. Após a conclusão do curso, a não participação na renda familiar caiu para 20%. Também foi de 20% a única renda da família e 60% das mulheres tinham participação na renda familiar.

Também foram abordados quais os cursos que as alunas tinham cursado e o ano que elas realizaram. A maioria das entrevistadas realizaram o curso de Cuidador de Idoso (6 alunas), quatro alunas realizaram o curso de Higienização Hospitalar e uma de Cuidados Infantil. Salientamos que teve uma aluna que realizou dois cursos: o de Cuidador de Idoso e de Higienização hospitalar. No ano de 2013, quatro alunas realizaram os cursos e sete alunas cursaram no ano de 2014.

As próximas questões, 14 a 17, elas respondiam verbalmente, pois tínhamos a intenção que elas relatassem como era a vida delas antes do curso, e de que maneira o curso contribuiu para sua vida profissional e social. A partir da transcrição das falas das alunas, criamos três categorias para analisar as falas. Abaixo, estão expostos três quadros onde foram destacados alguns trechos das falas das alunas, que se identificam com cada categoria que foi criada. Buscou-se, na fala de cada aluna, identificar trechos para cada uma das três categorias criadas. Logo a seguir foi realizada uma análise dos dados que foram destacados nos quadros localizados abaixo. Dentro das categorias, será realizada a análise do desenho que foi solicitado para retratar qual era o sentimento delas antes de realizar os cursos do programa. Das dez participantes, somente sete realizaram os desenhos; as alunas 01, 03 e 09 não fizeram o desenho.

O primeiro quadro refere-se à maneira como era a vida dessas alunas antes de frequentarem os cursos que o IFRS - Campus Porto Alegre estava ofertando. Os trechos das falas foram retirados das transcrições das falas que estão no Apêndice.

QUADRO 3: Categoria 1 : História de Vida das alunas antes do curso

Categoria 1: Como era a história de vida das alunas antes do curso?
(Aluna 01)
<i>“Eu queria muito trabalhar com criança, trabalhar em escolinha. E aí, como eu não tinha o ensino médio completo, aí dava porque eu não precisava... Eu não tinha tempo, tinha filho pequeno, né? Então, então era bem difícil. Hoje eu poderia, mas hoje eu tô preguiçosa. Mas na época não tinha condições, né? Não tinha como, né? E a gente era sozinha, né? meu ex-esposo, trabalhava, não tinha quem cuidasse dele(filho). Eu levava ele(filho) no curso, na maioria das vezes. Eu me dava super bem com todo mundo, e levava ele(filho) para o curso e as meninas me ajudavam a cuidar, a gente fazia aula prática e usava ele.”</i>
(Aluna 02)
<i>“...foi uma baita oportunidade, até para ti aprender e a trabalhar mesmo. Porque deram passagem, deram vale alimentação, não tinha como, né? Ficou uma coisa muito boa.”</i>

(Aluna 03)

“Na verdade, eu nem sabia desse Mulheres Mil, né? Eu fui no CRAS para fazer o NIS e aí vi ummm, que eu queria fazer a carteira de motorista, aí vi um papel ali dizendo, ai curso de cuidador de idoso. Então eu disse: Bah! Me interessei, mas fui embora. Aí deu caso, aquela coisa, todo aquele stress, me separei. Bah! Eu tenho que fazer alguma coisa, né, e ficar de boa, não queria. Daí voltei lá, daí perguntei, daí não tinha mais. Não tem mais a vaga. Eu disse, mas tá, vou deixar meu nome. Se aparecer, vocês me chamam. Eu tive a sorte, uma das mulheres, não sei quem, desistiu e aí eles abriram, desistiram, aí eles resolveram abrir uma nova turma, foi isso que aconteceu”.

“Assim ó, a autoestima nem se fala, porque a gente fica só em casa né? Eu fiquei em casa cuidando do meu guri. Quando deu o caso que acabei me separando, digo não quero ficar em casa. Resolvi sair”.

(Aluna 4)

“Ah, o que me incentivou muito foi que eu queria sair para trabalhar. Não queria ficar mais em casa. E também, né? Sair para ver pessoas, né? Que eu não via. Só ficava trancada em casa. E o curso foi muito bom, para aprender a falar muito bem também, então, para mim, foi ótimo. Fiquei sabendo do curso pela assistente social do CRAS, Santa Rosa.”

(Aluna 5)

“A vida estava muito louca. Foi uma época que eu me descobri. Porque eu me assumi gay em 2011. Daí fiquei três anos com uma mulher. E aí me separei no início de 2013, mais ou menos, 2014 aí eu descobri que tinha um universo enorme, sabe? Sabe criança num pote de mel, era eu descobrindo um mundo novo, então eu tava muito louca... Na época, tinha muitas vagas aberta e eles estavam com medo que fechasse o curso. E eu, bom, aprendizado nunca é demais. E outra eu estava numa fase assim, perdida, tinha que colocar um rumo né? E outra, eu queria voltar a estudar. Bom, vou fazer este curso, porque, como vai ser todo o dia, é sala de aula, eu quero ver se eu ainda tenho capacidade de voltar a estudar. Então foi, por isso, acho que para eu ver o que realmente eu queria da vida.”

(Aluna 6)

“Eu sempre fui pai e mãe, eu fiquei viúva com 29 anos, né? Do meu primeiro marido. Então, eu tinha uma, duas meninas e tava grávida do guri. Então, eu larguei tudo, larguei os estudos, larguei tudo, sabe? Pra me dedicar. Aí, meu marido morreu, logo. Aí, eu tive que começar a me virar né, a trabalhar, eu trabalhava com faxina, eu trabalhava, vendia coisas assim, salgado, doces. Então eu tive que aprender, né? Só que chegou num momento, assim ó. Que eu queria mais um pouco para mim, entendeu? E eu não queria menosprezar aquilo que eu tava fazendo, mas eu queria buscar um pouco a mais, né?... aí eu já tinha um quadro de depressão, sabe? Porque as coisas eram muito difíceis, porque eu criava quatro, aí as minhas duas maiores cuidavam dos menores. Eu tinha uma mãe para cuidar, tá, né?... Eu era uma mulher pra baixo, era uma mulher que não tinha nem comigo mesmo, sabe, estímulo comigo”.

(Aluna 7)

“Para o meu momento, eu precisava de um curso. Olha, eu precisava fazer um curso. Fazer um curso para sair daqui, não aqui dentro, os cursos aqui eu não quero mais. Sair de casa e entrar aqui não é o que eu mais quero. Eu quero fazer curso fora daqui. Como esse que fiz lá no Instituto, um outro que fiz lá em Belém Velho, ou Belém Novo, Belém Velho, eu acho que é... Para arejar a cabeça, conhecer novas pessoas. Conheci o curso pelo Vosmar, no território da paz. Para sair daqui, ter um horizonte melhor um pouco. A cabeça naquela época estava querendo fechar e eu... pra não fechá.”

(Aluna 8)

“Eu buscava crescimento, né? Para me qualificar para o mercado de trabalho, né? Como eu já tinha o auxiliar, que, na verdade, o auxiliar não vale para pegar numa instituição se tu não tiver um técnico. Como o técnico é muito caro e eu não tinha essas condições, então, eu preferi fazer o cuidador, até mesmo para minha família, minha mãe, meu pai já é falecido, tinha o vínculo familiar. Então, eu preferi concluir para eu poder entrar no mercado de trabalho também. E

graças a Deus eu consegui com isso”.

(Aluna 09):

“Quando eu estava trabalhando... Não sei se vocês ouviram falar do Amparo Santa Cruz? É lá no Belém Velho, é uma instituição filantrópica. E, num certo momento, eles pediram para os cuidadores que não tinham o curso, e como eu estava sem o curso, o meu primeiro curso foi esse né?... daí o COREN pediu para os técnicos e exigiu que os cuidadores tivessem o curso. Aí, apareceu esse do Instituto, que eu achei o melhor, porque apareceram vários, mas como o Instituto dava a alimentação, dava o vale transporte e o material”

(Aluna 10)

“...como eu estava parada em casa, sem fazer nada, era uma coisa boa pra mim, ia me incentivar mais porque eu estava para baixo, sabe? Me sentindo uma inútil, porque tu fica doente, parece que tu fica inútil, né? E não tinha nada pra fazer. Aí, eu vim aqui, me inscrevi, gostei e fiz até o fim. Eu passei aqui pra ver o negócio de cuidadora, né? Como a minha, tinha a dinda dela que trabalhava de cuidadora, sabe, então a gente sempre conversava sobre o negócio de cuidadora, ah, que deve ser bom, e que na época eu estava com esses problemas de saúde e pra cuidar é mais prático, né? E eu vim aqui vê se tinha o curso de cuidador, aí tinha. Aí, fiz a minha inscrição aqui direto.”

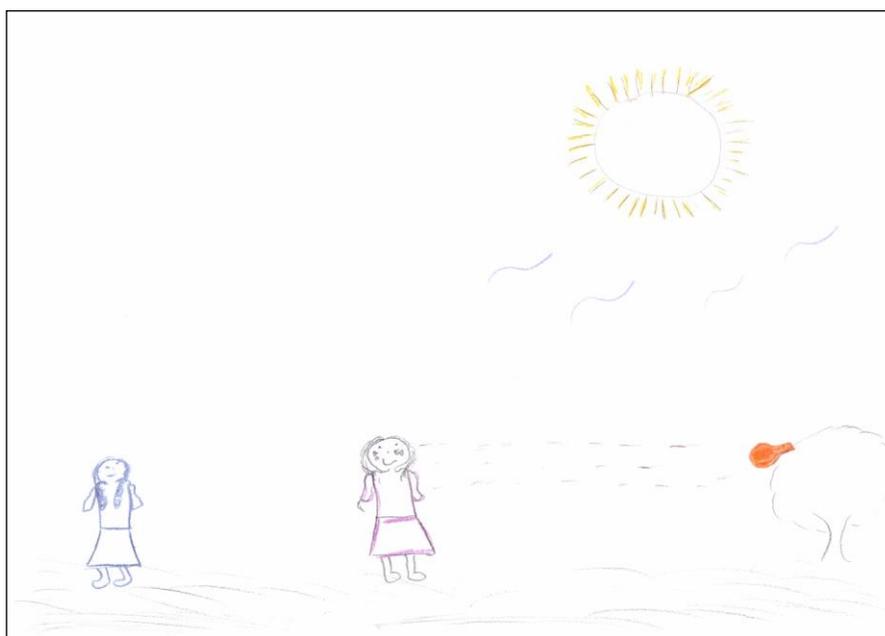
Fonte: Dados da pesquisa, (Apêndice nº 1)

Analisando as falas das alunas, percebe-se que algumas estavam sem atividade remunerada na época que o curso foi realizado. Mas o que chama a atenção é que, mesmo que as histórias de vida sejam diferentes, todas queriam e tinham a necessidade de trabalhar e mudar a sua vida. Isso se demonstra quando elas se depararam com a oportunidade de realizarem o curso do Programa Mulheres Mil para se profissionalizarem e terem oportunidade de trabalho e de poder sair de dentro de casa, fazerem algo mais do que cuidar da casa e dos filhos.

As alunas 01, 03 e 06 apresentavam histórias parecidas com os filhos e precisando ficar em casa para cuidar deles. Isso vem ao encontro da realidade de muitas mulheres, principalmente as de baixa renda, que, por terem que cuidar dos filhos, acabam deixando o estudo e o trabalho de lado por falta de condições financeiras, não conseguem deixar seus filhos em creches ou pagar um cuidador. No caso dessas alunas, ainda ocorreu que elas acabaram se separando ou perdendo os seus companheiros, fazendo com que elas tomassem uma nova postura em relação à condição de vida que tinham. A aluna 06 relata que, com a perda do marido, ela abandona os estudos e passa a desenvolver várias atividades, como faxina, venda de doces e salgados para poder criar seus filhos. Ela não menospreza as atividades, mas ela queria buscar algo mais, uma capacitação profissional, uma melhora da sua autoestima, que estava baixa devido ao quadro de dificuldades que ela enfrentou para criar os seus filhos e cuidar da mãe. Pela fala dela, imagina-se que ela não tinha tempo.

No seu desenho também podemos observar este momento de buscar, pois ela retrata a sua pessoa chorando olhando para frente, como estivesse avistando uma lâmpada em frente a uma árvore em busca de uma luz para sua vida, também ao seu lado, mas um pouco afastada, ela desenha uma mulher, o desenho tem muitas cores, principalmente em seu rosto demonstrando um momento um momento de pouca luz para ela.

Figura 1 Desenho Aluna 6 – Antes



A aluna 01 ainda relata sobre o sonho dela de trabalhar com crianças, de poder trabalhar em uma escolinha e que, até o momento do curso, esse sonho ainda não tinha se realizado. Outro ponto interessante da fala das alunas foi da aluna 05, que estava passando por um momento de redescobrimto, se assumindo gay. Ela comenta que a sua vida estava muito louca e que havia experimentado um mundo de coisas que ela, até então, desconhecia. Ao verificar o desenho que foi feito por ela, deixa bem claro o seu sentimento antes de realizar o curso. O desenho demonstra uma mulher com vários pensamentos em uma estrada com vários caminhos a serem percorridos. Muitas dúvidas e incertezas pairavam em sua vida naquele momento, fazendo com que ela experimentasse vivências diferentes do que já havia passado até

aquele instante. A oportunidade de fazer o curso trouxe para ela a possibilidade de voltar a estudar e dar uma centrada na sua vida através da capacitação profissional.

Figura 2 Desenho Aluna 5 – Antes



A fala da Aluna 07 se apresenta de forma confusa dado o momento que ela estava passando. Ela possuía três filhos, dois meninos e uma menina. Os dois meninos, infelizmente, estavam envolvidos com o tráfico de drogas, o que dificultava muito a sua vida. Então, quando ela falava que precisava de um curso que a tirasse daquele ambiente, era uma forma de fugir da realidade que ela vivia. Ir para o curso lhe fazia bem, pois ela podia sair da região onde morava, podendo esquecer, pelo menos àquelas horas, em que estava na sala de aula. Em seus desenhos, a aluna faz um boneco palito onde antes do curso o boneco está de boné e chorando; no segundo, retrata o mesmo boneco com uma expressão mais alegre, mas ambos com traços semelhantes e desenhados da mesma cor. Isso nos faz refletir as dificuldades da vida desta aluna, onde os conflitos familiares lhe impediam de e ter uma melhor qualidade de vida. Essa questão também é muito comum em comunidades de baixa renda, com pouca segurança e vulnerabilidade social, características do bairro onde essa aluna morava. Foi relatada, por algumas alunas, a saúde psíquica (depressão) e a saúde física.

Figura 3 Desenho Aluna 7- antes

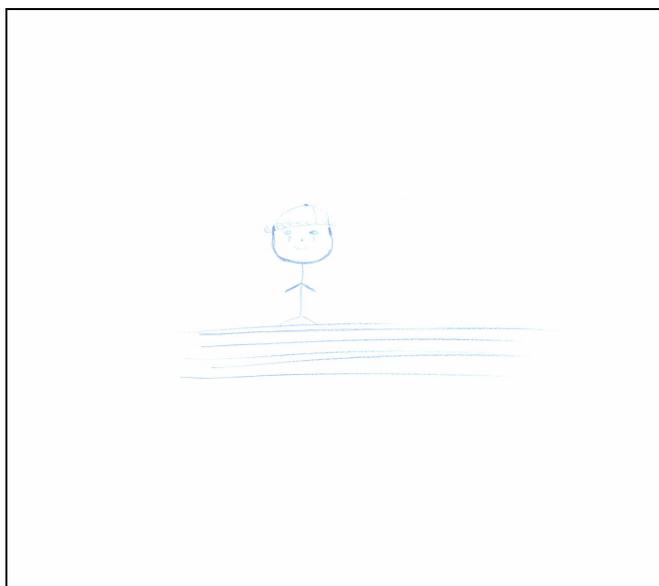
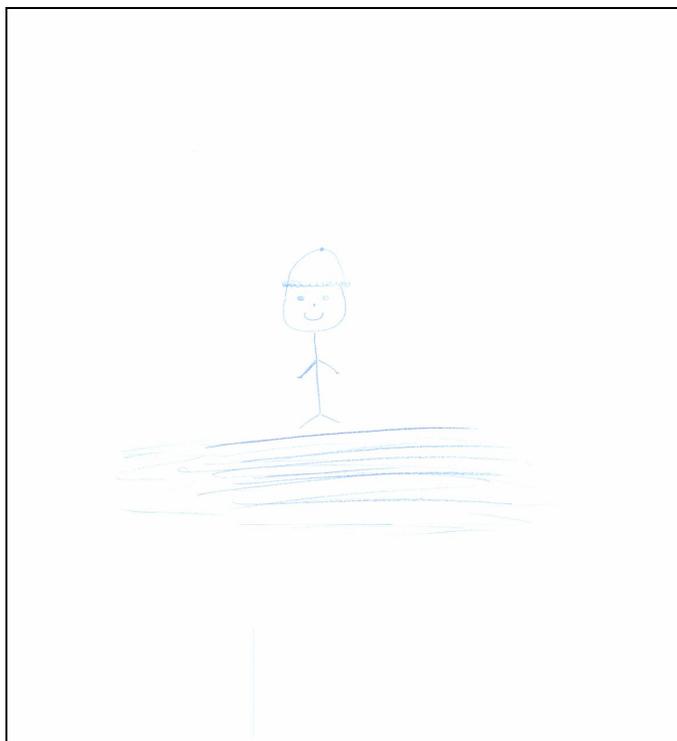
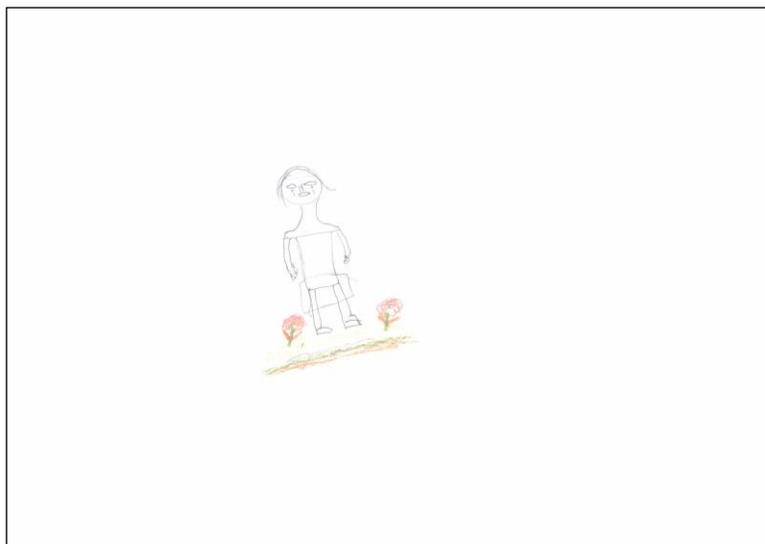


Figura 4 Desenho Aluna 7 – depois



No caso da Aluna 10, ela menciona a palavra inútil para descrever seu sentimento antes de realizar o curso no programa. Imagina-se que a falta de uma atividade fora do lar traz para o sujeito sentimento de inutilidade, de incapacidade, de depressão, isolamento social, que são situações que favorecem o quadro de baixa autoestima dessas pessoas. O desenho apresentado por esta aluna, antes de fazer o curso, demonstra uma mulher chorando, com uma expressão triste com cabelos desarrumados e sem a presença de cores na sua pessoa. Somente cores na representação da grama e das flores. Isso demonstra um entristecimento com ela mesma que vem ao encontro de sua fala onde relata sua baixa autoestima.

Figura 5 Desenho Aluna 10 - antes



Assim, descrevemos como as alunas se sentiam antes de iniciarem os seus cursos no Programa Mulheres Mil. A fala da Aluna 09 demonstra que, até aquele momento, não havia passado pelas dificuldades relatadas pelas demais alunas e que a procura pelo curso se deu por uma exigência do local onde ela trabalhava. Dessa forma, ela escolheu o curso no Instituto pelos benefícios que o programa oferecia como, por exemplo, auxílio alimentação e transporte.

No quadro abaixo, são apresentadas as falas das alunas que evidenciaram quais foram as mudanças sociais que ocorreram nas suas vidas ao participarem dos cursos do programa no IFRS - Campus Porto Alegre.

Quadro 4: Categoria 2: Mudanças sociais que ocorreram na vida das alunas que participaram do Programa Mulheres Mil no IFRS - Campus Porto Alegre

Categoria 2: Mudanças sociais que ocorreram na vida das alunas que participaram do Programa Mulheres Mil no IFRS - Campus Porto Alegre
<i>Aluna 1:</i>
<i>“Na verdade, como eu queria muito trabalhar na área, foi onde me ajudou muito, né? Foi como eu pude trabalhar com isso, né? E como eu queria muito trabalhar com criança... Foi nessa parte que o curso me ajudou. Daí, eu consegui realizar uma coisa que eu queria, né? Eu achei uma coisa bem legal. A gente meio que aprendeu a lhe dar com a gente mesmo, né? Mulher assim ó, como mulher trabalhando. Com a mulher tinha muito preconceito, na época mais ainda. Hoje em dia nem tanto, né, mas na época mais ainda.”</i>
<i>Aluna 2:</i>
<i>“Foi maravilhoso. Eu adorei. Pelas gurias, por tudo. A gente se encaixou bem e foi bem legal. Muito tri, todo mundo. Muito tri mesmo. Os aprendizados, as aulas eram bem divertidas. Principalmente, a do professor Valter. A gente saía pra rua, muito bom. Maravilhoso! Eu já estava até querendo ensinar os outros. Mudou bastante. Fiz o curso e uma semana depois de terminar o curso apareceu esse serviço. Aí, peguei e disse que depois eu mudo, mas acabei não mudando até hoje.”</i>
<i>Aluna 3:</i>
<i>“Foi lá no curso que a gente aprendeu que não tem por que a gente saber hãaa, o tipo de um HGT, de pressão, que não faz parte de nós né, e aí foi bem interessante a aula. E a gente aprendeu também, aí, porque eu vou querer saber de gestão de uma coisa assim que nós tinha também. Eu digo, isso é legal, porque nós precisamos saber nossos direitos, né? E o curso foi muito legal nisso. A gente soube o que era, o que era os nosso direitos e o que deveríamos fazer. Que, às vezes, tu vai para trabalhar numa casa de cuidador de idoso e eles acham que tu é a domestica... Então, isso ajuda muito e tinha, e assim ó, eu achava a minha vida era um caos, quando tu entra lá e começa a descobrir as história de tudo, nossa!! Tu não tem problema. Aí, eu não vou reclamar mais, não tem problema... A gente se formou em dezembro, ali passou o dia primeiro, dia quatro de janeiro eu comecei a trabalhar. Eu fui a primeira da turma a seer. Saí praticamente empregada. Aí, fiquei uns dois anos trabalhando com a HomeAngels..”</i>
<i>Aluna 4:</i>
<i>“Pois as coisas que eu não podia dar para os meus filhos, comecei a dar. Desde a reforma da minha casa, que eu nunca conseguia terminar a minha casa, né? Agora a minha casa é de dois piso, né? Aí eu comecei a trabalhar, terminamos a casa, reformemos, colocamos ar condicionado que não tinha. Então, meu filho tem tudo. Os móveis tudo bom. Bom mesmo. Coloquei televisão em cada peça, menos na cozinha, né? Mais o computador. Eu pude dar o melhor para eles. Tudo isso, depois que eu fiz o curso. Como cuidadora de idoso. E a outra Aluna 4 ficou pra trás, comecei a sair, porque as amigas convidavam muito. Faziam uma festinha eu ia, então, né? Foi muito bom. Fiz muitas amigas... Consigo um bom dinheiro. Tô feliz, graças a Deus. Eu gosto do que eu faço.”</i>
<i>Aluna 5:</i>
<i>“Muito, muito. Inclusive, assim, depois que eu fiz o curso, abriu muito o leque. Eu trabalhei no HPS, no Presidente Vargas, no momento que eu dizia que tinha um curso de higienização hospitalar, eles nem me questionavam o restante. Sendo que no Presidente Vargas eu entrei e fui direto para o bloco cirúrgico, porque eu tinha o curso de higienização hospitalar. E no serviço que eu tô hoje, eu entrei primeiro na higienização. Lá, no Lar Padre Cacique, eu entrei lá na higienização. Então, eu falei para o Seu RRRR, que é o chefe de lá, que eu tinha o curso de higienização hospitalar, ele não me fez mais pergunta nenhuma, me contratou na hora. Bastava eu falar que tinha o curso de higienização hospitalar. Então, o fato de tu ter noção, mesmo que na limpeza, mas tu ter uma noção de hospital significa detalhes, né? Significa tu ter noção do que vai fazer. E não só para mim. Tive contatos com outras gurias e tu vê a diferença. A PPP,</i>

além de higienização, ela fez o de cuidador de criança. Ela fez outro curso... Tu vê, então, que o curso me deu essa força de eu dizer, não, eu não sou da limpeza. Não que seja, não é que seja se humilhar ou outra coisa. Mas te dá um empoderamento, né? Te empodera de uma coisa que tu tem conhecimento. E as pessoas não vão bater de frente, porque tu tem aquele conhecimento. Aí, eu digo, né? Limpar em casa não é o mesmo que limpar uma enfermaria. E provo pra eles o porquê disso, né?"

Aluna 6:

"Foi, aí, que eu cuidando da minha mãe e tudo, né? Eu já tinha ouvido falar, na época falavam em assistente geriátrica, não falavam cuidadora, sabe? E aí, uma coisa levou a outra, né? Aí me ajudou muito, sabe. O curso, hãaa, as experiências que eu tive né, de trabalho, hãaa, eu ganhei muito, porque o cuidador ganha muito bem, ganha tão bem quanto um enfermeiro, né, e aí, porque eu acredito assim ó, que o cuidador tem que dar um tanto de amor, entendeu? Me ajudou muito e foi aí que eu consegui ter ummm, aí eu já tinha um quadro de depressão, sabe? Porque as coisas eram muito difíceis, porque eu criava quatro, aí as minhas duas maiores cuidavam dos menores. Eu tinha uma mãe para cuidar, tá, né? Então, o curso me ajudou muito assim, sabe? Eu fiz muita amizade, eu conheci muitas pessoas, sabe? Aí depois que fiz o curso, eu busquei um pouco da autoestima em mim, sabe?... Graças ao curso, porque como eu disse, eu ganhei bastante dinheiro para poder arrumar a minha casa, para poder dar coisas para os meus filhos, que eu não tinha condições de dar. Na época, eu trabalhava nas outras áreas, né? Então, resumindo, assim ó, hoje eu não tô trabalhando na área, né? Mas eu acho assim, ó, o que tinha que ter feito eu fiz, e hoje eu cuido de mim, sabe?... Eu gostava daqui ó, eu gostava desse ambiente, sabe? Eu gostava que quando chegava o dia, as gurias, a gente se encontrava e a gente ia pra cantina no intervalo e conversava e aquela coisa toda, sabe, e a gente, e eu me sentia assim, como é que vou dizer, importante por eu estar aqui no Instituto de Educação, tá entendendo?"

Aluna 7:

"Esses cursos foi a melhor coisa que apareceu pra mim. Tanto o Mulher da Paz, esse aí, esse outro da culinária, o da reciclagem... Fiquei conhecida, comecei a participar mais das coisas. Muito mais das coisas. Em tudo, tudo. Eu já tava aqui na 10(parada de ônibus). Eu já tava participando aqui da 10(parada de ônibus). Sou líder comunitária e agora sou do projeto Elas por Elas."

Aluna 8:

"Então, ele deu um crescimento de 100% . Tu lida com Alzheimer, tu lida com vários tipos de doença. Então, muita coisa a gente aprendeu com o curso, na sala de aula. Porque também você vai vivenciar no dia-a-dia, né? A teoria é uma coisa e a prática é outra. E aí dá uma experiência muito grande. Como pessoa, mexe muita coisa, pois tu vivencia o dia-a-dia. Tu tem, tu vive, isso que eu te falei no elevador. A nossa professora que nos deu aula, ela nunca imaginou que fosse dar aula para uma diversidade. Na verdade, diversidade, né? É conviver, porque, para mim, não era diferença isso. Eu convivi com isso. Meu pai era deficiente visual, a gente passou várias barras. Ontem, ainda falei para o meu filho, eu passei bullying e eu vivi com o bullying minha vida toda e não me tornei uma pessoa amargurada, mas têm pessoas que não sabe discernir o bullying, não sabe tratar, sair disso. Se tu não conseguir sair disso, você pode tentar o suicídio... Na turma, tinha muita diversidade, Pessoas assim como eu, que nem quase não mexiam no telefone. Aí, fui aprender informática, a gente foi aprender a mexer no telefone. Minha colega, até hoje, mexo com ela. Até ontem, ela me mandou uma mensagem. Mas tu não saía do telefone, tu não mexia. Eu aprendi contigo, depois fui fazer mais aquilo tudo. E foi assim, umas que nem, outras também que nem, a gente nunca imaginava, e hoje a gente já se fala: Não, não vou mexer nisso aí. Mexeu, aprendeu, cresceu, evoluiu. Que a gente tá numa evolução. Se a gente não evoluir, a gente.. não que a gente não queira, mas a gente tá nesse mundo. Até o meu assim: Ah, tu não gosta de mexer no computador. Não. No banco lá, naquele lá de boca de caixa, não é do meu perfil, mas tem que crescer. Tu tem que crescer. Sim, tem que crescer."

Aluna 9

"Sim, na busca pelo emprego. É que, no caso, abriu mais portas, né? Com o certificado, abriu

mais portas. Eu fiz o curso e um mês depois me acidentei, aí tive que me afastar, né? Mas, pelo curso, no momento que eu estava no curso, teve uma empresa, que eles largaram um folder lá e eu guardei. Então, no momento que eu estava no seguro, eu tinha oito meses de seguro e no quinto mês eu já estava cansada de estar dentro de casa e eu liguei pra eles e aí eles me empregaram e eu fiquei três anos e meio lá.”

Aluna 10

“Tudo valeu a pena, bah!! Meu Deus. Eu cheguei até a fazer ginástica aqui. Eu chegava mais cedo, para fazer a academia. Depois ia para o curso. Era muito bom. A gente se sente viva, né, quando a gente está pra baixo. Quando acontecem essas coisas assim, levanta a gente... Fiz bastante amizade. Tive bastante conhecimento em várias coisas, né?... Melhorou, para se comunicar, saber dos conhecimentos do que é a cuidadora.”

Fonte: Dados da pesquisa, (Apêndice nº 1)

Observando a fala da Aluna 01, nota-se a satisfação em realizar o curso, pois foi, dessa maneira, que ela conseguiu trabalhar naquilo que ela sempre quis, com crianças. A realização do sonho pode se concretizar através da oportunidade que o curso do Programa Mulheres Mil proporcionou para essa aluna. Ela relata também a conquista de superar a barreira do preconceito, de poder trabalhar naquilo que gostava e de se conhecer melhor como pessoa, lidando com os seus problemas e suas virtudes.

Na fala da Aluna 2, verifica-se a satisfação com o curso, pelas amizades que ela construiu lá. Achava tudo maravilhoso, gostava das atividades da rua que eram propiciadas, como visitas a museus, teatros e pontos turísticos do centro de Porto Alegre. Achava essas atividades bem interessantes e diferentes. Menciona também como foi rápida a sua contratação no mercado de trabalho. Tratava-se de uma aluna que não trabalhava e, com a conclusão do curso, logo foi empregada. Em seu desenho, a aluna retrata somente seu rosto com uma expressão de satisfação sem cores, somente com lápis de escrever. A diferença entre os desenhos de antes e após a realização do curso está no tamanho do seu rosto e cabelos; no primeiro desenho o cabelo está mais curto que no segundo .

Figura 6 Desenho Aluna 2 – antes

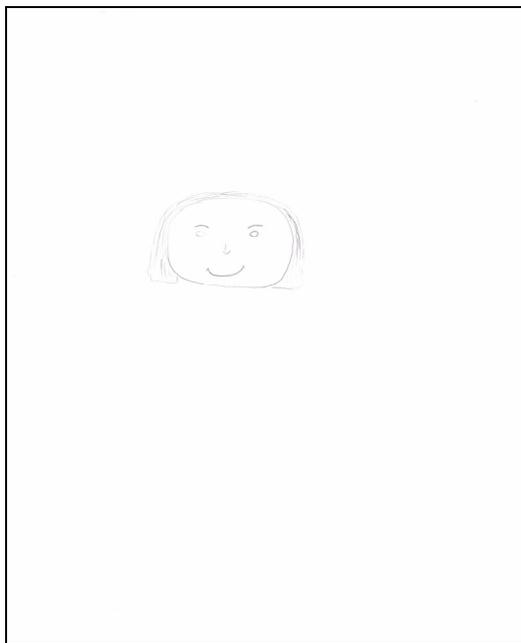
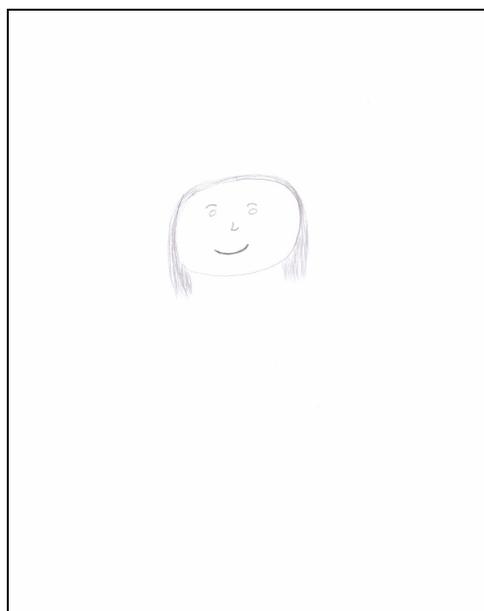


Figura 7 Desenho Aluna 2 – Depois



Já na fala da Aluna 3, aparecem dois pontos muito importantes: um tem a ver com os direitos e deveres da profissão de cuidador e o outro sobre achar que a nossa vida é mais cheia de problemas que a dos outros. Ela traz à tona um grande problema

que os profissionais cuidadores enfrentam nas residências de seus pacientes que é: absorverem outras atividades que não são pertencentes à função de cuidador, como faxinas, atividades de outros profissionais como técnicos de enfermagem ou enfermeiros.

O conhecimento legal da profissão é muito importante para que os cuidadores não assumam riscos que não são de responsabilidade deles. Como os pacientes são idosos e que, em alguns casos, necessitam de outros profissionais da área da saúde, os contratantes acabam solicitando para o cuidador absorver todas as funções, inclusive de outros profissionais. No caso dessa aluna, ela enfatiza muito esse problema e como é interessante eles poderem saber desses cuidados que precisam ter na hora da sua contratação. Também relata a questão de acharmos que sempre estamos com o problema maior que das outras pessoas. No curso, ela pôde ver e conviver com pessoas que passaram por diversos problemas, que o que ela vinha passando, acabam sendo bem menores do que ela julgava e que os problemas podem ser superados.

A Aluna 4 demonstra a satisfação de ficar bem empregada, de poder estar oferecendo aos seus familiares àquilo que ela sempre quis e não podia, pois não estava trabalhando na época. Ela traz, com muita alegria, a realização de terminar a construção de sua casa, que há anos estava em obra e que não conseguia concluir. De poder mobiliar a sua casa com móveis bons, com televisores e computadores para os filhos. E, no caso dessa aluna, o marido, após um AVC, tornou-se cadeirante e não desanimou. Começou a participar de festas, sair com as amigas, ter uma vida social que, até então, não tinha, pois, como já havia relatado, ficava somente em casa cuidando dos filhos e do marido. A realização do curso trouxe uma mudança muito significativa na vida dessa aluna, onde ela se sentia muito feliz.

A Aluna 5 fez o curso de Higienização Hospitalar, e fala da importância do curso que fez para a obtenção de uma vaga para trabalhar na área. Ela relata que não encontrou dificuldade para a empregabilidade, que trabalhou em hospitais conhecidos da nossa região e em setores como bloco cirúrgico. Ela também comenta a importância de dominar aquilo que se desempenha, pois, como relatado por ela, o conhecimento lhe

dá respeito e empoderamento, para desempenhar suas atividades com profissionalismo.

Já a Aluna 6 demonstra na sua fala que a maior mudança para ela foi sair do quadro de depressão que ela vivia. Que era muito bom ir para o Instituto Federal e encontrar as colegas e poder conversar, ir à cantina com elas e se sentir importante dentro da instituição de ensino. Todo esse ambiente lhe proporcionou também empregabilidade e, conseqüentemente, melhoria no padrão de vida, conforme seu próprio relato. Mas o que ficou mais destacado na fala dessa aluna foi que ela conseguiu superar um quadro de depressão que ela vivia na época devido às dificuldades que a vida tinha lhe imposto até então. No seu segundo desenho foi possível observar a diferença do primeiro desenho para este. O desenho retratado mostra a sua pessoa de braços aberto próxima à árvore alcançando a luz a lâmpada que havia feito no outro desenho e que estava longe dela. O desenho estava mais colorido e sua expressão de satisfação e melhora na autoestima com os cabelos mais arrumados.

Figura 8 Desenho Aluna 6 – Depois



A aluna 07 foi a que menos relatou conquistas com a conclusão do curso. Ela precisou superar uma situação familiar muito difícil, que acabou exigindo muita dedicação com sua família. Mas, mesmo assim, ela continuou buscando aperfeiçoamento e engajamento em algumas atividades que possibilitassem arejar a cabeça em relação aos problemas familiares que enfrentava na época. Não chegou a

atuar na área do curso que realizou no Instituto Federal, mas pode participar de um concurso do Grupo Hospitalar Conceição, onde ficou classificada.

A fala da aluna 08 também é muito interessante, pois ela fala sobre a diversidade e a questão da tecnologia, principalmente para mulheres que não tinham experiência no passado. Ela comenta que na turma havia muita diversidade de pessoas. E como era importante saber respeitar essa diversidade. Sofreu *bullying* na sua infância e que soube superar essa dificuldade. Como essa diversidade a ajudou a trabalhar com a informática e com as tecnologias. Ela não tinha experiência com computador e durante o curso foi muito ajudada pelas colegas que tinham conhecimento sobre o assunto. Também aprendeu a usar o celular e aproveitar as facilidades que os aparelhos hoje proporcionam. E, no caso dela, com 52 anos e sem conhecimento de informática, era difícil saber lidar com as máquinas. Hoje, como ela disse, precisou crescer e superar mais essa dificuldade.

No caso da aluna 09, o curso contribuiu muito na busca por um emprego. No caso dela, que já era empregada na época, buscou o curso para ter certificação. Logo após a conclusão, passou por uma situação que acabou lhe tirando, por alguns meses, do trabalho. Através do curso, ela conseguiu se recolocar em uma empresa que havia visitado as turmas para seleção de candidatos para trabalhar na área de cuidador de idoso. E, com o contato, ela conseguiu ser contratada pela empresa.

Para a aluna 10, a possibilidade de fazer atividade física na academia que o Instituto oferecia lhe agradava muito, pois passou a cuidar de si e da sua saúde por meio das atividades físicas. Além dos conhecimentos do curso de cuidador e a amizade que ela construiu com as colegas, ela comenta que o curso ajudou com a comunicação com as outras pessoas. Ela não conseguiu se colocar na área do curso que realizou, mas ficou muito grata por todo o conhecimento que adquiriu durante os quatro meses de duração das aulas. O relato desta aluna vem ao encontro de seu desenho após a realização do curso. Ela desenhou uma mulher bem arrumada, com cabelos longos e penteados, bem vestida, com uma expressão de felicidade e bem estar consigo. O desenho estava todo colorido, diferente do primeiro onde ela se desenhou sem cores.

Figura 9 Desenho aluna 10 – Depois



A terceira e última categoria apresenta trechos das falas das alunas que demonstram de que maneira a capacitação profissional delas contribuiu para o seu desempenho dentro da comunidade na qual estão inseridas.

Quadro 5: Categoria 3: Como a capacitação profissional contribuiu para o desempenho dessas mulheres dentro da comunidade na qual estão inseridas

Categoria 3: De que maneira a capacitação profissional contribui para o desempenho dessas mulheres dentro da comunidade na qual estão inseridas
<i>Aluna 1:</i>
<i>“Hoje, eu não trabalho mais na área, mas eu acho que melhorou em partes, que eu amadureci né? Foi um jeito de eu amadurecer. Foi bom. Acho que nisso que melhorou. Eu amadureci, tanto no emprego que eu tô hoje, né, que tudo mistura, tanto lá na escola que eu trabalhei. Trabalhando numa loja de chocolate, a gente lida com criança o tempo todo. Então, você consegue aproveitar muita coisa. Eu gostava de trabalhar com crianças. Eu saí realmente porque era um mercado difícil, e fora que eu não consegui terminar os estudos, então, para mim, era bem difícil. Fez uma diferença bem grande. Na minha vida, foi bem grande. Eu gostei muito. E na das gurias eu acredito também. E tinha gente numa situação bem pior do que eu, né? E conseguiram coisas boas. A maioria conseguiu entrar no mercado, nesse mercado, né? E aí... tipo de quinze alunas, umas oito conseguiram entrar no mercado e ficar e as outras conseguiram entrar ou pelo menos passar, entendeu? Foi ótimo.”</i>
<i>Aluna 2:</i>
<i>“Fiz o curso indicado pela dona de uma creche da Lomba do Pinheiro. Fiz o curso para ter uma experiência a mais. E para me colocar no mercado.”</i> <i>-Isso aconteceu?</i> <i>“Não, na verdade não porque eu mudei o rumo e acabei pegando essa menina para cuidar, e cuido até hoje. Eu iria, sim, porque nós ia fazer pra, pra... foi o professor Fernando, que ia conseguir para nós lá no Conceição. Aí, eu poderia ter pego lá. Teria que ter o curso. Lá no Conceição é assim, só se você tiver o curso. Mas aí eu acabei ficando com ela.”</i>

Aluna 3:

“E sabe o que interessante do Mulheres Mil que eu achei? Que ele não é um simples, não foi um simples curso, eram os professores, eles tinham uma noção de que eram mulheres, né, que vinham de algum problema, né, familiar ou sempre tinha, eu acho, assim ó, de 100%, 10 % não tinham um problema doméstico... Porque todas as professoras elas acolheram nós com muito carinho e elas tinham uma delicadeza para tratar todo mundo, sabe... Então, o curso ajudou em tudo isso, não era um simples curso. Que nem tem a minha sobrinha que pagou quase R\$2.000,00 num curso de cuidador. Pergunta se ela está trabalhando na área, não. Pergunta se ela sabe a metade das coisas que eu sei, não. Ela não teve aula prática, ela, ensinaram umas coisas pra ela que tipo se fosse que nem técnico, sabe? Ensinaram ela a medir HGT, a verificar a pressão, a aplicar a insulina, aí eu olhei para ela e disse, Tu sabe que isso aí não faz parte do cuidador, isso é de uma técnica de enfermagem. Um cuidador não deve fazer isso.”

Aluna 4:

“Aquela agência HomeAngels, veio aqui, né, foi onde eu já encaixei no trabalho, né? Viram como eu era tímida, né? Então, me colocaram numa paciente mais tranquila. Aí, eu ficava com a paciente direto, né? Porque era só câmara que tinha para cuidar, né? Era só ela como paciente, então eu aprendi muita coisa na entrada. Então, pra mim foi muito ótimo. Comecei a falar mais, também. Me comunicar com as pessoas, né? Jantava, saía, ia no shopping com a paciente. Então, para mim foi muito bom... Os meus familiares viram muita coisa boa em mim. O curso me ajudou a lidar com o marido que é deficiente. Pois eu não sabia lhe dar com sonda, né? Eu não sabia aplicar injeção, né, insulina e essas coisas. Agora eu sei tudo. Agora sou apegada ao meu marido e preciso fazer tudo, né? Então, isso aí foi muito bom. Este curso me ajudou muito. Todos notaram a minha diferença, depois que sai deste curso, só coisa boa. Os vizinhos se estão precisando de uma coisa, eu vou lá, né? Vou nas casas, dou injeção quando precisam. Ajudo a minha vizinhança. Fiquei uma referência. Foi muito bom.”

Aluna 5:

“Via muitas mulheres que tavam ali procurando ser dona de si. Ser a dona do seu próprio nariz. Via muito elas falarem que o marido fazia, e elas saíram com outros pensamentos lá de dentro do curso, né? Tu não aprendia só a profissão em si, tinha psicólogo, tinha pedagoga, tinha várias funções que fazia com que a gente se soltasse e procurasse quem nós era, e do que realmente a gente era capaz. E muitas delas não se achavam capazes. E quando terminou o curso, viram que podiam muito mais, né? O curso começou por isso. Em apoiar essas mulheres, que eram agredidas, que eram... e eu entrei porque sobrou vaga, quando eu fiz a minha inscrição eu disse se tiver uma mulher que precise mais do que eu, pode passar a vaga. Pra mim, fez muito bem. Pena que acabou. Hoje, eu luto muito pelas causas das mulheres agredidas. Eu sou uma Promotora Legal, e a gente atende muito caso de mulheres que às vezes não são agredidas fisicamente, mas psicologicamente, pois são totalmente dependentes do marido. Eu acho que um curso como esses, sendo que na Lomba, nós estamos querendo patrocínio, estamos lutando para patrocínio, de alguns cursos para dar para estas mulheres. Às vezes não é o curso em si, mas elas saberem que elas tem capacidade de fazer alguma coisa, e que podem ser dona de si, que pode se manter, que não precisam depender de alguém, não precisam estar se humilhando para alguém. Hoje, eu sou rainha do meu mundo. Com todas as dificuldades que eu tenho, eu sei que se eu cair aqui eu vou levantar ali, eu tenho está força.”

Aluna 6:

“Eu conheci uma pessoa muito boa, né? Que inclusive eu conheci ele aqui. Lá em baixo, numa informação, né? Ele pediu uma informação e a gente começou a conversar, e a gente começou a conversar e a gente trocou telefone e aquela coisa toda. Ficamos um ano ainda, sabe? E estamos praticamente quase seis anos que a gente está junto. E quando eu peguei o primeiro contrato né, para trabalhar na Santa Casa. Tu tinha... porque assim ó, o cuidador tem que trabalhar padronizado como enfermeiro, foi exigido lá na Santa Casa. Eu tenho fotos no facebook, aí, eu me achava linda de jaleco, sabe? Olhava para mim e me achava tudo. Ali já começou a minha auto estima, você tá entendendo? Aí, eu comprei uma calça branca e tudo, eu me sentia a própria enfermeira, né. Então, foi uma coisa que puxou a auto estima, né. São lembranças que eu gravo muito boa. Eu peguei, sabe, o último que eu peguei, foi no Moinhos

de Vento, sabe? Ali, eu ganhei bem. Ali, eu ganhei R\$1.500,00 em 10 dias. Os cuidador, eles pagam bem. Foi muito fácil. Porque a minha mãe eu já internava algum tempo no Beneficência Portuguesa. Minha mãe dormia, eu ia para os corredor, entende?. Então, eu peguei muito, eu sou muito grata a, hoje eu digo colegas, porque na época eu era, hãaa, acompanhante de paciente e chegou o momento que eu cheguei a ser colega delas.”

Aluna 7

“Fiquei conhecida, comecei a participar mais das coisas. Muito mais das coisas. Em tudo, tudo. Eu já tava aqui na 10(parada). Eu já tava participando aqui da 10(parada). Sou líder comunitária e agora sou do projeto Elas por Elas... Esse EJA eu comecei, fiz o primeiro e o segundo tudo junto, Tinha o T7, T8 e T9. Quando eu estava no T9... Teve a greve de 90 dias, daí deu depressão em mim. Eu parei, fui no colégio e tranquei a minha matrícula com a direção, eu conhecia todo mundo lá dentro, me dava bem com eles, e eles disseram que no momento que abrirem de novo, tu volta, tua cabeça vai tá melhor, a gente vai te acompanhar, e se tu precisar de algum reforço, a gente vai lhe dar reforço por fora, pra ti não se atrapalhar nas aulas.”

Aluna 8:

“O curso, na verdade, te abre uma visão maior sobre, no caso eu tava fazendo sobre o idoso, né? Então, como eu tenho, na verdade eu fiz o curso pra minha família, por causa deles. É pro meu crescimento, como eu perdi pai, hoje eu tô vivenciando um câncer com a minha tia, de 83 anos. Então, esse curso só deu margem para tu crescer e como lhe dar com aquele paciente. Que é bem mais complicado. Paciente de fora é de um jeito. Paciente familiar é outro. Entendeu? Então, a gente nunca fez essa distinção A, B, C. A gente aprendeu isso, e eu passo para os filhos isso também. A gente nunca tem que olhar as pessoas com outros olhos. Tem que sempre tentar aprender com aquela pessoa. Tentar sempre fazer o certo. E a aula ajudou muito, com muita diversidade. A outra pessoa, a diversidade. Porque ali na aula tinha pessoas com bem mais idade, né, tinha as mais novas, aquelas que estavam por lá. Mas depois com a aula, e a turma por si, foi um crescimento. Um foi ajudando o outro até todas elas concluir. É um leque muito bom, é um aprendizado, porque ali tu convive com todos os tipos de pessoas que estão precisando, né? Que a gente mesmo sabia, né? Tinha como eu até que tinha pessoas de famílias que não tinha nenhuma visão. E a gente, uma passava experiência para outra. Então, esse é o leque que acho não pode se apagar. Acho que deve continuar. E continuar mais forte de como a gente está vivendo hoje, né? Hoje estamos vivendo no mundo, onde a mulher é o alicerce... ela é o pai, ela é a mãe e aí o que está se fazendo? ...hoje, a família não é só constituída de pai e mãe, uma mãe com outra, mas também o que eu vejo, não importa, tem que ser a constituição, bem estar.

Aluna 9:

“Porque como a gente passou por várias professoras, então a gente aprendemos um pouco de cada coisa. Coisas que eu não tinha... como vou te dizer... coisas que eu não tinha conhecimento e acesso, né? Tipo internet, essas coisas assim, que nós tivemos aula de internet. Eu não tinha acesso naquela época, então aprendi a lidar, conheci pessoas novas, as próprias colegas que nós vamos aprendendo com cada uma. Tem umas que somos amigas até hoje... Eu gostava de estar lá. Era bom porque... eu sou uma pessoa muito... como é que vou dizer... eu não sou uma pessoa de tá, eu sou meio quieta no meu canto, né? Então, sou muito caseira. Esse curso me tirou um pouco daquela minha zona de conforto, sabe?”

Aluna 10:

“Minha mãe é difícil, então assim, muita coisa utilizo do que aprendi lá. Como ela era uma pessoa ativa, até seus 80 e poucos anos, ela participava da terceira idade, ia pra baile, foi rainha da terceira idade, sabe, viajou. Aí, hoje ela está bem dependente da gente, sabe, Então ela fica muito pra baixo. Tem dia que ela quer morrer, sabe? Aí, o curso ajudou bastante pra entender o que e como ajudar ela, né?... é uma pena que não consegui desenvolver para estar trabalhando nessa área aí. Por causa da questão da empresa, que eu trabalho, né? Eu só ia poder trabalhar de noite, aí ia ficar muito puxado pra mim.”

Fonte: Dados da pesquisa, (Apêndice nº 1).

Observando a fala da aluna 01, nota-se que a maior contribuição que a qualificação profissional trouxe foi o amadurecimento para as atividades profissionais nas quais ela foi contratada: na primeira atividade, a escolinha que ela tanto queria trabalhar e que ficou por cerca de três anos. Na atividade atual, ela coordena uma loja de uma conceituada franquia de chocolates e que atende também o público infantil. Os conhecimentos passados no curso de cuidador infantil lhe auxiliaram e auxiliam muito na nova atividade que ela exerce. Ela também relata que mais meninas conseguiram se colocar na área do curso que realizaram, demonstrando que a capacitação profissional possibilita a empregabilidade num curto espaço de tempo.

É o caso da aluna 02, que também considera a empregabilidade como a melhor contribuição. Porém, ela não foi para a área do curso que havia realizado. Ela cursou o curso de Higienizador Hospitalar e logo conseguiu uma menina para cuidar com quem trabalha até os dias de hoje. Algumas alunas não conseguiam emprego na mesma área de atuação de seus cursos, algumas passavam rapidamente, mas o fato de se capacitarem permitia uma vantagem na hora de buscarem uma oportunidade de trabalho.

O comentário que a aluna 03 traz é sobre a importância que foi o acolhimento dos professores em relação à história de vida de cada aluno e a delicadeza, atenção e cuidado para tratar cada aluno com as suas diferenças. Também aborda a relevância de se saber os deveres e obrigações de cada classe profissional. Trata-se de uma aluna que está realizando outro curso, Técnico em Nutrição, e que, após a realização do curso de cuidador de idoso, ela mudou bastante em relação àquilo que os contratantes de cuidador lhe solicitavam para realizar com o paciente. Então, a capacitação técnica contribuiu com o conhecimento da profissão e como ela deve se portar diante de situações onde o empregador solicita atividades além daquelas que ela está habilitada para desenvolver.

A fala da aluna 04 demonstra que a melhora na sua autoestima foi a melhor contribuição que a capacitação técnica pode lhe proporcionar. Ela não tinha experiência prática com pacientes, mas, com os conhecimentos adquiridos e com o auxílio da empresa que lhe contratou, ela conseguiu se firmar na área de cuidadora de idoso. Ela comenta que começou a se comunicar mais com as pessoas, com mais facilidade, que

saía mais, que também acompanhava o paciente quando ela precisava sair. Os familiares da Aluna 04 notaram as mudanças que estavam ocorrendo com ela. E mudanças para melhor, pois ela pode ajudar muito, inclusive dentro de casa, com a doença do marido, que lhe tornou um cadeirante. Na própria comunidade onde ela vive, muitas vezes é chamada para ajudar os vizinhos que precisam de uma ajuda na área de cuidador de idoso. Ela passa de uma senhora que ficava em casa triste sem muitas perspectivas para uma mulher muito ativa profissionalmente e no seu meio social. O desenho feito pela aluna, onde ela retratava o seu sentimento após a realização do curso, foi de uma mulher mais alegre, bem arrumada, com maquiagem e cabelos penteados, com uma fisionomia de felicidade em seu rosto. Seu desenho foi colorido com cores mais vibrantes. Diferente do desenho apresentado antes da realização do curso, onde ela demonstra uma mulher triste e mal arrumada.

Figura 10 Desenho Aluna 4 – Antes



Figura 11 Desenho Aluna 4 – Depois



O depoimento da aluna 05 nos mostra que a capacitação técnica, especialmente nesse modelo do curso do Programa Mulheres Mil, contribuiu para seu autoconhecimento. Que ela e suas colegas eram capazes de fazer muitas coisas, que podiam fazer muito mais pelas vidas delas. E o curso permitiu que ela pudesse também lutar pelos direitos das mulheres, principalmente aquelas que sofriam agressões. Para além do curso de higienização que ela fez na época, hoje ela é uma Promotora Legal e continua ajudando mulheres a se conhecerem melhor e não aceitarem mais as agressões físicas e psicológicas que os seus companheiros as submetem. O seu desenho, onde ela demonstra a expressão após a realização do curso, traz uma mulher que se descobriu e que se tornou rainha de seu mundo. Ela desenhou uma mulher no centro da folha com uma coroa na cabeça, simbolizando sua valorização e empoderamento de si.

Figura 12 Desenho Aluna 5 – Depois



Para a Aluna 06, o curso e a capacitação técnica só lhe trouxeram coisas boas. Uma das conquistas foi a de um companheiro, que ela conheceu durante a realização do curso no Instituto Federal. Ela era viúva e tinha criado três filhos com muita dificuldade e, quando retoma os estudos, encontra também uma oportunidade de um novo relacionamento, que culmina numa relação que já dura quase seis anos. Outro ponto que ela traz é a realização do sonho de trabalhar dentro do hospital vestida de branco como as enfermeiras. Ela começou fazendo um bico, enquanto cuidava da mãe no hospital, e que terminou como a profissão de cuidador de idosos. Ela se sentiu muito realizada em poder estar usando a roupa toda branca e poder chamar as funcionárias do hospital de colegas. E isso tudo aconteceu após a realização do curso, que também possibilitou para a aluna uma boa renda como cuidadora de idosos.

A Aluna 07, apesar de todas as dificuldades que ela estava enfrentando na vida familiar, ainda encontrou forças para participar de outras formações posteriores ao curso. Fez novas formações na localidade onde mora, ficando conhecida entre as participantes. Atualmente, é líder comunitária e participa de um novo projeto na sua comunidade. Ela também teve a iniciativa de continuar os estudos através do EJA, Educação de Jovens e Adultos. Estava quase terminando, faltava muito pouco, mas a greve e os problemas familiares fizeram com que ela trancasse a matrícula e não retornou mais. Essa aluna, apesar de ter uma história de vida muito sofrida, tentou de todas as formas manter-se ativa e estudando para tentar mudar a sua condição.

Na fala da Aluna 08, nota-se a valorização que ela dá para a convivência com as diferenças que cada pessoa possui. Como é importante olhar para o outro e se colocar no lugar daquela pessoa. Entender que a diversidade faz parte do nosso dia-a-dia. Que também se pode aprender com o outro e com a diversidade. Menciona que as colegas do curso vivenciavam os problemas uma das outras e, se ajudando mutuamente, conseguiam crescer juntas. Uma ajudava a outra a enfrentar as dificuldades e crescerem juntas no curso e que isso ficava como aprendizado das aulas. Também faz um destaque importante no papel da mulher nos dias de hoje. Ainda destaca que a mulher hoje é pai, é mãe, é o alicerce de uma família, não importando o tipo de união daquele casal. O importante é ter uma estrutura familiar que possibilite uma boa educação e cuidado para as nossas crianças. A aluna, em seus desenhos, traz traços da sua experiência de vida através do respeito às diferenças. No primeiro desenho, ela desenha uma mulher bem vestida com saia e blusa com uma expressão tranquila, cabelos mais curtos e o desenho de uma cor só. No segundo desenho, após a conclusão do curso, desenha outra mulher com o vestido mais comprido, esvosante, com os cabelos mais volumosos e arrumados e desenho mais colorido; o corpo e o vestido todos em tom de azul e a boca com batom rosa. Mostrando-se mais vaidosa, mais feliz e segura de si.

Figura 13 Desenho Aluna 8- Antes

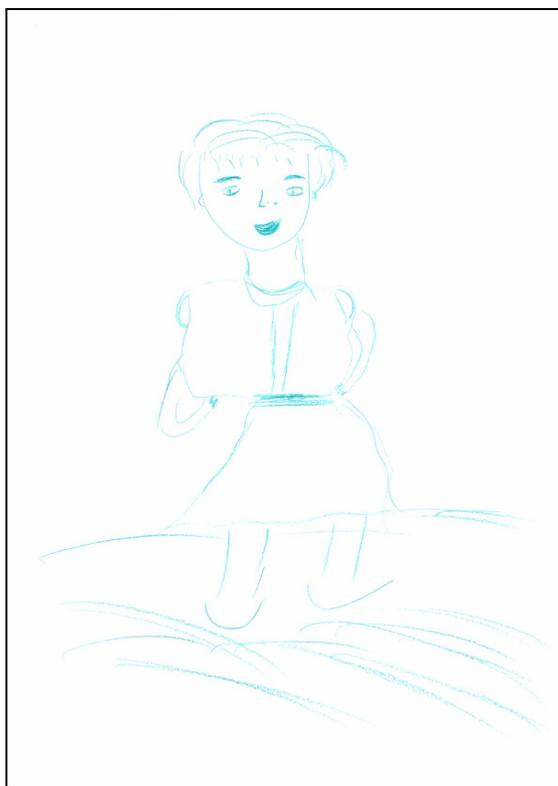
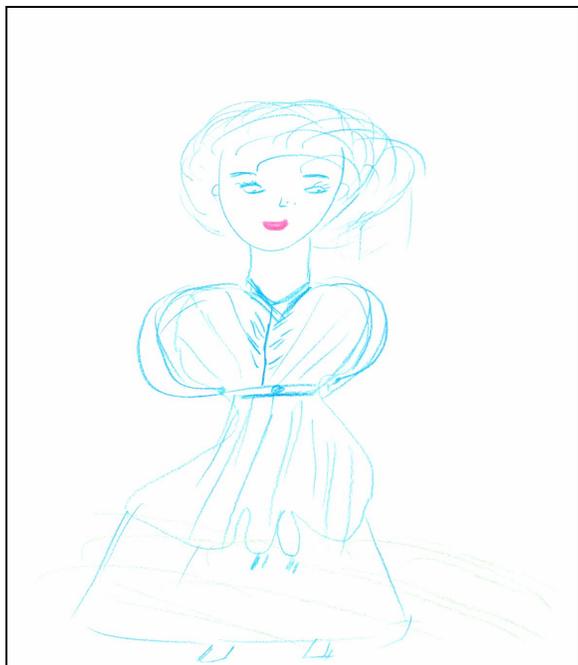


Figura 14 Desenho Aluna 8- Depois



A Aluna 09 comenta como foi bom para ela o acesso à tecnologia, no caso a informática e a internet, pois ela não tinha acesso anteriormente e, após a capacitação, começou a utilizar esse meio para comunicação. A convivência com outras pessoas também foi importante para que ela se sentisse mais desinibida, comunicativa, promovendo uma interação maior com as outras pessoas. Como foi comentado por ela, o curso propiciou a saída dela da zona de conforto, permitindo-se experimentar novas experiências sociais e profissionais.

A fala da Aluna 10 demonstra que ela acabou não atuando na área e que utiliza os conhecimentos do curso para cuidar de sua mãe. Ela fez muitas amizades e que a empresa na qual atua não possibilitou a atuação na área de cuidador de idoso.

CONCLUSÃO

O Programa Mulheres Mil, conforme descrito neste trabalho, tinha em suas diretrizes como objetivo promover o acesso à educação; contribuir para a redução de desigualdades sociais e econômicas de mulheres; promover a inclusão social; defender a igualdade de gênero e combater a violência contra a mulher. Assim, esse trabalho verificou como ocorreu o processo de implantação do Programa Mulheres Mil realizado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - IFRS, *Campus* Porto Alegre, contribuindo com a inclusão social de mulheres em vulnerabilidade econômica e social.

Sendo um curso FIC de, no mínimo, 160 horas, foi possível através das entrevistas e dos desenhos observar a transformação que essas alunas passaram. Esse tipo de formação proporcionou às alunas o descobrimento de suas potencialidades, resgatando o seu papel de mulher, mãe e trabalhadora.

Na fala das alunas, pode-se observar a importância que o PMM teve em suas vidas, desde o seu reconhecimento como mulher dona de si até a sua profissionalização. O programa dentro do seu escopo trazia, além do conhecimento técnico, o conhecimento do sujeito, sujeito transformador capaz de ser valorizado, respeitado e reconhecido como cidadão. Os resultados das formações trazem muito presente à elevação da autoestima, mudança nas relações familiares, o empoderamento e melhora do desempenho escolar dos filhos. Ao trabalhar a autoestima, algumas das alunas começam a romper com a situação de dominação, passaram a se dar conta do cerceamento de liberdade e de reconhecer sua própria condição.

Conforme os autores citados neste trabalho, todos corroboram que a educação é transformadora. Freire, em seus escritos, salienta a importância de respeitar o conhecimento do educando dentro do seu contexto social, para que, dessa maneira, se estabeleça um diálogo onde o educador e o educando construam novos conhecimentos. Essa troca de saberes e respeito foram possíveis observar dentro dos cursos realizado no IFRS Porto Alegre, nas falas de algumas alunas, onde relata a

importância dos professores em entenderem suas dificuldades pessoais, diferenças e do acolhimento que tiveram dentro da instituição de ensino.

Um aspecto importante a ser levantado é a valorização destas alunas em estarem frequentando um curso dentro de uma instituição de educação. Uma das alunas relata: “só de ter frequentado e concluído o curso as pessoas passam a te olhar diferente, te valorizam. Isso é muito bom”.

As falas das alunas demonstram o quanto a oportunidade de poderem resgatar seus estudos foi importante para essas mulheres. Elas perceberam que, apesar de estarem afastadas há muito tempo dos estudos, poderiam continuar buscando conhecimento, de uma maneira diferente de que estavam acostumadas na época em que frequentavam a escola. A acolhida que receberam por parte dos professores e da instituição também motivou essas alunas a continuarem frequentando o curso e aprimorando os seus conhecimentos.

Claro que apenas a formação de 160 horas de curso não é o suficiente para que as pessoas possam adquirir todo o conhecimento teórico e prático necessário de uma profissão. Mas a metodologia que foi utilizada pelo PMM pode contribuir muito para desenvolver um itinerário formativo para essas pessoas que precisam se profissionalizar. Pode ser um modelo a ser seguido não só para a formação de mulheres, mas também das demais pessoas que se encontram em vulnerabilidade econômica e social. Para que essas pessoas possam construir um futuro melhor para elas e as pessoas que as rodeiam, tendo a educação como o fio condutor dessa transformação. Que essa política possa ser resgatada novamente e proporcionar mais cursos e transformação nas vidas de mulheres que ainda necessitam de formação. E que os Institutos Federais possam ser os protagonistas da continuidade deste programa e proporcionar a mesma felicidade que as alunas que participaram da pesquisa tiveram, para mais mulheres que necessitam de uma formação profissional e melhoria na sua condição de vida. Somente a educação transforma a vida das pessoas e que investimentos nela continuem sendo disponibilizados pelos nossos governantes.

Referências

ABREU, Celestina; **Desigualdade social e pobreza: ontem, hoje e (que) amanhã;** Revista Angolana de Sociologia RAS; Angola; p. 93-111; 2012.

BORBA, A. A.; Lima, H. M.; **Exclusão e inclusão social nas sociedades modernas:** um olhar sobre a situação em Portugal e União Européia; Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 106, p. 219 – 240 , abr / jun. 2011.

BRASIL, Ministério da Educação; **Mulheres mil:** do sonho à realidade = Thousand women : making dreams come true = Mile femmes : du revê à la réalité. Organização: Stela Rosa; Brasília : Ministério da Educação ; 2011. 420 p.

BRASIL, **Cadernos de Estudos Desenvolvimento Social em Debate.** – N. 24 (2015)- . Brasília, DF : Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação, 2005; 180p.;

CASSIOLATO, M. M. M. C.; GARCIA, R. C. **Pronatec:** múltiplos arranjos e ações para ampliar o acesso à educação profissional. Texto para discussão / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.- Brasília : Rio de Janeiro : Ipea , 2014.

COMPARINI, Ingrid Picollo; **Indicadores emocionais no desenho e dificuldades comportamentais em crianças/** Ingrid Picollo Comparini – Campinas; PUC- Campinas, 2016, p. 137.

COSTA, A. A.; **Gênero, poder e empoderamento das mulheres;** Seminário de aprofundamento do trabalho com gênero no Pró-Gavião; Núcleo de estudos interdisciplinares sobre a mulher NEIM, Bahia, 2000.

FERREIRA JR, Amárico. **História da Educação Brasileira:** da colônia ao século XX/Amárico Ferreira Jr. São Carlos: EdUFSCAR, 2010. 123p.

FREIRE, Paulo; **Pedagogia do Oprimido;** 46ª Ed.; Rio de Janeiro; Paz e Terra, 2007; 213 p.

GROFF, Paula Vargas e PAGEL, Rogerio. **Multiculturalismo, democracia e reconhecimento.** Videre, Dourados, MS, Ano 1, No 2, p.54-64, jul/dez, 2009.

LOPES, Ana Maria D'Avila. **Da coexistência à convivência com o outro:** entre o multiculturalismo e a interculturalidade. *REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.* [online]. 2012, vol.20, n.38, pp. 67-81.

LOPES, José Rogério. **“Exclusão social” e controle social:** estratégias contemporâneas de redução da sujeitidade. *Psicologia & Sociedade*. Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 13-24, 2006.

MORAES, Roque; **Análise textual discursiva/** Roque Moraes, Maria do carmo Galiazzi; 2. Ed. Ver. Ijuí; Ed. Unijuí, 2011; 224p.

PACHECO, E.; CALDAS, L.; VIDOR, A. M.; REZENDE, C.; Org. **Perspectiva da educação profissional técnica de nível médio:** Proposta de diretrizes curriculares nacionais. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério de Educação. Fundação Santillana, Ed. Moderna, São Paulo, 2012.

RABELLO, Nancy. **O desenho infantil:** entenda como a criança se comunica por meio de traços e cores. 2a ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

ROMANO, Jorge O.; Marta Antunes **Empoderamento e direitos no combate à pobreza.** Rio de Janeiro : ActionAid Brasil; 2002; 116p.

SANTOS, Boaventura de Souza; **A gramática do tempo:** para uma nova cultura política; Ed. Cortez, São Paulo, 2006.

SEN, Amartya Kumar; **Desenvolvimento com liberdade/** Amartya Sen; São Paulo; Companhia das Letras, 2010.

APÊNDICE A - Transcrição das entrevistas

Aluna 01

Questão 14

Na época, porque eu sempre quis trabalhar nesta área, né? Eu queria muito trabalhar com criança, trabalhar em escolinha. E aí, como eu não tinha o ensino médio completo, aí dava porque eu não precisava.

-Chegaste a atuar?

Fiquei três anos numa escolinha. Cheguei no curso através do sócio ambiental, na época. Foi por ali que eu fiquei sabendo.

Questão 15

Sim. Na verdade, como eu queria muito trabalhar na área, foi onde me ajudou muito, né? Foi como eu pude trabalhar com isso, né? E como eu queria muito trabalhar com criança. Foi nessa parte que o curso me ajudou. Daí eu consegui realizar uma coisa que eu queria né? Eu achei uma coisa bem legal. Foi uma fase da minha vida bem boa assim. Além de eu ter feito várias amizades, que até hoje a gente se dá bem, né, as meninas do curso. A gente meio que aprendeu a lher dar com a gente mesmo, né? Mulher assim ó, como mulher trabalhando. Com a mulher tinha muito preconceito, na época mais ainda. Hoje em dia nem tanto né, mas na época mais ainda.

-Tu sentias que tinha preconceito?

Na questão de trabalho tinha sim. Sempre foi, né? Agora nem tanto, mas antigamente era. Não faz tanto tempo, né, mas tinha. Eu terminei o curso numa semana e na outra eu já tava empregada. Eu consegui muito rápido. Eu fui, larguei currículo nas escolinhas que eu achava que assim. Aí, a moça gostou de mim, e me contratou. Daí fiquei lá três anos. Eu adorei trabalhar lá. Eu saí porque é realmente uma área que não paga muito bem, né? E eu precisava ganhar muito mais, porque eu tinha me separado,

eu tinha ficado sozinha, eu precisava ganhar um pouquinho mais. Só por causa disso que eu saí, senão não teria saído.

Questão 16

Acho que sim, olha, como é que vou te dizer. Hoje, eu não trabalho mais na área, mas eu acho que melhorou em partes, que eu amadureci, né? Foi um jeito de eu amadurecer. Foi bom. Acho que nisso que melhorou. Eu amadureci, tanto no emprego que eu tô hoje, né, que tudo mistura, tanto lá na escola que eu trabalhei. Trabalhando numa loja de chocolate, a gente lida com criança o tempo todo. Então, você consegue aproveitar muita coisa. Eu gostava de trabalhar com crianças. Eu saí realmente porque era um mercado difícil, e fora que eu não consegui terminar os estudos, então, para mim, era bem difícil. E depois que eu tava lá dentro da escola, eles começaram a me cobrar muito, né? De tu fazer um magistério, ou ter, pelo menos, terminar o ensino médio. Eu não tinha tempo, tinha filho pequeno, né? Então, então, era bem difícil. Hoje, eu poderia, mas hoje eu tô preguiçosa. Mas na época não tinha condições, né. Não tinha como, né. E a gente era sozinha, né, meu ex-esposo trabalhava, não tinha quem cuidasse dele. Eu levava ele no curso, na maioria das vezes. Eu me dava super bem com todo mundo, e levava ele para o curso e as meninas me ajudavam a cuidar, a gente fazia aula prática e usava ele. Eu tenho até uma foto com ele na sala de aula. Eu gostava de tá lá. Era um modo de sair da rotina, né? E eu me dava bem com meninas e ele se dava também. Eu gostava, eu gostava. Era uma coisa bem boa, assim, de fazer, sabe? E eu podia levar meu filho sempre que eu quisesse, né? Até as professoras gostavam da presença dele lá. Os professores todos eram bons. Até tem uma que eu sou amiga até hoje dela.

Questão 17

Acho que não. Porque eu gostei. Achei que foi bom todas as partes e ajuda muito as pessoas. Acho que não tem o que mudar. Me ajudou muito, e algumas amigas, que fizeram comigo, também foram ajudadas. Tem uma colega que trabalha até hoje em

escolinha. Acho que não tem nada que mudaria. Na minha época, até tinha uma menina que tinha sido presa, e que tava fazendo o curso e que trabalha em escola até hoje. Foi uma coisa que ajudou muito as pessoas. Fez uma diferença bem grande. Na minha vida, foi bem grande. Eu gostei muito. E na das gurias eu acredito também. E tinha gente numa situação bem pior do que eu, né? E conseguiram coisas boas. A maioria conseguiu entrar no mercado, nesse mercado, né? E aí... tipo de quinze alunas, umas oito conseguiram entrar no mercado e ficar e as outras conseguiram entrar ou pelo menos passar, entendeu? Foi ótimo.

Aluna 02

Questão 14

Fiz o curso indicado pela dona de uma creche da Lomba do Pinheiro. Fiz o curso para ter uma experiência a mais. E para me colocar no mercado.

-Isso aconteceu?

Não, na verdade não porque eu mudei o rumo e acabei pegando essa menina para cuidar, e cuido até hoje. Eu iria, sim, porque nós ia fazer pra, pra... foi o professor Fernando, que ia conseguir para nós lá no Conceição. Aí, eu poderia ter pego lá. Teria que ter o curso. Lá no Conceição é assim, só se você tiver o curso. Mas aí eu acabei ficando com ela.

Questão 15

Ajudou muito, muito, muito.

- E como foi essa ajuda?

Foi maravilhoso. Eu adorei. Pelas gurias, por tudo. A gente se encaixou bem e foi bem legal. Muito tri, todo mundo. Muito tri mesmo. Os aprendizados, as aulas eram bem

divertidas. Principalmente a do professor Valter. A gente saia pra rua, muito bom. Maravilhoso!

-O que você faziam na rua?

Ele levava a gente no teatro, ele levou a gente no museu.

- E tu já tinha ido ao teatro e ao museu?

Sim, Sim. Já tinha, mas aí ele levou a gente para conhecer. Isso pra mim foi maravilhoso. O curso foi bem diferente, não foi só um curso. A gente teve várias atividades. Teve bastante coisa assim, bem diferente.

Questão 16

Com certeza, a visão da gente abre bem mais. Até em casa você pega a mania. Até em casa você pega a mania de querer limpar tudo. Muito tri! Eu, quando chego num hospital, dá vontade de dizer: está errado, não é assim que se limpa, risos... Eu já estava até querendo ensinar os outros. Mudou bastante. Fiz o curso e, uma semana depois de terminar o curso, apareceu esse serviço. Aí, peguei e disse que depois eu mudo, mas acabei não mudando até hoje.

Questão 17

Não mudaria nada. Não tenho nenhuma queixa. Gostei muito do curso. Achei muito tri! A gente ganhou material, transporte e alimentação. Ganhamos tudo. Foi tranquilo. Na verdade, se não tivesse essa ajuda, eu conseguiria fazer o curso. Mas tinha bastante meninas que não conseguiriam. Era uma ajuda bem legal. Muito tri. Só não vinha realmente quem não gostou ou não quis, ou não se interessou, porque foi uma baita oportunidade, até para ti aprender e a trabalhar mesmo. Porque deram passagem, deram vale alimentação, não tinha como, né? Ficou uma coisa muito boa. Até porque a gente ainda se fala até hoje. A gente se reúne para sair, toma um café, a gente se encontra até hoje.

Aluna 03

Questão 14

Na verdade, eu já tinha trabalhado como cuidadora de idoso, né? Então, eu tinha alguma experiência e nós ajudamos até porque o curso não dava aula prática. Então, aí as colegas que nunca tinham trabalhado, nunca tinham, não sabiam como mudar um idoso, como, hum, não sabiam como dar um banho de leito no idoso, e aí a nossa turma como nós tinha que era eu, mais, acho umas três que já tinham sido cuidadoras, tinham outras que trabalhavam, tinha uma que se não me engano era técnica em enfermagem ou tava fazendo técnica, então tinha uma noção. Aí, nós pegamos uma aula de uma professora e ela deixou a gente fazer uma aula prática. Aí, teve uma colega que levou colchonete, a outra levou a fralda geriátrica, eu levei lençóis, levei dois jogos de lençol pra como poder criar um ambiente e teve uma colega que se candidatou para ser o idoso, pra gente mostrar para aquelas pessoas que não sabiam como era trocar um paciente num leito, como era dar um banho de leito no paciente, como era..., aí, o paciente sujou a cama, como é que vou fazer agora, estou sozinha. Aí a gente ensinou, entendeu, como fazer a troca daquele lençol com o paciente na cama, que tem todo um método, né? Foi lá no curso que a gente aprendeu que cuidador é uma coisa, e que técnica de enfermagem é outra, né? Foi lá no curso que a gente aprendeu que não tem por que a gente saber. hãaa, o tipo de um HGT, de pressão, que não faz parte de nós né, e aí foi bem interessante a aula. E a gente aprendeu também, aí porque eu vou querer saber de gestão de uma coisa assim que nós tinha também. Eu digo, isso é legal, porque nós precisamos saber nossos direitos, né? E o curso foi muito legal nisso. A gente soube o que era, o que era os nosso direitos e o que deveríamos fazer. Que às vezes tu vai para trabalhar numa casa de cuidador de idoso e eles acham que tu é a doméstica. Teve esses dias, minha sobrinha está atrás de serviço e apareceu uma de cuidador de idoso. Era para trabalhar o dia inteiro, a noite inteira e aí depois, no outro dia, tava de folga. Só que a mulher queria pagar R\$1.200,00 e assim ó, ela ia ser a cuidadora da senhora, ela ia ser a faxineira da casa, ela ia ser cozinheira da casa, ela ia ser lavadeira da casa. E a mulher disse é isso. Aí, eu me meti na conversa e disse que

isso era um trabalho escravo. E no curso você aprende isso, separar as coisas, o que é uma e o que é outra. Chegou pelo CRAS Leste.

Na verdade, eu nem sabia desse Mulheres Mil, né? Eu fui no CRAS para fazer o NIS e aí vi.. ummm, que eu queria fazer a carteira de motorista, aí vi um papel ali dizendo, curso de cuidador de idoso. Então, eu disse bah, me interessei, mas fui embora. Aí, deu caso, aquela coisa, todo aquele stress, me separei. Bah! Eu tenho que fazer alguma coisa, né e ficar de boa, não queria. Daí voltei lá, daí perguntei, daí não tinha mais. Não tem mais a vaga. Eu disse, mas tá, vou deixar meu nome. Se aparecer, vocês me chamam. Eu tive a sorte, uma das mulheres, não sei quem, desistiu e aí eles abriram, desistiram, aí eles resolveram abrir uma nova turma, foi isso que aconteceu. Mulheres Mil ia acabar, mas aí eles resolveram no último ali, no final do mês ali, uma última turma. Eram duas turmas de cuidador de idoso e duas turmas de cuidador infantil. Os recebimentos da alimentação atrasou um pouquinho, mas depois recebemos os acumulados. Nós juntávamos para poder ter, a gente, claro tinha umas ali que guardava para comprar o leite para as crianças. Essas coisas assim. Aí, nós, que graças a Deus na época não passava necessidade, nós juntava e pegava esse valor e nós fazia, tipo um dia uma levava um bolo, outro levava outra coisa e compartilhava.

Questão 15

Muito. Mudou muito. Mudou bastante. Assim ó, a autoestima nem se fala, porque a gente fica só em casa, né? Eu fiquei em casa cuidando do meu guri. Quando deu o caso que acabei me separando, digo não quero ficar em casa. Resolvi sair. Então, isso ajuda muito e tinha, e assim ó, eu achava a minha vida era um caos, quando tu entra lá e começa a descobrir as história de tudo, nossa!! Tu não tem problema. Aí, eu não vou reclamar mais, não tem problema. Tinha uma que tava ali por causa de uma depressão profunda porque perdeu a filha. A filha morreu num acidente de carro. Ela tinha outros filhos, mas mãe um filho é um filho, né? Aí, me lembro que tinha uma outra que também tava numa fase que, tipo o marido não separava ou separava. Tinha uma outra que também tinha separado, bem nova a guria. Já tinha dois filhos e achava que o marido

humilhou ela, assim horrores, entendeu? A guria novinha, a coisa mais linda, a fulana, nunca me esqueço dela. Coisa mais querida ela. Linda e o cara colocou ela lá no cu do cachorro, sabe? Aí, nós começamos, e aí ela faltou, não queria mais nem ir. Eu comecei a chamar ela, né? Eu tenha essa coisa, né? Comecei a chamar ela e aí eu disse não, vamo, vamo, que tu tem que ir, não é assim, tu tem que vim, tu tem que, sabe? E parece que ele não queria ficar ou a mãe dela, não sei quem com quem ficar os filhos. Eu disse pra ela: se for o caso tu traz eles junto, a gente assina o papel toda a turma e fala que a gente aceita teus dois filhos pra ti não parar de estudar, mas, no fim, eu sei que o pai dela resolveu ficar com os filhos pra ela poder fazer o, e no fim ela acabou voltando para o cara. Voltou e vi no face que parece que está até hoje. Parece que ele mudou. Ela era muito submissa, né? Só ele trabalhava e ela não. Nós falava pra ela, né, que isso é errado, que nós, a gente tem que sair, a gente tem que fazer alguma coisa. Não dá para ficar dentro de casa. Aí, eu saí, eu fui. Tanto que eu fui, teve uma agência HomeAngels, eu fui uma das primeiras a ser contratada pela HomeAngels. A gente se formou em dezembro, ali passou o dia primeiro, dia quatro de janeiro eu comecei a trabalhar. Eu fui a primeira da turma a seer. Saí praticamente empregada. Aí, fiquei uns dois anos com a HomeAngels. Ao menos pagavam muito bem. Olha, vou dizer que é uma das melhores agências que melhor paga. Não sei agora como está. Precisava só do curso, não precisava nem ter experiência. Só ser do curso já tinha uma vantagem enorme. Eles foram até lá na sala, fizeram toda a propaganda, falaram que através deles não precisava de experiência porque eles eram a experiência pra nós, pros clientes, né? Que os clientes tinham essa confiança neles, né? E eram tudo clientes padrão altíssimo, então, a gente ganhava muito bem. Vou dizer que era uma época minha, que vou dizer que eu ganhava quase R\$3.000,00 num mês. Peguei, vou te dizer, peguei um paciente muito bom. Era até aqui perto a paciente, dona Siclana. Trabalha de segunda a sexta só, porque o familiar não queria sábado e domingo e tirava tudo isso. Porque o passe é que tudo depende do paciente, né? Então, a filha da paciente pagava muito bem a HomeAngels, então, a HomeAngels nos passava muito bem. Muito ética e não tenho o que falar. A HomeAngels, olha, era muito ótima. E aí comecei a pras gurias. Ô, gurias, eu tô na HomeAngels, vamos, é certa, eu sei que um monte de gente. Tinha uma colega minha que estava até agora. Nesse meio tempo, já

tinha voltada pro meu marido, que só foi um stress. Na verdade, acho que era mais isso, de eu ficar só em casa, né? Achar que tinha que cuidar do filho. E agora só não tô por causa que tenho a função que vou fazer a cirurgia bariátrica. E nem adianta começar. E aí acabei agora resolvendo fazer esse curso (Técnico em Nutrição) também.

Questão 16

E sabe o que interessante do Mulheres Mil que eu achei? Que ele não é um simples, não foi um simples curso, eram os professores, eles tinham uma noção de que eram mulheres, né, que vinham de algum problema, né, familiar ou sempre tinha, eu acho, assim ó, de 100%, 10 % não tinham um problema doméstico. Bem nessa, sabe? Então, o curso, as professoras sabiam, tanto que a nossa turma deu presente para todos os professores. Porque todas as professoras, elas acolheram nós com muito carinho e elas tinham uma delicadeza para tratar todo mundo, sabe. Nós tinha uma colega que não me lembro o nome dela agora. Ela era evangélica, muito idosa era ela, sabe? E ela tava ali porque também queria voltar para o mercado de trabalho. Ela nunca tinha trabalhado, sabe? Muito legal! Tinha uma outra fulana, que eu lembro que ela tinha uns irmãos adotados, assim, né? E que ela tinha uns problemas que dava para ver, sabe? Questão física que ela era, assim, muito fechada, que ela era gorda, sabe? Eu, pra mim, isso nunca foi problema, mas ela tinha problema. Então, o curso ajudou em tudo isso, não era um simples curso. Que nem tem a minha sobrinha que pagou quase R\$2.000,00 num curso de cuidador. Pergunta se ela está trabalhando na área, não. Pergunta se ela sabe a metade das coisas que eu sei, não. Ela não teve aula prática, ela, ensinaram umas coisas pra ela que tipo se fosse que nem técnico, sabe. Ensinaram ela a medir HGT, a verificar a pressão, a aplicar a insulina, aí, eu olhei para ela e disse: tu sabe que isso aí não faz parte do cuidador, isso é de uma técnica de enfermagem. Um cuidador não deve fazer isso. Tu tem, é claro, saber passar a alimentação, né? A pessoa já tá ali com a sonda, né? Ok. Tu vai lá e isso te ensinam. Como tu limpar o local, isto tu pode fazer porque é de ti, agora tu passar uma sonda tu não tem que saber disso. Saiu, saiu, chama um técnico ou um familiar ou se tu tá numa

clínica, chama o responsável que vai vir uma enfermeira, que para passar uma sonda nem técnica pode fazer, tu imagina a gente como cuidadora vai fazer, não pode. É um risco muito grande. E ela pagou tudo isso, e vou te dizer não está nem trabalhando, porque não indicaram ela para nada. Então, o que adianta tu pagar. E se tu for ver tem curso de cuidadora horríveis de caro que não dão a metade das coisas. Nós tínhamos até um grupo no face. Agora acho que até apagou. Só sei que nós tínhamos um grupo. E eu tenho a Lisi, que era professora nova, né? E tem aquela outra também, que agora ela não está mais ali, ela, é que mais conversava com nós. Toda naturalista. Foi ela que nos levou no passeio lá no Yoga, que cantava tipo um mantra e que nos deixava tudo zen. Ela fazia esse tal de mantra e ficou para todo mundo fazer. Agora, ela está viajando. Ela foi fazer uns tur por aí, na América Latina, aquela coisa toda, numa Kombi com o marido dela. E até a gente dizia para ela, quando vir para Porto Alegre nos avisar, que a gente vai lá. Que ela vem na redenção e fazia, sabe? Até teve uma colega que foi. Mas era muito legal. Bem legal.

Questão 17

Não. Nada. Só seria interessante voltar. Voltar o Mulheres Mil seria muito melhor, sabe? É a única coisa que eu digo assim. A gente fez amizades ali que a gente até estava vendo para se encontrar. Amizade muito longa. Muita gente não tinha acesso à Internet e a professora deu isso. E aí fizemos o face lá. Muita gente fez o face no grupo. E a Márcia tinha o marido que era extremamente ciumento. O marido dela ficou brabo que ela fez lá e que não fez com ele junto. Depois ela mudou e colocou com o nome dos dois juntos.

Aluna 04

Questão 14

Ah, o que me incentivou muito foi que eu queria sair para trabalhar. Não queria ficar mais em casa. E também, né? Sair para ver pessoas, né? Que eu não via. Só ficava trancada em casa. E o curso foi muito bom, para aprender a falar muito bem também, então, para mim, foi ótimo. Fiquei sabendo do curso pela assistente social do CRAS, Santa Rosa.

Questão 15

Sim, foi muito bem. Aquela agência HomeAngels, veio aqui, né, foi onde eu já encaixei no trabalho, né? Viram como eu era tímida, né? Então, me colocaram numa paciente mais tranquila. Aí, eu ficava com a paciente direto, né? Porque era só câmara que tinha para cuidar, né? Era só ela como paciente, então, eu aprendi muita coisa na entrada. Então, pra mim foi muito ótimo. Comecei a falar mais, também. Me comunicar com as pessoas, né? Jantava, saía, ia no shopping com a paciente. Então, para mim, foi muito bom. Antes, eu nunca fazia. Ficava só em casa. Da casa para o médico. Do médico para casa. Os meus familiares viram muita coisa boa em mim. Pois as coisas que eu não podia dar para os meus filhos, comecei a dar. Desde a reforma da minha casa, que eu nunca conseguia terminar a minha casa, né? Agora, a minha casa é de dois piso, né? Aí, eu comecei a trabalhar, terminamos a casa, reformemos, colocamos ar condicionado que não tinha. Então, meu filho, tem tudo. Os móveis, tudo bom. Bom mesmo. Coloquei televisão em cada peça, menos na cozinha, né? Mais o computador. Eu pude dar o melhor para eles. Tudo isso, depois que eu fiz o curso. Como cuidadora de idoso. E a outra Isa ficou pra trás, comecei a sair, porque as amigas convidavam muito. Faziam uma festinha, eu ia, então, né? Foi muito bom. Fiz muitas amigas. A Marcia, de Canoas, a gente se encontra até hoje. A gente sai para jantar com ela. Eu só não levo o meu marido, porque ele agora é cadeirante. Então, mas, eu levo o filho, né? O curso me ajudou a lidar com o marido, que é deficiente. Pois eu não sabia lhe dar com sonda, né? Eu não sabia aplicar injeção, né, insulina e essas coisas. Agora, eu sei tudo. Agora sou apegada ao meu marido e preciso fazer tudo, né? Então, isso aí foi muito bom. Esse curso me ajudou muito. Todos notaram a minha diferença, depois que saí desse curso, só coisa boa. Os vizinhos, se estão precisando de uma coisa, eu vou lá,

né? Vou nas casa, dou injeção quando precisam. Ajudo a minha vizinhança. Fiquei uma referência. Foi muito bom.

Questão 16.

Muito. Muito. A gente não tinha um carro. Hoje, a gente já tem. A minha vida mudou, assim, cem por cento. Em tudo. Minha autoestima era lá embaixo. Lá embaixo. Não gostava de me arrumar, não usava batom, joias, nada. Então, a minha autoestima foi lá em cima. Não ia nas amigas, nada. Se tinha que ir em uma festa, ia assim mesmo, ia de qualquer jeito. E, hoje em dia, não, eu me sentia bem depois do curso.

Questão 17.

Tu sabe que eu não mudaria. Porque, pra mim, foi muito bom. Só que deveria ter mais, né? Abrir para outras pessoas. Têm muitas mulheres que também querem sair e fazer alguma coisa. Mas como não tem o curso, não conseguem. Ninguém aceita sem o certificado, né? A maioria exige o certificado. Depois vão indicando. As portas se abrem. Hoje, eu vivo de cuidador de idoso. Eu tenho hoje duas pacientes. Porque uma eu entro na sexta e só saio na segunda. Todo o final de semana. E a outra é um dia sim e um dia não. Consigo um bom dinheiro. Tô feliz, graças a Deus. Eu gosto do que eu faço. No curso, eu não sabia que o meu filho era esquizofrênico, ele quebrava tudo e eu achava que era uma insegurança. Aí, eu comecei a notar, mas não é. Aí levei no médico ele, e descobriram que ele era esquizofrênico. Antes, eu não notava. Aí, eu comecei a cuidar mais, né? Levei no médico, né? Que eu não levava, né? E o meu filho autista também, eu fui descobrir quando ele tinha sete ou oito anos, durante o curso. Então esse curso foi muito bom para mim. Ótimo mesmo.

Aluna 05

Questão 14

Como você se sentia antes de fazer o curso? Como tu se via? A vida estava muito louca. Foi uma época que eu me descobri. Porque eu me assumi gay em 2011. Daí fiquei três anos com uma mulher. E aí me separei no início de 2013, mais ou menos, 2014 aí eu descobri que tinha um universo enorme, sabe? Sabe criança num pote de mel, era eu descobrindo um mundo novo, então eu tava muito louca. 2011 a 2014 + ou - eu tive uma única mulher. E naquele tempo eu me perguntava se eu largasse dela como é que eu iria, onde eu iria encontrar outra mulher. Onde é que existia esse mundo gay que eu não conhecia, sabe? Então, eu fiquei três anos com ela assim, quase que dependente dela, sabe? Aí, quando eu terminei com ela, que eu descobri o mundo gay, sabe, abriu um leque de opções, me perdi no mundo. Era um misto de explosões. Sabe, era uma coisa muito louca. Acho que hoje eu me centrei, sabe?

Na verdade, eu sempre fui uma líder comunitária. Na época, tinha muitas vagas aberta e eles estavam com medo que fechasse o curso. E eu, bom, aprendizado nunca é demais. E outra, eu estava numa fase assim, perdida, tinha que colocar um rumo, né? E outra, eu queria voltar a estudar. Bom, vou fazer esse curso, porque, como vai ser todo o dia, é sala de aula, eu quero ver se eu ainda tenho capacidade de voltar a estudar. Então, foi por isso, acho que para eu ver o que realmente eu queria da vida. E como eu trabalhava com limpeza mesmo, né? Então, a higienização veio a calhar. Me ajudou, não só na higienização ou na profissão, como também eu conseguia me dar mais uma centralizada e ver que eu ainda tinha pique para voltar a estudar.

Questão 15

Muito, muito. Inclusive, assim, depois que eu fiz o curso, abriu muito o leque. Eu trabalhei no HPS, no Presidente Vargas, no momento que eu dizia que tinha um curso de higienização hospitalar, eles nem me questionavam o restante. Sendo que, no Presidente Vargas, eu entrei e fui direto para o bloco cirúrgico, porque eu tinha o curso de higienização hospitalar. E no serviço que eu tô hoje, eu entrei primeiro na higienização. Lá no Lar Padre Cacique, eu entrei lá na higienização. Então, eu falei para o Seu RRRR, que é o chefe de lá, que eu tinha o curso de higienização hospitalar,

ele não me fez mais pergunta nenhuma, me contratou na hora. Bastava eu falar que tinha o curso de higienização hospitalar. Então, o fato de tu ter noção, mesmo que na limpeza, mas tu ter uma noção de hospital, significa detalhes, né? Significa tu ter noção do que vai fazer. E não só para mim. Tive contatos com outras gurias e tu vê a diferença. A PPP, além de higienização, ela fez o de cuidador de criança. Ela fez outro curso.

Questão 16

Para hoje contribuiu muito. Em todos os sentidos, me abriu um leque. Ele foi o primeiro passo. Eu voltei a estudar, vi que eu ainda tinha pique para voltar a estudar. O fato de dizer na época e dizer até hoje que tu é uma higienizadora, tu não trabalha em serviços gerais, tem diferença, tá? E lá no serviço onde eu tô agora, também. Antes era as gurias da limpeza. E como lá tem enfermaria, um dia nós estávamos em uma reunião, e a gente não é serviços gerais. Nós somos higienizadoras, porque a gente higieniza os locais, nos higienizamos a enfermaria, eu não sou uma mulher da limpeza. Não, Sr. RRRR, eu sou uma higienizadora, tem muita diferença de uma coisa e da outra. Tu vê então que o curso me deu essa força de eu dizer, não, eu não sou da limpeza. Não que seja, não é que seja se humilhar ou outra coisa. Mas te dá um empoderamento, né? Te empodera de uma coisa que tu tem conhecimento. E as pessoas não vão bater de frente, porque tu tem aquele conhecimento. Aí eu digo, né? Limpar em casa não é o mesmo que limpar uma enfermaria. E provo pra eles o porquê disso, né? Tu sabe que eu não passei pelo fato da agressão, da humilhação, mas eu via isso no curso, né? Via muitas mulheres que tavam ali procurando ser dona de si. Ser a dona do seu próprio nariz. Via muito elas falarem que o marido fazia, e elas saíram com outros pensamentos lá de dentro do curso, né? Tu não aprendia só a profissão em si, tinha psicólogo, tinha pedagoga, tinha várias funções que fazia com que a gente se soltasse e procurasse quem nós era, e do que realmente a gente era capaz. E muitas delas não se achavam capaz. E quando terminou o curso, viram que podiam muito mais, né? O curso começou por isso. Em apoiar essas mulheres, que eram agredidas, que eram... e eu entrei

porque sobrou vaga, quando eu fiz a minha inscrição eu disse: se tiver uma mulher que precise mais do que eu, pode passar a vaga.

Questão 17

Eu não mudaria nada. Muitos reclamavam da distância, mas eles davam passagem, eles davam alimentação, então não tinha o porquê de elas não vir, eles davam meio de vir, eles davam meio de se alimentar. E eu gostei muito do curso, eu não mudaria nada. Pra mim, fez muito bem. Pena que acabou. Hoje, eu luto muito pelas causas das mulheres agredidas. Eu sou uma Promotora Legal, e a gente atende muito caso de mulheres que às vezes não são agredidas fisicamente, mas psicologicamente, pois são totalmente dependentes do marido. Eu acho que um curso como esses, sendo que na Lomba, nós estamos querendo patrocínio, estamos lutando para patrocínio, de alguns cursos para dar para essas mulheres. Às vezes, não é o curso em si, mas elas saberem que elas têm capacidade de fazer alguma coisa, e que podem ser dona de si, que pode se manter, que não precisam depender de alguém, não precisam estar se humilhando para alguém. Hoje, eu sou rainha do meu mundo. Com todas as dificuldades que eu tenho, eu sei que se eu cair aqui, eu vou levantar ali, eu tenho essa força.

Aluna 06

Questão 14

A minha mãe. Porque a minha mãe já tinha limitações, entendeu? E eu, de uma certa forma, sempre me identifiquei muito com idosos. Então, a minha mãe ela foi o ponto X pra mim. Eu cuidei dela. Aí, quando eu tinha que trabalhar de noite, meu irmão ficava com ela pra mim. Aí, eu chegava dos plantão, tomava conta dela. De tarde, dava banho nela, botava ela para dormir, daí eu descansava. Na realidade, eu estou tratando de uma depressão, difícil, desculpa, viu? Então, a minha mãe, ela foi assim, tudo para mim. Primeiro, eu aprendi a lidar primeiramente com ela, né? Daí foi uma

consequência o curso, né? Eu tive muito conhecimento, porque ela ficava muito no hospital e aí uma coisa que acabou levando a outra, até que aí, fiquei trabalhando até pouco tempo na área, né? Depois que ela se foi, eu trabalhei ainda uma época, só que agora eu já tôoo...Eu digo que minha mãe ela se foi e me deixou meus velhos, que eu falo assim, né? Uma herança são duas hérnias de disco, que a gente trabalha muito com peso o cuidador, sabe? Então, o que me motivou foi minha mãe, foi ela. Me ajudou porque assim ó. Eu posso falar mesmo? Porque assim ó. Eu sempre fui pai e mãe, eu fiquei viúva com 29 anos, né? Do meu primeiro marido. Então, eu tinha uma, duas meninas e tava grávida do guri. Então, eu larguei tudo, larguei os estudos, larguei tudo, sabe? Pra me dedicar. Aí, meu marido morreu, logo. Aí, eu tive que começar a me virar né, a trabalhar, eu trabalhava com faxina, eu trabalhava, vendia coisas assim, salgado, doces. Então, eu tive que aprender a, né? Só que chegou num momento, assim ó. Que eu queria mais um pouco para mim, entendeu? E eu não queria menosprezar aquilo que eu tava fazendo, mas eu queria buscar um pouco a mais, né? Foi aí, que eu cuidando da minha mãe e tudo, né? Eu já tinha ouvido falar, na época falavam em assistente geriátrica, não falavam cuidadora, sabe? E aí uma coisa levou a outra, né? Aí, me ajudou muito, sabe? O curso, hãaa, as experiências que eu tive, né, de trabalho, hãaa, eu ganhei muito, porque o cuidador ganha muito bem, ganha tão bem quanto um enfermeiro, né, e aí, porque eu acredito assim ó, que o cuidador tem que dar um tanto de amor, entendeu? Me ajudou muito e foi aí que eu consegui ter ummm, aí eu já tinha um quadro de depressão, sabe? Porque as coisas eram muito difíceis, porque eu criava quatro, aí as minhas duas maiores cuidava dos menores. Eu tinha uma mãe para cuidar, tá, né? Então, o curso me ajudou muito assim, sabe? Eu fiz muita amizade, eu conheci muitas pessoas, sabe? Aí depois que fiz o curso, eu busquei um pouco da autoestima em mim, sabe? Eu era uma mulher pra baixo, era uma mulher, que não tinha nem comigo mesmo, sabe, estímulo comigo, sabe, e aí ali eu vi, me descobri, né? Quando minha mãe morreu, aí fechou o círculo, sabe, tipo, a minha, a minha parte eu fiz. Meus filhos todos criado, né? Graças ao curso, porque, como eu disse, eu ganhei bastante dinheiro para poder arrumar a minha casa, para poder dar coisas para os meus filhos, que eu não tinha condições de dar. Na época, eu trabalhava nas outras áreas, né? Então, resumindo, assim ó, hoje eu não tô trabalhando na área, né? Mas eu

acho assim, ó, o que tinha que ter feito eu fiz, e hoje eu cuido de mim, sabe? Meus filhos estão todos criados, meus filhos estão todos encaminhados, graças a Deus, né, porque quando eu conheci esse meu atual marido, os meus filhos já eram adultos bem dizer, né? Então, eu fui pai e mãe de quatro sozinha, sabe, e hoje cada um vive a sua vida, cada um, sabe, que eles estão bem direcionados, assim, sabe? Nenhum foi para o lado da maldade, sabe, e hoje eu cuido de mim, hoje eu cuido de mim. Então, não tô mais trabalhando na área, né, mas eu cuido de mim, eu faço aula de dança todas as terças-feiras, eeee, eu renasci. Até porque assim ó, minha mãe se foi, a depressão meio que me pegou, então eu tinha que buscar um escape, né? Aí, como eu já participava do projeto lá do Grupo Hospitalar Conceição, que se chama chalé da cultura, eu comecei a aprender a fazer pano de prato, panoterapia lá, né? Então, o que eu faço, hoje eu sou uma vovó em casa que faço pano de prato pra vender, faço doce e cuido de mim e vivo minha vida. Mas, tudo isso, eu agradeço ao curso, porque foi o curso que me deu a motivação de eu querer melhorar. Acho que falei demais, né? Fiquei sabendo do curso através de uma amiga minha. Não sei como ela ficou sabendo. Sei que foi muito difícil para eu fazer, sabe? No CRAS, era uma burocracia, e naquela época eu era muito desmotivada, sabe, eu era tipo há não vou fazer, não vou fazer, não vou fazer. Hoje, não, sabe? Então, eu era muito desmotivada e ela passou isso, para eu ir no CRAS, fazer todo o processo. Aí, consegui fazer o curso. E foi muito bom.

Questão 15

Eu acho, tudo isso que eu falei sabe, hãaa, fez muito bem, né? Como eu, repito né, o curso me deu, minha mãe foi o incentivo, mas o curso foi o que me tocou pra rua, sabe? Foi buscar outros horizontes assim, né? Eeee, tudo isso ao curso. Hoje em dia, como eu falei para vocês, né? Se hoje eu tenho uma vida, não, o que eu posso te dizer, assim ó. Eu tenho uma vida boa, porque meus filhos são felizes, né? E pra uma mulher que criou quatro filhos. A minha filha mais velha tem 28 anos, né? E uma mulher que criou quatro filhos sozinha, teve “n” dificuldades, assim, né? Tinha um bebezão de 89 anos pra cuidar, cuidando 10 anos, entendeu, eu me sinto assim, uma vitoriosa sabe, mas

graças ao curso. Porque se eu não tivesse feito o curso, eu, na época, poderia ter ido para o hospital espírita, porque eu tinha uma depressão muito forte, entendeu? Eu não tinha, eu não dava assim ó. Não bonita, não é. A gente tem que se sujeitar, né? Mas eu era baixo, sabe, não tinha ânimo, eu fazia as coisas porque eu tinha que fazer, né? A minha vida se tornou rotineira e o curso foi uma coisa assim, ó, não só o curso. Eu gostava daqui ó, eu gostava deste ambiente, sabe? Eu gostava que quando chegava o dia, as gurias a gente se encontrava e a gente ia pra cantina no intervalo e conversava e aquela coisa toda, sabe, e a gente, e eu me sentia assim, como é que vou dizer, importante por eu estar aqui no instituto de Educação, tá entendendo? É tipo a minha autoestima foi para, subiu, né? Aí, hoje eu tô quietinha, né? Tô em casa, faço as minhas coisa, eu não tenho. Para mim trabalhar como cuidadora, só com acamado, né? Por causa da minha coluna, i i, mas eu faço as minhas coisa em casa. Eu conheci uma pessoa muito boa, né? Que inclusive eu conheci ele aqui. Lá embaixo, numa informação, né? Ele pediu uma informação e a gente começou a conversar, e a gente começou a conversar e a gente trocou telefone e aquela coisa toda. Ficamos um ano ainda, sabe? E estamos praticamente quase seis anos que a gente está junto. Meu marido é meio ogro, né? Ele participa, não. Ele me ajuda, né? Mas ele é quieto sabe, ele não se mete muito, sabe? E ele é um parceiro, assim tipo, o médico disse pra mim que eu precisava fazer um exercício físico, né, por causa da... eu adorava a academia na época, era aqui. A professora Alessandra nos levava nós para a academia, sabe, e fazia a gente fazer Yoga, e até hoje, às vezes, sabe assim, sabe, eu me paro, e esses dias eu falei assim para ela no facebook, Profe, estou fazendo treinamento perfumado, que é uma técnica do tayshinshuan, então ela levava nós para academia, e a gente fazia meditação, e era toda zen, né? Você conheceu ela? Ela é toda zen. Então, só coisa boa, vocês tão fazendo eu lembrar, sabe, muito bom. E aí, hoje eu faço dança, faço dança lá no tradição. Faço aula de maxixe. Porque a dança também não deixa de ser um exercício físico, né? Pronto, pode escrever um livro.

Questão 16

Com certeza, né. Eu fazia, tipo na época, muita faxina, né? O que eu ganhava, na época, tipo assim ó, R\$50,00 por um dia de faxina, hoje eu ganho R\$150 por uma noite de plantão, entendeu? Eu vendia, eu vendia também doce de uma amiga minha que fazia camafeus, inclusive hoje ela me passou todo o legado pra mim, eu trabalho com camafeus hoje e eu vendia pra ela na época. E eu ganhava tipo R\$0,30 por doce, né? Ganhava R\$15,00 pila por dia 20 e o curso me ajudou muito porque eu peguei muito plantão. Eu peguei, sabe, o último que eu peguei, foi no Moinhos de Vento, sabe? Ali, eu ganhei bem. Ali, eu ganhei R\$1.500,00 em 10 dias. Os cuidador..eles pagam bem. Foi muito fácil. Porque a minha mãe eu já internava algum tempo no Beneficência Portuguesa. Minha mãe dormia, eu ia para os corredor, entende? Então, eu peguei muito, eu sou muito grata a, hoje eu digo colegas, porque na época eu era, hãaa, acompanhante de paciente e chegou o momento que eu cheguei a ser colega delas. Porque aí elas iam me indicando e eu aprendi na prática, eu aprendi muito com elas, tipo, eu trocava roupa de cama com o paciente na cama, virava o paciente, então a prática eu aprendi com elas, entende?.Aí, eu tive assim ó, um ia indicando. Porque o meu apelido é Drica, né? Então, ó Drica, estão precisando lá assim, assim. Aí, eu ia, sabe. Aí um familiar gostava e já passava para outro, que passava para outro, aí foi indo, foi indo e foi bem fácil pra mim.

Questão 17

Hoje? Não, eu não mudaria nada. Porque tudo o que eu aprendi no pouco ou no muito só me acrescentou. Eu não mudaria nada. Fiquei muito feliz. Vocês me fizeram chorar, pois eu voltei no tempo, né? E quando eu peguei o primeiro contrato né, para trabalhar na Santa Casa. Tu tinha... porque assim ó, o cuidador tem que trabalhar padronizado como enfermeiro, foi exigido lá na Santa Casa. Eu tenho fotos no facebook, ai, eu me achava linda de jaleco, sabe? Olhava para mim e me achava tudo. Ali, já começou a minha autoestima, você tá entendendo? Aí, eu comprei uma calça branca e tudo, eu me sentia a própria enfermeira, né? Então, foi uma coisa que puxou a autoestima, né? São lembranças que eu gravo muito boa. Perguntada sobre o curso de higienização, ela respondeu: Eu gostei. É meio casada por causa das bactérias, né? Até por causa das

bactérias. E eu era muito chata. Bem sincera, não sou esse doce. Eu não sou, sabe? Não sou mesmo, sabe? Chata pro bem, assim ó, tipo, porque às vezes eu ficava cuidando de paciente no isolamento, né, cuidando desse pessoal, mas não menosprezando o trabalho de ninguém. Não, eu chegava com delicadeza e pedia para pessoal: você poderia passar um pano melhor aqui assim, olha aqui, você não vai me levar a mal, assim, a gente está no isolamento, também me ajudou bastante, sabe? Tinha uma época, tinha uma vez, sabe o Hospital Mãe de Deus... o Hospital, ai, como é o nome, aquele ali da Ramiro Barcelos, o Moinhos de Vento. Um dia, eu tô com um paciente naquele hospital, é top, né, eu olhei assim ó, um carrapato, aí eu acho que baixou a Maria em mim, sabe, eu fui lá no posto de enfermagem, não tô acreditando o que tem lá no quarto. Ah, mas foi a senhora. Eu não, eu entro com protetor no quarto. Eu tinha todo o cuidado para trabalhar, sabe? No hospital, eu sempre... até hoje, eu, às vezes um pouco de estar sempre lavando as mãos, sabe? Tipo um toque, e tinha, e aí tiveram que trocar o paciente de lugar, então essa parte do curso de higienização me ajudou muito. A gente aprende até como lavar as mãos. Como tem que ser. São poucas coisas assim, que tu não dá importância, tipo, tu chega no hospital lá, e não é assim, né? A bactéria fica aqui, a bactéria fica aqui. Então, são mínimas coisas, assim ó, que são importante pra gente, né? Nunca tive uma reclamação, eu sofri muito, porque eu sempre fui sentimental, às vezes eu colocava o sentimental na frente e não podia, mas eu vou dizer assim ó, um exemplo, a minha mãe, né, minha mãe era teimosa, sabe, a minha mãe às vezes ela fazia birra, ah, eu não vou comer isto daqui. A senhora vai comer, porque senão a senhora vai ficar doente, a senhora vai no hospital, vão colocar uma sonda nasogástrica na senhora, então, eu tinha todo esse jeito assim, sabe? De cuidar de zelar, mas sem judiar. Com carinho. É isso.

Aluna 07

Questão 14

Para o meu momento, eu precisava de um curso. Olha, eu precisava fazer um curso. Fazer um curso para sair daqui, não aqui dentro, os cursos aqui eu não quero mais. Sair de casa e entrar aqui, não é o que eu mais quero. Eu quero fazer curso fora daqui. Como este que fiz lá no Instituto, um o outro que fiz lá em Belém Velho, ou Belém Novo, Belém Velho, eu acho que é. Pergunta: chegaste a fazer curso na Restinga? Não, quero distância da Restinga. Meus problemas estão lá. Meu filho está lá. Ele saiu mês passado, ele saiu em fevereiro, quase no final de fevereiro, e ele só foi aparecer somente semana passada aqui. Aqui na Lomba. E eu no meu aniversário que fiquei sabendo que o meu já tava solto. Só que eu achei que era assim. Uns dias antes do meu aniversário, o meu filho me contou, no meu aniversário, esse menor. Ele para me dar um parabéns, para me dar um... para me deixar alegre, me contou que o guri estava solto. Não mãe não falou qual o dia que ele estava solto, o fulano está solto desde essa semana, não, ele não falou. Já faz mais de um mês. E eu sem saber. E eu quando estive com a minha filha, em janeiro, todo o janeiro, que fiquei 20 dias lá. Nestes 20 dias a gente acompanhou ele lá, falava com ele. Quando ele chamava ela lá. Mandava beijo para mim, eu mandava beijo para ele. A gente se falava, ele sabia que eu ia chorar. Eu já chorava na hora de ir lá. Ela dizia, Ó mãe, ele falou comigo. Eu já assim. Então ele tava todo o fevereiro e início de março, quantos dias depois ele esteve aqui? Para chegar na sexta-feira passada aqui. Eu tomei um susto, eu não imaginava o meu filho solto. Sabia que ele tava solto, mas não imaginava ele ali comigo. Como o filho mais novo falou que o siclano está solto. Eu disse: Ele fugiu? Eu fui bem clara, Ele fugiu? Daí ele botou KKKK. Eu disse KKKk por quê? Eu tô fazendo uma pergunta. É óbvio, tem tanta fuga aí. Sabe, Sérgio, bateu na hora que ele tinha fugido. Pergunta: Mas ele já tinha cumprido o tempo dele? Não sei como, como é que saiu, se tinha audiência. Não disse nada. O que sei que, no ano passado, ele ia ter duas audiência e que as duas foram transferida. Uma foi transferida não sei por que e a outra é porque ele chegou na Restinga e o Juiz acho que não foi. Alguma coisa assim, ela foi transferida também. Eu ia ir nesta da Restinga. Na segunda. Eu estava lá zona norte, eu tinha passagem, tinha como ir. Eu não fui porque a Siclana não deixou. Mãe, eu vou dar a passagem, mas eu acho que não é.. O Siclano não quer te ver lá, por causa disso, disso, disso... Tudo o que ele já te falou, eu vou falar de novo. Ele tá te

poupando. Tá, mas eu preciso vê ele de longe. Quanto vai sofrer, né? Igual sofreu com NNN.

Sérgio, eu fui do território da paz, eu fui do Mulheres Mil, sou mulher da Lomba, mas se eu tivesse uma arma, eu, eu ia lá e matava, é só vagabundo. Eu sei que meus filhos são vagabundos, mas na hora deu raiva. Me deu muita raiva. Me subiu o sangue. Eu tava lá. Lá na Restinga, quando aconteceu. Eu vi o cara, ele estava como daqui a ali. Se eu tivesse uma arma, eu atirava e acertava o cara. A minha sorte que eu não ando armada e que não sou da pá virada. Eu sou pá virada, mas nem tanto. E aquele dia eu estava com a mulher do PPP. E outra que também estava com problemas particular também. Por motivos de tráfico também. Se eu tivesse uma arma ali, eu tinha estragado a minha vida e estragado a vida de todo mundo. Sérgio, assim a Restinga, assim. Nós tinha saído para comprar umas roupas pro PPP. Porque o PPP entrou de bermuda e sem chinelo. Só de bermuda. Não deu tempo de colocar camisa, de colocar chinelo, não deu tempo para nada. Ele foi tirotiar, Sérgio, deixa eu desabafar que eu preciso desabafar. Eu já falei, eu já falei, mas sempre tem uma coisa que trava a gente. Sérgio, aquele dia que estava lá na Restinga, eu dormi lá. Eu queria matar esses quatro caras. São uns trambolho, maior que tu, magro alto, compridão assim. Pegaram ele e outro e machucaram eles, mas machucaram mesmo. Que eu vi. Eu vi. Ninguém me contou. Eu vi o olho do meu filho. Meu filho está com o olho com um hematoma dentro. Eu já vi coisa ruim. Eu não sei o que houve, não entendi o que houve. Simplesmente deu aquele fuzuê com NNN, e foram em direção do PPP, o PPP subiu não sei pra onde, levou a arma. Saiu tirotiu e chamaram a brigada. Dois dias depois apareceu um rapaz morto que deu... que falou pro outro que...Imagina o que se passava na cabeça do NNN e na cabeça do PPP. O PPP preso e o outro com o amigo morto. Deu na tv e tudo. Pergunta: E eles saírem adianta? Ele tentou, ele tentou duas vezes esse anos, já. Ele volta, ele volta. Ele tem medo, ele volta. Ele tá aqui, mas não vai demorar muito ele vai tá lá na Restinga. Ele veio da Restinga na terça-feira, o PPP chegou de tarde na minha casa, tá? Eu não estava, tinha passado na assembleia. Vê a Dilma, Ela ia estar na Assembleia. Para uma comemoração, lê. E a Dilma ia tá lá. Aí, foi a melhor coisa que me aconteceu pra mim até agora. A melhor coisa que aconteceu pra mim nesse tempo de politicagem minha, foi a Dilma e a Manu. A Dilma foi na Assembleia, a Manu teve

aqui. Aqui no nosso comitê. Na campanha. Eu me vesti de Manu, me vesti de Manu, fiquei lá na faixa, me reconheceram, o povo que conviveu muito tempo comigo no Jardim Botânico me reconheceu. O povo daqui ninguém me reconheceu.

Esses cursos foi a melhor coisa que apareceu pra mim. Tanto o Mulher da Paz, esse aí, esse outro da culinária, o da reciclagem. Para arejar a cabeça, conhecer novas pessoas. Conheci o curso pelo Vosmar, no território da paz. Para sair daqui, ter um horizonte melhor um pouco. A cabeça naquela época estava querendo fechar e eu... pra não fechá.

Questão 15

Um pouco, não muito. Fiquei conhecida, comecei a participar mais das coisas. Muito mais das coisas. Em tudo, tudo. Eu já tava aqui na 10. Eu já tava participando aqui da 10. Sou líder comunitária e agora sou do projeto Elas por Elas. Pergunta: O curso de Higienização te ajudou com a reciclagem? Um pouquinho, ajudou, mas, claro eu já fazia antes. Eu já fazia reciclagem lá em Guaíba. Lá em Guaíba, nós tinha carrinho. Aqui, só carrinho de feira e os braços que eram a minha força.

Questão 16

Ajudou, mas... Fiz o concurso, passei, mas não sei se me chamaram, pois troquei o número do telefone. Troquei o telefone várias vezes. Não foi uma vez, foi várias vezes. Eu acho que fiz 16. Até um tempo atrás eu tinha o resultado dentro de casa. Se é que eu tenho ainda, mas não sei onde tá.

Questão 17

Tinha que sido mais tempo de curso pra nós. E no dia que fizemos a prática, mais tranquilidade. Tinha uma parte lá no hospital que não estava sendo usada. Tava sendo usada, mas liberam para nós fazermos a aula prática lá. Lá foi muito curto, muito rápido. Ter mais tempo para convivência, era de segunda a sexta, mas assim, foi curto o

tempo, foram 3 meses ou 4 meses. Foi razoável. Foi a mesma coisa esse curso que fizemos aqui também que foi razoável também. Mas deu para aprender. Eu gostava de estar lá. Perguntada se ela tinha continuado os estudos, ela respondeu: Eu até vim, mas este monte de problemas pra cá. Esse EJA eu comecei, fiz o primeiro e o segundo tudo junto, tinha o T7, T8 e T9. Quando eu estava no T9, teve a greve de 90 dias, daí deu depressão em mim. Eu parei, fui no colégio e tranquei a minha matrícula com a direção, eu conhecia todo mundo lá dentro, me dava bem com eles, e eles disseram que no momento que abrirem de novo, tu volta, tua cabeça vai tá melhor, a gente vai te acompanhar, e se tu precisar de algum reforço, a gente vai lhe dar reforço por fora, pra ti não se atrapalhar nas aulas. Só que quando voltou a cabeça... Eu disse para eles, não adianta. Como assim? Não adianta. Tive dentro da sala de aula. Tive dentro da sala de aula na sexta-feira, quando voltou, e eu falei para o professor de espanhol e disse que não adianta. Minha cabeça não está voltando, como eu queria que voltasse. Ele disse, CCCC te acalma. Bem assim, Te acalma, eu te conheço, conheço que tu têm emoções demais aí dentro, tive todo esse tempo acompanhando tu, eu e mais os nossos professores aqui, a gente sabe o que tu tá passando. Então, vai pra casa, segunda ou terça-feira tu volta. A gente não vai te dar falta. Eu disse, não. Eu volto só em março do ano que vem. Eles disseram: Tem certeza? Tenho, vou trancar minha matrícula mesmo. Não tenho condições. Uma que não adianta eu ficar aqui, minha cabeça não pegou, não volta nem o espanhol e nem o inglês na hora. O português, eles me tiraram o português também, eu não vou conseguir voltar. Se tu tirar a aula de matemática, eu também não vou conseguir voltar. Eu adoro vocês, tenho o maior carinho por vocês, e tô sempre junto com vocês. O que vocês precisarem é só me chamar, para qualquer coisa. Mas para estudar agora no momento, não. Minha cabeça não é de estudo. Não faz isso CCCC, tu vai estragar, só falta este ano pra terminar, falta pouco, a gente vai te passar, vai passar bem, não vai ficar em recuperação, porque não tem porque tu ficar em recuperação. Tu sabe a matéria, tem gente te ajudando aqui dentro. Tu sabe que tem. Eu te ajudo. Tem outro professor te ajudando, tu sabe que tem, tem um tempo muito grande, para parar de estudar. Não era para parar agora. Aí eu descí, saí de sala de aula, cheguei na direção e a direção olhou para mim e disse. O que tu tá fazendo aqui em CCCC? Nem era o diretor ainda. Era o vice-

diretor. Eu disse: Não tenho condições. CCCC Não acredito. Tu que ligava pra cá todos os dias CCCC, pra saber quando começa o colégio, CCCC. Só que eu to com isso, isso, isso e você sabe que enquanto a minha cabeça...não conseguia ir e falta, aqui, também. Mas este problema a gente arruma. Nós damos um jeito. Um ajuda o outro aqui dentro. A gente recebe pouco, mas um dia um ajuda, no outro, outro ajuda. A gente te ajuda. Mas eu disse, não. Aí eu fiquei só com..parei de estudar. Aí em março do ano passado eu voltei. Mas foi bem cansativo, mas eu voltei com tudo. Quando o final do ano chegou eu estava quase desistindo. Aí já não tinha passagem, eu não estava trabalhando. Como eu queria trabalhar, meu dinheiro de babá já não tava dando. O dinheiro do Bolsa Família curto, ou eu comia, ou sabe...

Aluna 8

Questão 14

Estava felicíssima. Cheguei ao curso pelo CRAS. CRAS da Morro Santana. O CRAS do mesmo bairro, do nosso bairro, como eu pertença ao posto, aí veio essa nota, daí elas indicaram: Olha, vai ter um curso e tá terminando o prazo, né? Na verdade, como meus filhos já são, hãaa, já tinham quase 20, já faz cinco anos, então nós não tinha mais direito a bolsas e essas coisas. Só no início nós tínhamos, porque meu filho menor teve, menor de 20, né? Estava muito doente, aí então nós era conveniado ao posto. Aí surgiu, ela disse que tem um prazo para te inscrever senão tu vai perder, tu tá no último prazo, tem que se inscrever. Eu buscava crescimento, né? Para me qualificar para o mercado de trabalho, né? Como eu já tinha o auxiliar, que, na verdade, o auxiliar não vale para pegar numa instituição se tu não tiver um técnico. Como o técnico é muito caro e eu não tinha essas condições. Então, eu preferi fazer o cuidador, até mesmo para minha família, minha mãe, meu pai já é falecido, tinha o vínculo familiar. Então eu preferi concluir para eu poder entrar no mercado de trabalho também. E graças a Deus eu consegui com isso. É uma porta muito grande, só quem não aproveita as

oportunidades que tem. Que tem várias. Na verdade, naquela época, naquele ano, tinha várias oportunidades. Isso foi se perdendo ao longo do tempo. Não tem mais isso. No meu bairro, conheço todo mundo. Muita gente sabe dos projetos. Meus filhos participaram, pra mim poder criar eles, nas instituições que sejam vinculadas à prefeitura. Hoje, a gente vai crescendo e aprendendo, né?

Questão 15

Influencia em tudo, tudo. O curso, na verdade, te abre uma visão maior sobre, no caso eu tava fazendo sobre o idoso, né? Então, como eu tenho, na verdade eu fiz o curso pra minha família, por causa deles. É pro meu crescimento, como eu perdi pai, hoje eu tô vivenciando um câncer com a minha tia, de 83 anos. Então, esse curso só deu margem para tu crescer e como lida com aquele paciente. Que é bem mais complicado. Paciente de fora é de um jeito. Paciente familiar é outro. Entendeu? Então, ele deu um crescimento de 100%. Tu lida com Alzheimer, tu lida com vários tipos de doença. Então, muita coisa a gente aprendeu com o curso, na sala de aula. Porque também você vai vivenciar no dia-a-dia, né? A teoria é uma coisa e a prática é outra. E aí dá uma experiência muito grande. Como pessoa mexe muita coisa, pois tu vivencia o dia-a-dia. Tu tem, tu vive, isso que eu te falei no elevador. A nossa professora que nos deu aula, ela nunca imaginou que fosse dar aula para uma diversidade. Na verdade, diversidade, né? É conviver, porque, para mim, não era diferença isso. Eu convivi com isso. Meu pai era deficiente visual, a gente passou várias barras. Ontem, ainda falei para o meu filho, eu passei bullying e eu vivi com o bullying minha vida toda e não me tornei uma pessoa amargurada, mas têm pessoas que não sabe discernir o bullying, não sabe tratar, sair disso. Se tu não conseguir sair disso, você pode tentar o suicídio. Então, eu consegui, pela aquele vínculo familiar, pelo que eu tenho com meu pai, que hoje não é mais vivo, que era uma pessoa muito lutadora, que lutava pelas coisas, pela diversidade, pelas coisas corretas, pelo, o que estás fazendo hoje? Sabe..Essa roda, que é o crescimento. Porque tu só vai entender o outro, se tu, pêra um pouquinho, calma aí, baixa o tom da voz, não fala auto, fala baixo. Aprendi a ouvir o que o outro tem para dizer, entendeu? Ou senão, Ah tá, me desculpa. Pedi desculpa. Eu ensinei

isso para os meus filhos. A gente acha que tamo sempre certos, mas erramos também, vários erros. E persistir no erro é burrice. Eu penso assim, acho que a gente tem que pensar parar um pouco tentar entender um pouco. Isso vivencio todos os dias com a minha mãe. Porque ela acha que não tá entrando, mas já tá um pouco naqueles esquecimento, repetindo 360 vezes, que nem criança. O por que do por que. E aí tu tem que calma um pouquinho, espera, tu tá falando alto, não tá falando alto, é complicado, é a diversidade, é a diversidade. É nesse momento de tu se doa um pouco pro outro pra vê que todos nós passamos pelas mesmas coisas, só que uns mais e outros menos e que ninguém é mais que ninguém. As pessoas cresceram, tem que tem, mas não jáaaaa, não. Vai lutar, vai crescer, vai estudar. Na turma, tinha muita diversidade, pessoas assim como eu, que nem quase não mexiam no telefone. Aí, fui aprender informática, a gente foi aprender a mexer no telefone. Minha colega até hoje mexo com ela. Até ontem ela me mandou uma mensagem. Mas tu não saía do telefone, tu não mexia. Eu aprendi contigo, depois fui fazer mais aquilo tudo. E foi assim, umas que nem, outras também que nem, a gente nunca imaginava, e hoje a gente já se fala: Não, não vou mexer nisso aí. Mexeu, aprendeu, cresceu, evoluiu. Que a gente tá numa evolução. Se a gente não evoluir, a gente, não que a gente não queira, mas a gente tá nesse mundo. Até o meu assim: Ah, tu não gosta de mexer no computador. Não. No banco lá, naquele lá de boca de caixa, não é do meu perfil, mas tem que crescer. Tu tem que crescer. Sim, tem que crescer. Mas eu não gosto!! Como se diz. A gente está vivendo num mundo que a gente tem que ter maldade, tem que ser, entender o que está acontecendo, né? E as pessoas estão vendo todos os dias, tão vendo o que está acontecendo. E aí hoje eu digo, ele chega em casa, e a gente começa a conversar. O que tá conversando? Eu tô te falando isso, isso, isso. E ele, ih, já começou!! E eu. Já! Porque a gente vive no dia-a-dia, e é verdade, sabe? Não é que a gente queira, hãaaa, tu tem que entender que tem a maldade para certas coisas. E a gente tá vivendo todos os dias. Por mais que tu não queira, eu tenho um curso, eu fiz, tudo bem, mas eu não sou uma perfeição. Tu vai me ver no dia-a-dia como eu vou lhe dar com o meu paciente. Eu não sou...né? Eu penso desse jeito, sabe? Que a gente tem aprender todos os dias com aquele paciente e entender que tu não lida só com o paciente, que tu lida com o familiar do paciente, que tu lida com o financeiro e eu vivenciei isso. Não faz

nem dois meses, eu conheci um paciente de 93 anos, fiz uma baita de uma entrevista e na hora de ser contratada, aí a pessoa que me indicou que eu tinha todos os padrões, o filho de 70 e poucos anos não quis, porque ele não queria uma pessoa de idade, na verdade queria uma pessoa mais nova. E aí nesse meio tempo eu fui descobrir que ele judiava da mãe e que nesse tempo a mãe veio a óbito. Então, o que eu quero dizer, que tu lida com vários tipos de situações, que tu acha que não vai vivenciar. E daí eu penso assim: Se Deus me tirou... eu já penso Deus nesse sentido, porque eu não fui criada para esse tipo de coisa. Eu não saberia suportar ver uma pessoa, até mesmo pelo curso que eu fiz, sabe, não ia conseguir ver uma pessoa judiar de outra e eu ficar calada, me omitindo pelo dinheiro. Não, não tem dinheiro no mundo que pague assim ó, a palavra que é certo e o que é errado. Como te falei: o que é certo é certo e o que é errado é errado. Não consigo, não fui criada assim. Meu pai lutou tanto pela diversidade, ele foi um deficiente visual. Se, por um acaso, um dia você puder conhecer a casa do cego idoso, ele foi presidente. Meu tio, bem a nossa família toda vivia com a diversidade, jogos, interagia... a gente foi criada nesse sentido, sabe? Então, a gente nunca fez essa distinção A, B, C. A gente aprendeu isso, e eu passo para os filhos isso também. A gente nunca tem que olhar as pessoas com outros olhos. Tem que sempre tentar aprender com aquela pessoa. Tentar sempre fazer o certo. E a aula ajudou muito, com muita diversidade. A outra pessoa, a diversidade. Porque ali, na aula, tinha pessoas com bem mais idade, né, tinha as mais novas, aquelas que estavam por lá. Mas depois, com a aula, e a turma por si, foi um crescimento. Um foi ajudando o outro até todas elas concluir. Tinha professores que hoje a gente segue elas, até hoje onde ela tá nos estamos seguindo ela. Porque foi uma coisa que motivou bastante toda a turma. A minha nora também é enfermeira, então, quer dizer, que o meu guri sempre diz: Mãe, tu gosta tanto dessa área? E eu digo assim, eu amo esta área, eu gosto mesmo, sabe? Gosto daquele vínculo, aquela coisa. E ela é uma guerreira, assim. E eu digo pra ela, meu Deus do céu, todos os dias a gente tá trocando figurinha. Todos os dias eu sou aquela pessoa do bom dia, boa tarde, pros dois, sabe? Eu digo que a gente tem que estar sempre aqui, porque muitas vezes a gente está tão, né? Não é a vida, as pessoas se perderam com aquele vínculo que o respeito vem de dentro de casa. Quer dizer que um bom dia e uma boa tarde, um com licença, então, eu não sei, mas, né, a

gente tá vivendo esse mundo assim que parece que se perdeu, não é que se perdeu. As pessoas tem que voltar, parar e pensar que todos nós precisamos uns dos outros, independente da classificação, né?

Questão 16

Isso aí é uma bagagem que não muda. É um tesouro. Eu atuei na área. Na verdade, eu sempre, como eu te disse, como auxiliar e depois como cuidador, me deu mais uma bagagem. Eu tinha um paciente que eu tinha um vínculo bem afetivo com ela, e queria que levasse ela para o Rio de Janeiro. Na época, assim, minha família caiu em cima. Dizia: Como você vai levar ela para o Rio de Janeiro. Uma pessoa que você não conhece. Como é que você vai fazer isso? Aí, eu pensei assim: não, eu falei, eu vou dar minha palavra e eu vou fazer. Foi um bate e volta. Até 2016, mais ou menos, é o que parece, que eu fui descobrir que ela já tinha entrado em óbito, que a filha não falou nada, mas eu levei. Ela foi para o Rio. Tipo, aonde ela queria tá. Na época, ela queria que eu fosse morar com ela, eu e meus filhos. Daí tu balança muito assim, né? É um vínculo que se apegou com aquele paciente, que foi uma coisa muito boa. Ao menos a gente sabe, que aonde ela está, que ela está bem. Ela fez o que realmente queria, né? Não é que a gente não queira, mas acaba pegando esse vínculo com o paciente e a pessoa que está cuidando. Mas tu tem que sempre preservar o teu aprendizado. Não adianta, você tem que fazer as coisas pelo correto, né? Por mais que não queira, tem que botar em prática o que você aprendeu, que é o certo. Porque vai chegar uma época que a gente vai dar banho. Tem que virar daqui, tem que virar de lá, até que você consiga com a pessoa a fazer as coisas que é o certo, né? O certo que eu digo é tomar banho, escovar os dentes, é o trato com paciente de uma forma que não faça ele ficar com raiva, com ódio, porque se ele... têm aquelas coisas que depois não te querem mais. É aquela coisa que você aprendeu em sala de aula. Como tu lhe dá? Até mesmo com a psicologia com a pessoa que tu tá cuidando, né? Isso a gente teve bastante. Foi muito batido: ética, profissionalismo, como tu tem que lhe dar com o paciente. Como trata que... às vezes que o paciente fala, inclusive, eu, que graças a Deus, eu não vivenciei isso, mas aquele paciente, tipo que, foi tu que pegou, foi tu que fez, e aí, né,

você tem que ter discernimento com aquela família, para realmente dizer que não foi tu que pegou. Que isso acontece, até mesmo dos pensamentos que o paciente começa a ter, né? Então, tem que ter um pulso forte, tem que ter uma visão bem grande com quem tu tá trabalhando, o empregador no caso que tá te contratando né? Mas é, então.

Questão 17

Eu acho que eu não mudaria. Eu acho que eu faria que ele se expandisse. Que ele abrisse muito mais portas, como ele abriu para mim, né? Porque é como eu te disse, né? É um leque muito bom, é um aprendizado, porque ali tu convive com todos os tipos de pessoas que estão precisando, né? Que a gente mesmo sabia, né? Tinha, como eu até que tinha pessoas de famílias que não tinha nenhuma visão. E a gente, uma passava experiência para outra. Então, esse é o leque que acho não pode se apagar. Acho que deve continuar. E continuar mais forte de como a gente está vivendo hoje, né? Hoje, estamos vivendo no mundo, onde a mulher é o alicerce... ela é o pai, ela é a mãe, e aí o que está se fazendo? Está se perdendo quem? O bem maior. E eu digo, pra mim, o bem maior, o meu tesouro, são meus filhos. E eu acho que isso não pode se perder. Porque onde tu perde um filho... eu digo pela droga, perde pro mundo, porque às vezes não tem volta. Então, esse resgate, acho que teria que continuar. Acho que não deveria parar, sabe? Começar uma coisa que fez a gente crescer tanto, que a gente vivenciava em sala de aula, o sofrimento de uma mãe, né? E isso dói demais. Não tem dor maior que tu perder um filho para droga, ou para outro tipo de coisa, né? Mas eu acho que a droga é o que mais está provocando. Então, assim, eu gostaria muito, mesmo que ele voltasse, assim, com força total. Pra poder resgatar as famílias, porque hoje a família não é só constituída de pai e mãe, uma mãe com outra, mas também o que eu vejo, não importa, tem que ser a constituição, bem estar. É saber que aquela criança está bem estruturada, que tem respeito. Porque que moral é essa que tem que ser um homem? Não! Nada, Não é do meu tipo, mas prefiro saber que aquela criança está bem estruturada, que ela tem um alicerce para continuar estudando, crescendo futuramente ser uma pessoa. É isso que eu espero. A gente era uma pela outra, sabe? E a gente, nesse meio tempo, ainda pegava e fazia alguma coisa para

fazer um lanche, porque algumas vinham do plantão, ou eu vinha do serviço, né. E agente interagiu. Quando a gente tava ali, a gente não queria sair dali, sabe. Era bem, era bem... Era maravilhoso, maravilhoso.

Liane disse que o mercado de trabalho está muito bom. O problema é o contratante que quer que o cuidador tem que fazer tudo. Faxina e etc. Se tu quer consegue, você consegue.

Aluna 09

Questão 14

Quando eu estava trabalhando... Não sei se vocês ouviram falar do Amparo Santa Cruz? É lá no Belém Velho, é uma instituição filantrópica. E, num certo momento, eles pediram para os cuidadores que não tinham o curso, e como eu estava sem o curso, o meu primeiro curso foi este, né?

- Tu já eras cuidadora? Sim, já há muitos anos. Eu aprendi com a minha ex-sogra, ela trabalhou muitos anos no hospital da brigada. Como eu tinha as crianças pequenas e não podia trabalhar de dia, ela começou a me levar para fazer plantões à noite. Aí, eu fui tomando conhecimento, daí fui indo. Como nunca tinham me pedido o curso, eu fui indo. Mas lá, então, daí o COREN pediu para os técnicos e exigiu que os cuidadores tivessem o curso. Aí, apareceu este do Instituto, que eu achei o melhor, porque apareceu vários, mas como o Instituto dava a alimentação, dava o vale transporte e o material, então, como eu ia às vezes de casa para o curso e do curso pra lá (plantões de cuidadora), pra mim, as passagens já era bom, né? E a gente tinha aula da uma a cinco, então era bastante tempo, né? Bom, porque foi exigido pelo COREN onde eu trabalhava e pelas vantagens de ter o vale transporte e o vale alimentação.

Questão 15

Sim, na busca pelo emprego. É que no caso abriu mais portas, né? Com o certificado, abriu mais portas. Eu fiz o curso e um mês depois me acidentei, aí, tive que me afastar, né? Mas, pelo curso, no momento que eu estava no curso, teve uma empresa, que eles largaram um folder lá e eu guardei. Então, no momento que eu estava no seguro, eu tinha oito meses de seguro e no quinto mês eu já estava cansada de estar dentro de casa e eu liguei pra eles e aí eles me empregaram e eu fiquei três anos e meio lá. Aí, eles me colocaram numa casa para cuidar de uma senhora, aí, no momento que essa senhora faleceu, aí, a gente não teve mais ligação, né?

- E foi bom este tempo que estiveste lá?

Ah, foi, foi muito bom.

- Tu achas que isto veio em função de você ter participado do curso?

Ah, sim, veio pelo curso, porque se eu não tivesse participado do curso não teria conhecido a empresa. Já havia conhecido, assim de falar né, de home care. Mas nunca tinha trabalhado numa. Aí, foi bem aproveitado, muito bom, um pessoal muito legal. Depois, muito tempo de casa, começaram a trocar funcionário. Aí, não deu mais certo. Aí, eu fui correr atrás, né? E tô correndo, né?

- O programa era voltado para o resgate de mulheres em vulnerabilidade, você sentiu isto no curso? Isto te ajudou de alguma forma?

Senti, sim, mas no meu caso não foi uma coisa necessária porque eu tenho uma vida totalmente diferente de muitas pessoas que estavam no curso. Como é que eu vou te dizer, te explicar. Eu tenho uma vida assim ó, eu não sofro agressão, eu não passo necessidade, né, graças a Deus. E no curso tinha muitas mulheres que passavam por isto. Eu, no caso, só estava ali pelo curso mesmo, né? O que me levou ali foi o curso, não essas outras questões.

Questão 16

Ah, sim, com certeza. Porque, como a gente passou por várias professoras, então, a gente aprendemos um pouco de cada coisa. Coisas que eu não tinha... como vou te dizer... coisas que eu não tinha conhecimento e acesso, né? Tipo internet, essas coisas assim, que nós tivemos aula de internet. Eu não tinha acesso naquela época, então

aprendi a lidar, conheci pessoas novas, as próprias colegas que nós vamos aprendendo com cada uma. Tem umas que somos amigas até hoje. A gente se conversa, né, ficou, foi muito bom. Eu gostei muito desse curso. Eu gostaria de fazer de novo. Eu gostava de estar lá. Era bom porque... eu sou uma pessoa muito... como é que vou dizer... eu não sou uma pessoa de tá. eu sou meio quieta no meu canto, né? Então, sou muito caseira. Esse curso me tirou um pouco daquela minha zona de conforto, sabe? A gente conheceu outras pessoas, outras realidades, então, aí foi muito bom. Muito bom mesmo. Às vezes, a gente pensa que é uma coisa e não é como a gente pensa, né? A vida aí fora é bem diferente.

Questão 17

O que eu vivi no curso eu não mudaria nada, foi um curso muito bom, muito aproveitável, né? As professoras muito boas, inclusive tem uma no meu face que a gente se dá muito, gosto muito dela, que é a XXXXX. A única que eu não gostava muito era a de informática. Não sei por quê, não bati meu santo com ela. Eu ficava sentada bem lá atrás. Mas foi uma época muito boa. Se voltar novamente e eu ter a oportunidade de fazer, eu vou fazer de novo. Seria bom reunir as colegas que fizeram.

Aluna 10

Questão 14

Ah, primeiro porque eu gosto de pessoas idosas. E como eu estava parada em casa, sem fazer nada, era uma coisa boa pra mim, ia me incentivar mais porque eu estava para baixo, sabe? Me sentindo uma inútil, porque tu fica doente, parece que tu fica inútil, né? E não tinha nada pra fazer. Aí, eu vim aqui, me inscrevi, gostei e fiz até o fim. Eu passei aqui pra ver o negócio de cuidadora, né? Como a minha prima tinha a dinda dela que trabalhava de cuidadora, sabe, então a gente sempre conversava sobre o negócio de cuidadora, ah, que deve ser bom, e que na época eu estava com esses

problemas de saúde e pra cuidar é mais prático, né? E eu vim aqui vê se tinha o curso de cuidador, aí tinha. Aí fiz a minha inscrição aqui direto.

Questão 15

Naquele momento, sim. Eu tive mais conhecimento. Tenho a minha mãe que já é de idade, com 92 anos. Aí, ela tá com problemas de saúde. Então, isso daí foi bastante. Pra atender a pessoa com idade, como lidar com ela, e é uma pena que não consegui desenvolver para estar trabalhando nesta área aí. Por causa da questão da empresa, que eu trabalho, né? Eu só ia poder trabalhar de noite, aí ia ficar muito puxado pra mim. Então, fiz por isso. Mas o resto, pra mim, foi bom. Fiz bastante amizade. Tive bastante conhecimento em várias coisas, né? Até hoje me comunico com os colegas. Estamos sempre se falando, A gente tá se combinando de se encontrar. Eu gostava de ficar aqui. Era maravilhosa. Eu ficava aqui a tarde inteira. Os professores maravilhosos também. É uma pena que não tem mais, né?

Questão 16

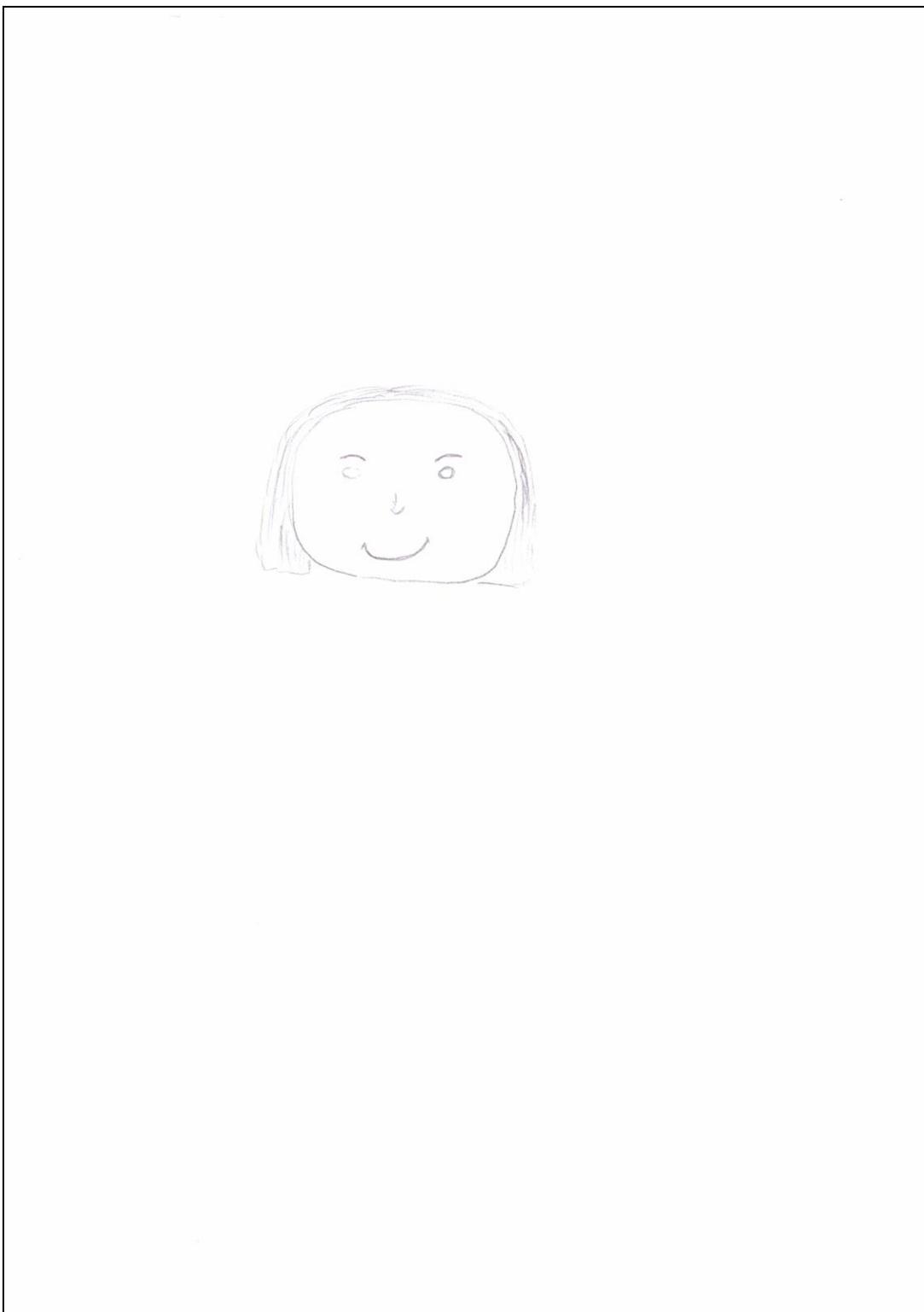
Melhorou, para se comunicar, saber dos conhecimentos do que é a cuidadora. Minha mãe é difícil, então assim, muita coisa utilizo do que aprendi lá. Como ela era uma pessoa ativa, até seus 80 e poucos anos, ela participava da terceira idade, ia pra baile, foi rainha da terceira idade, sabe, viajou. Aí, hoje ela está bem dependente da gente, sabe, então ela fica muito pra baixo. Tem dia que ela quer morrer, sabe? Aí, o curso ajudou bastante pra entender o que e como ajudar ela, né? Tenho a minha irmã e meus irmãos que ajudam. Também tem a minha filha, que quer tirar o curso de cuidadora. Tinha as agências que contratam. Até a professora deu pra gente procurar. Como eu estava no INSS, não dava. Se eu não tivesse, hoje estaria atuando. Não tinha dificuldade para encontrar trabalho.

Questão 17

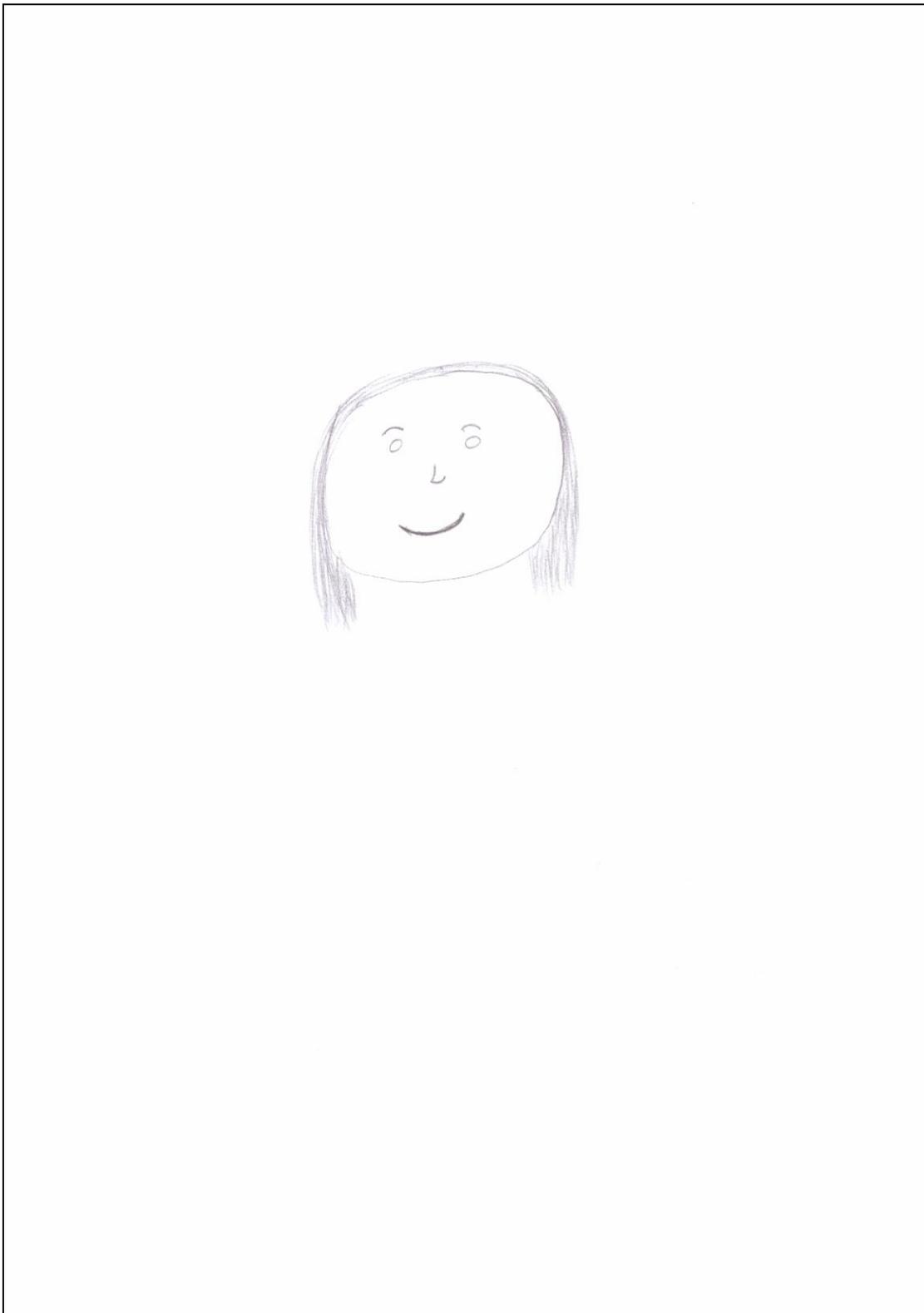
Acho que não. Foi legal. Pena que terminaram, né? Eu perdi só uma aula. Que era de ver pressão uma coisa assim. Eu não participei, eu não vim. Eu não sei por quê. Aí, eu perdi essa aula. Por isso, se tivesse, eu voltaria a fazer, fiquei triste por ter perdido. Mas não mudaria nada. Tudo valeu a pena, bah!! Meu Deus. Eu cheguei até a fazer ginástica aqui. Eu chegava mais cedo, para fazer a academia. Depois ia para o curso. Era muito bom. A gente se sente viva né, quando a gente está pra baixo. Quando acontece essas coisas assim, levanta a gente. A gente também fomos num asilo de cegos, bah!! Foi muito bom. Até o dono era cego. A gente ficou lá, conversando com eles, e eles mostrando a hortinha deles e tal. Foi muito legal.

Apêndice B – Desenhos realizados pelas alunas

Aluna 2- Antes



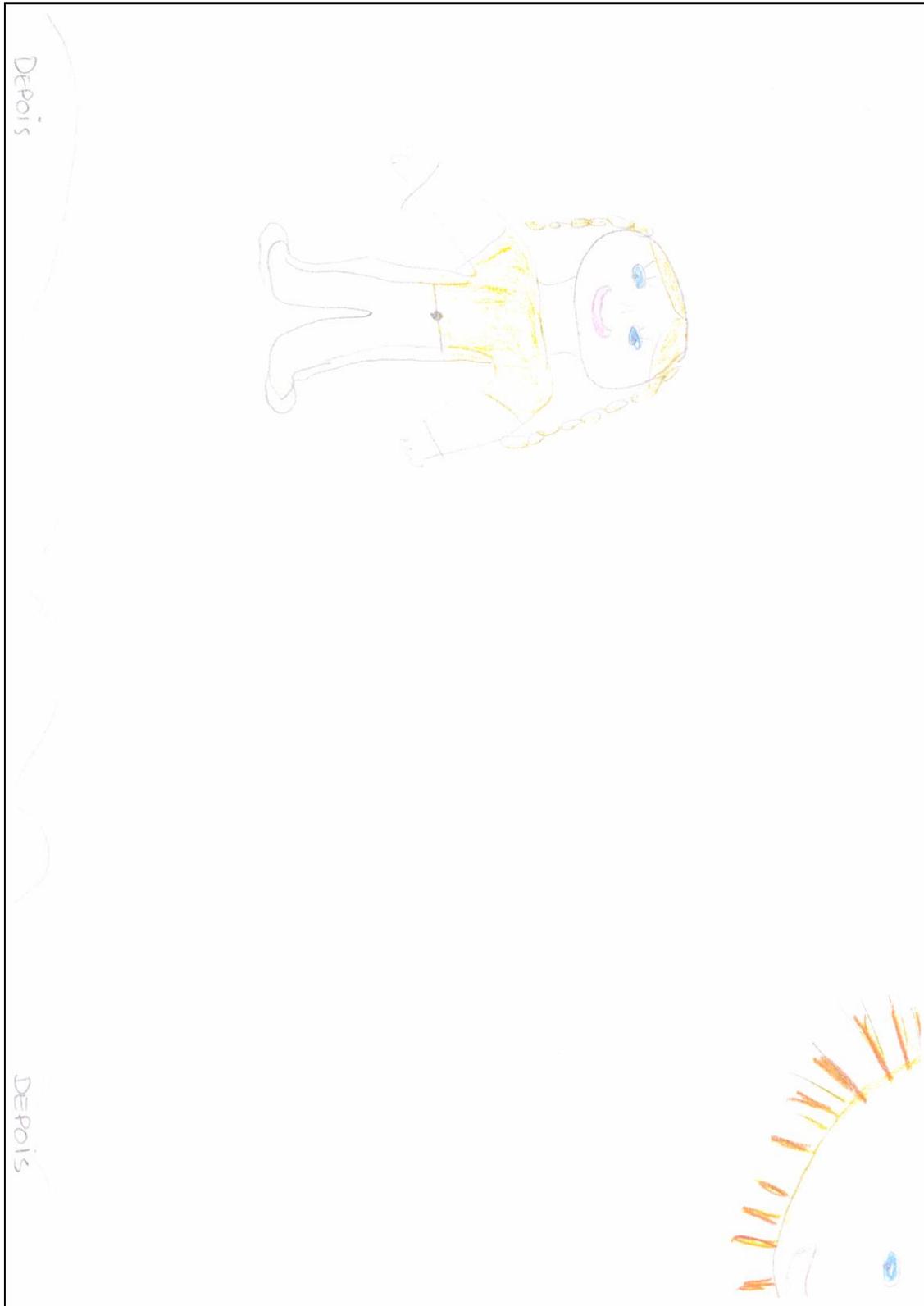
Aluna 2 – Depois



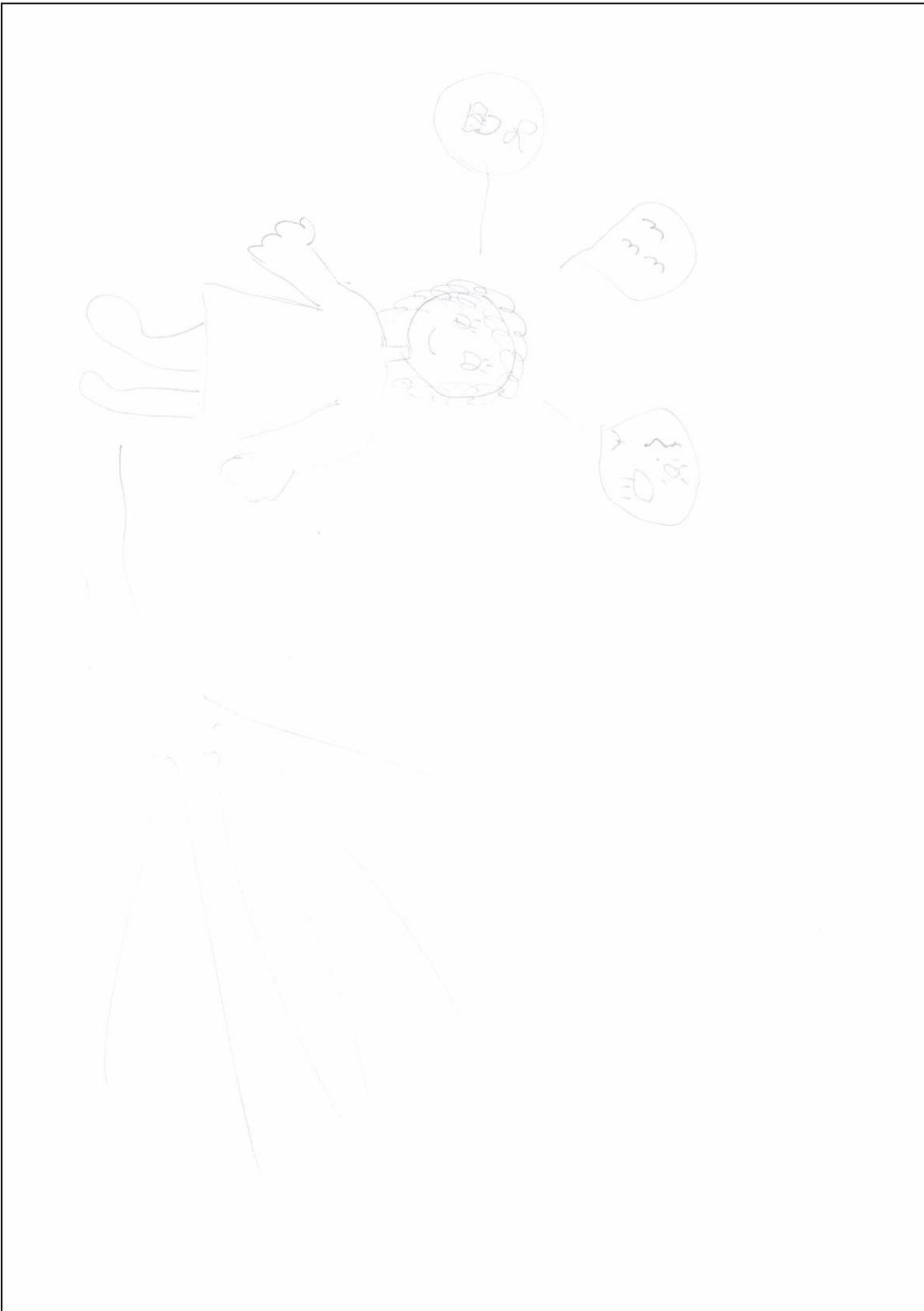
Aluna 4 – Antes



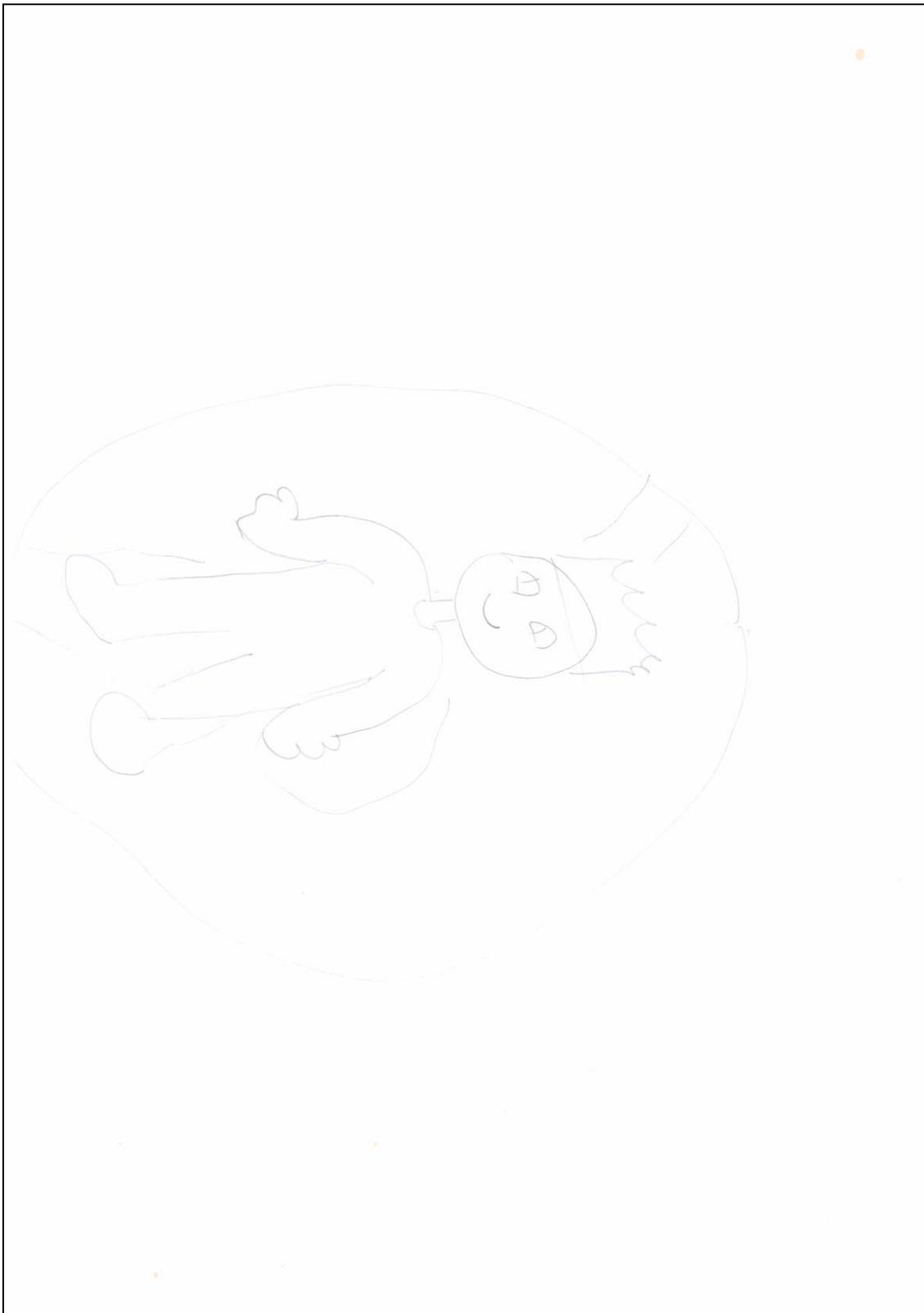
Aluna 4 – Depois



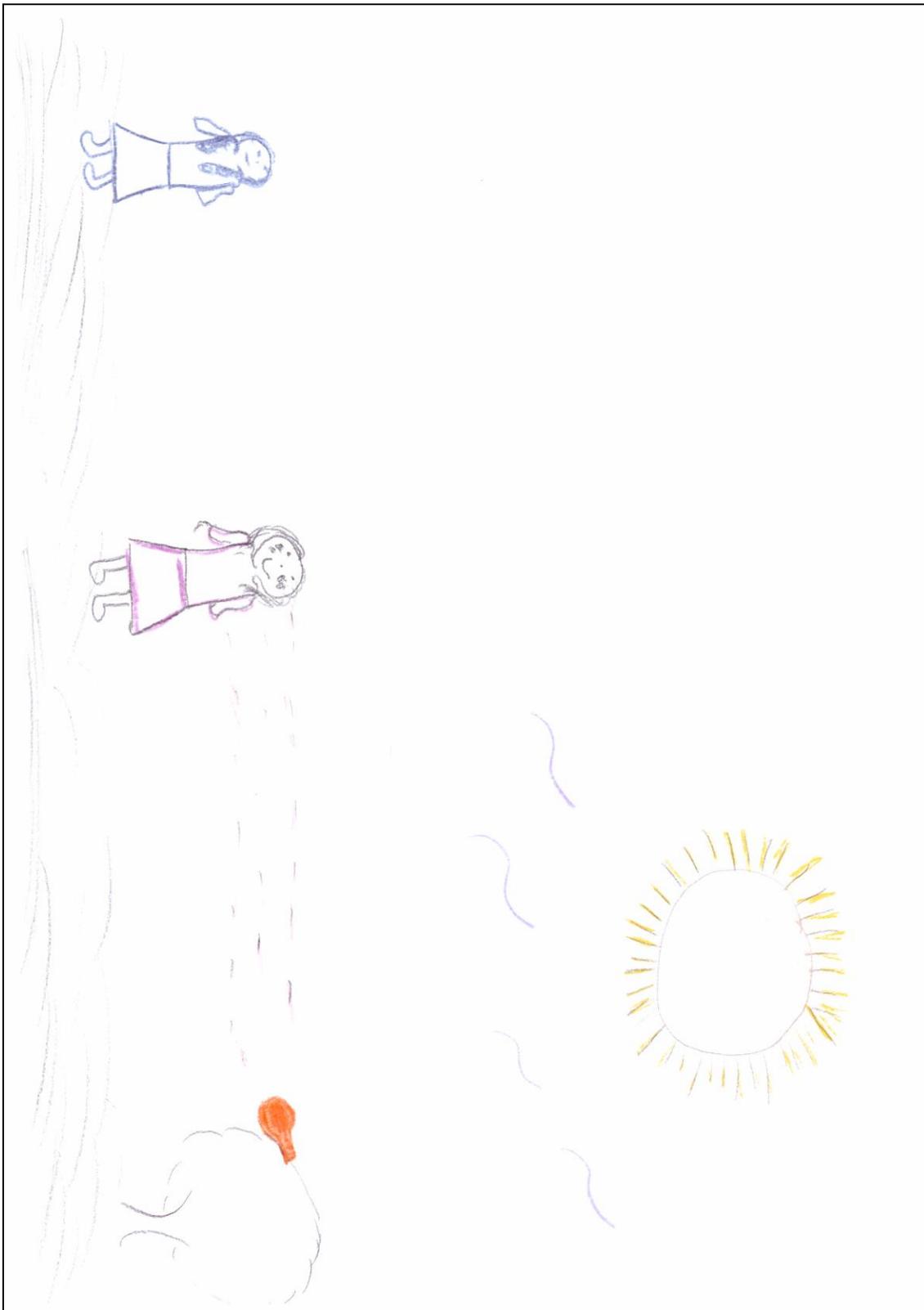
Aluna 5 – Antes



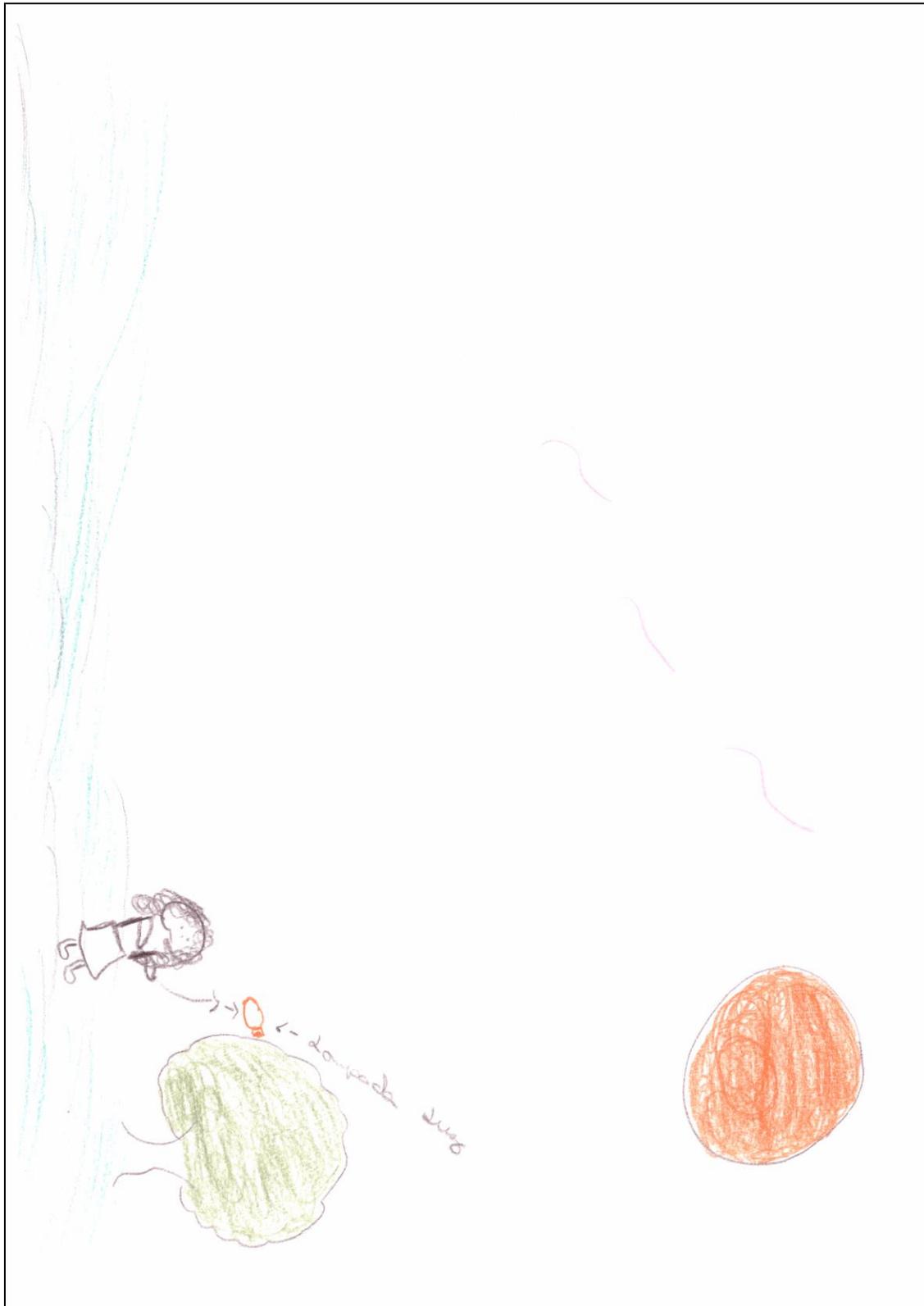
Aluna 5 – Depois



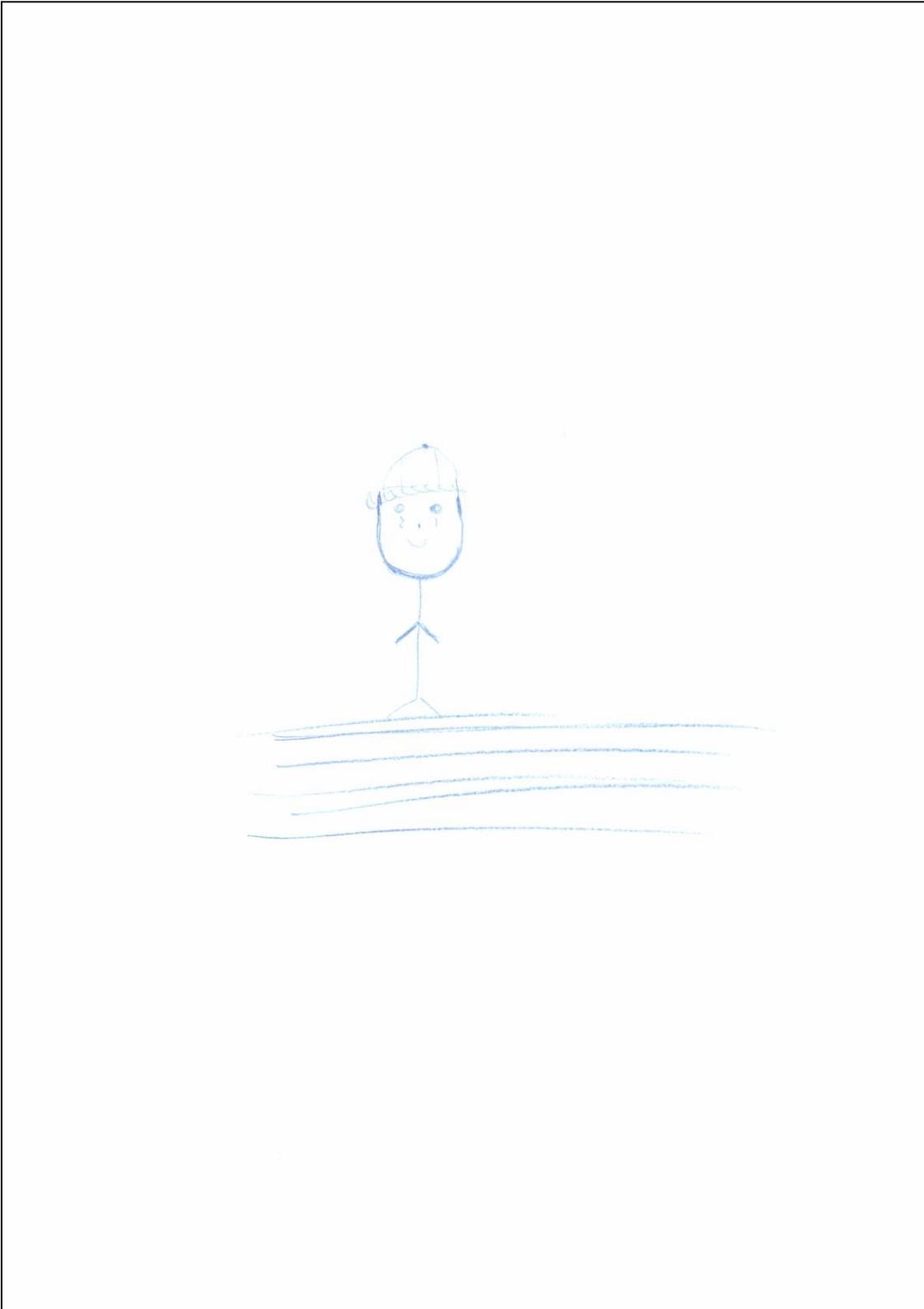
Aluna 6 – Antes



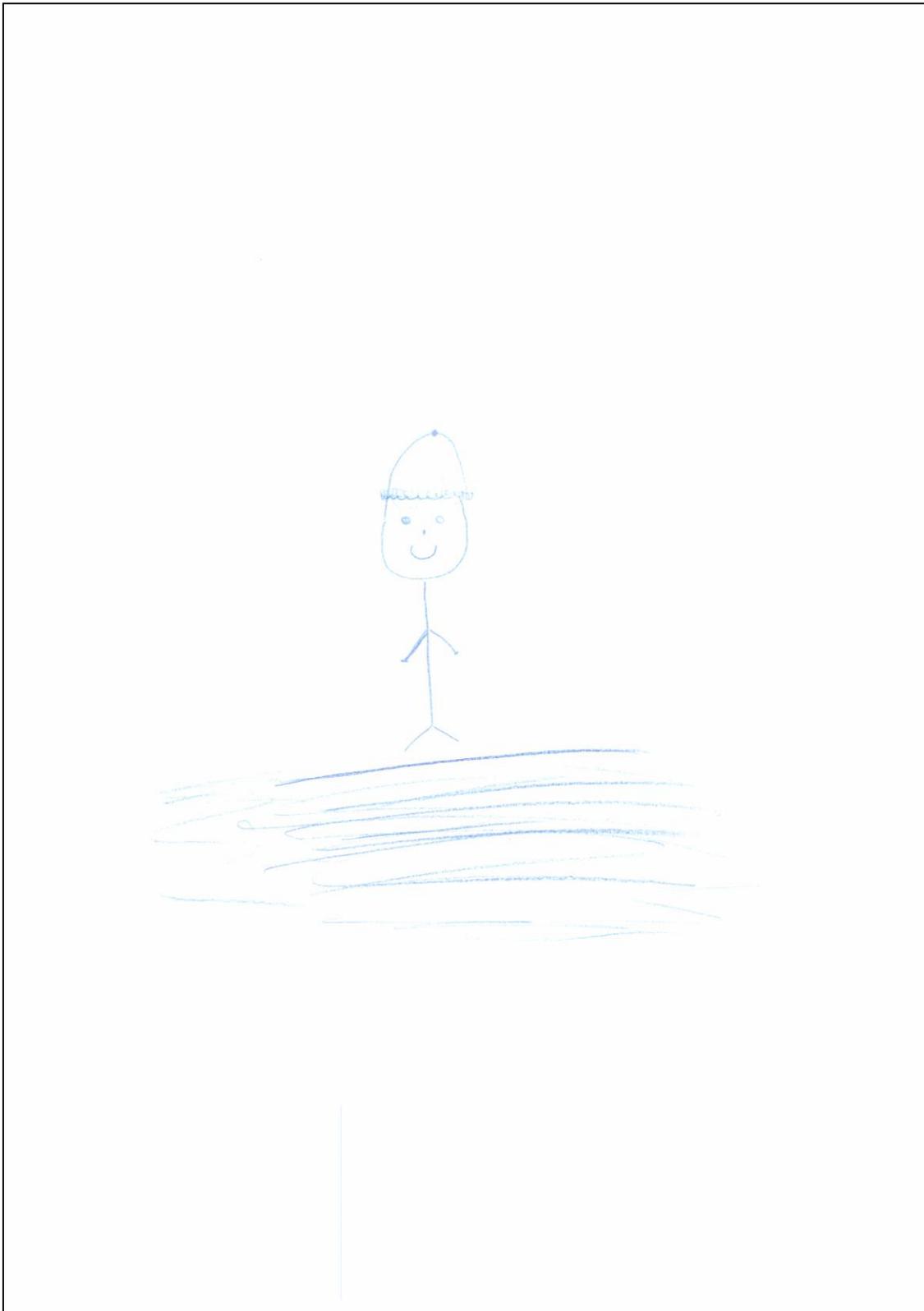
Aluna 6 – Depois



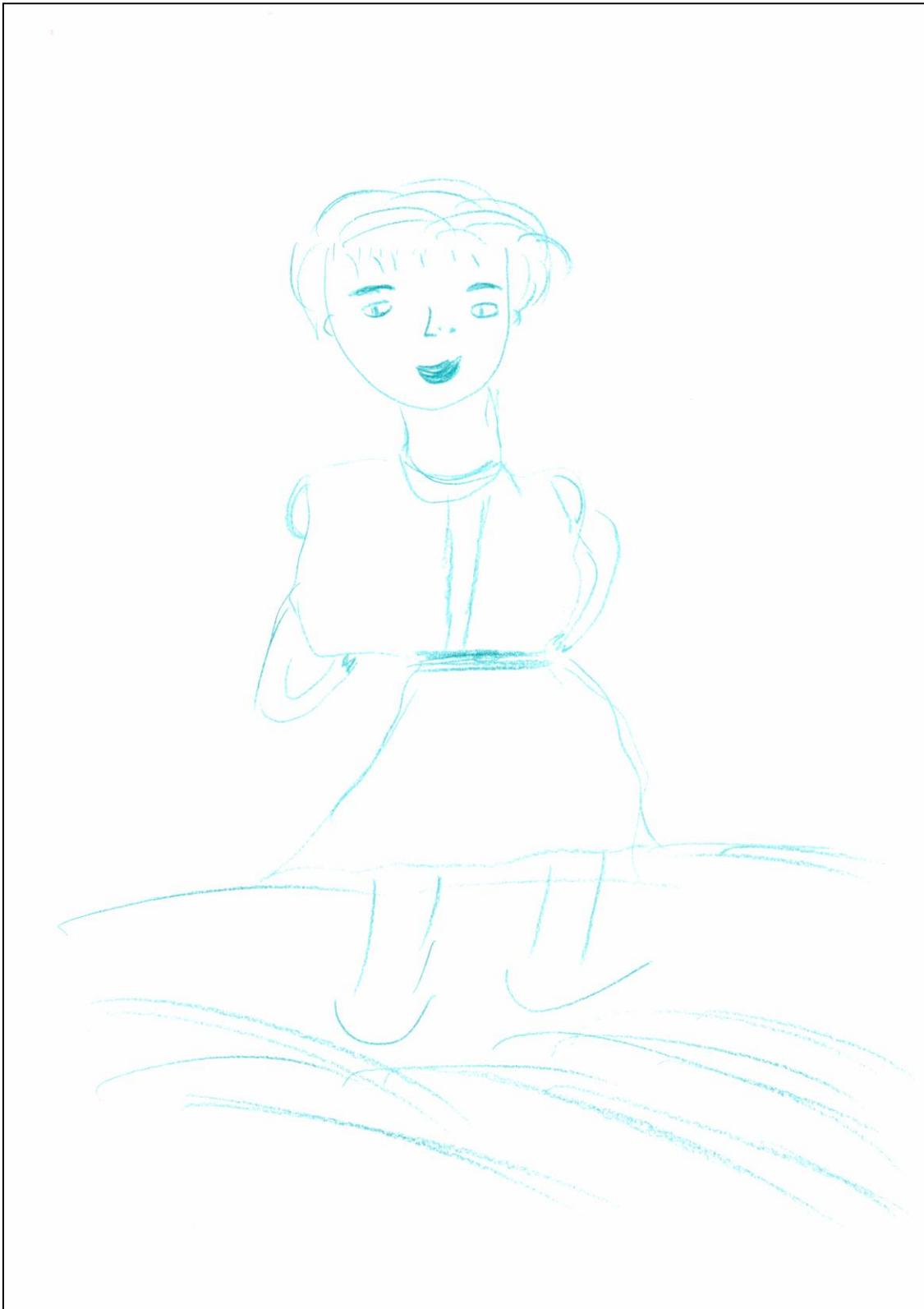
Aluna 7 – Antes



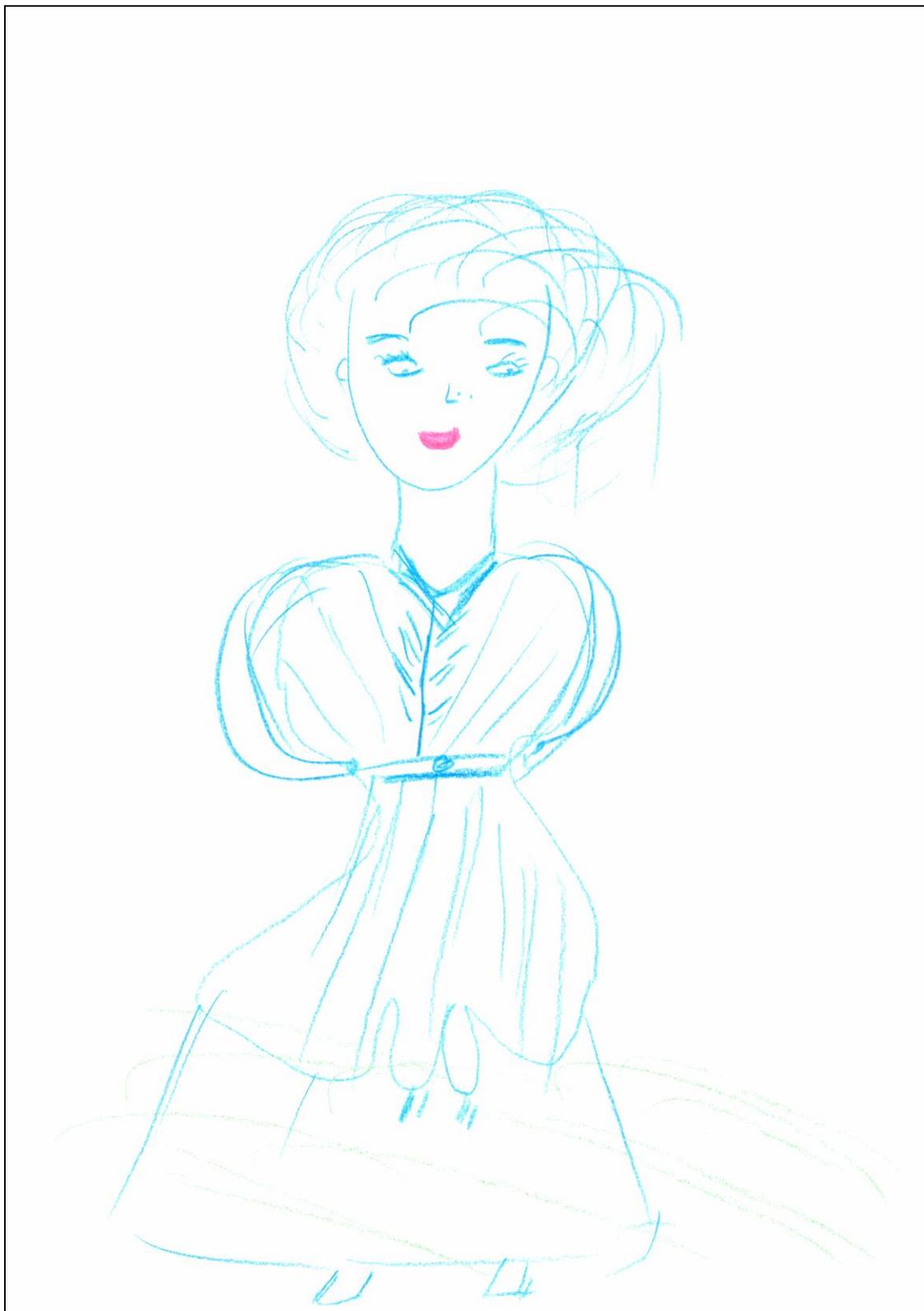
Aluna 7 – Depois



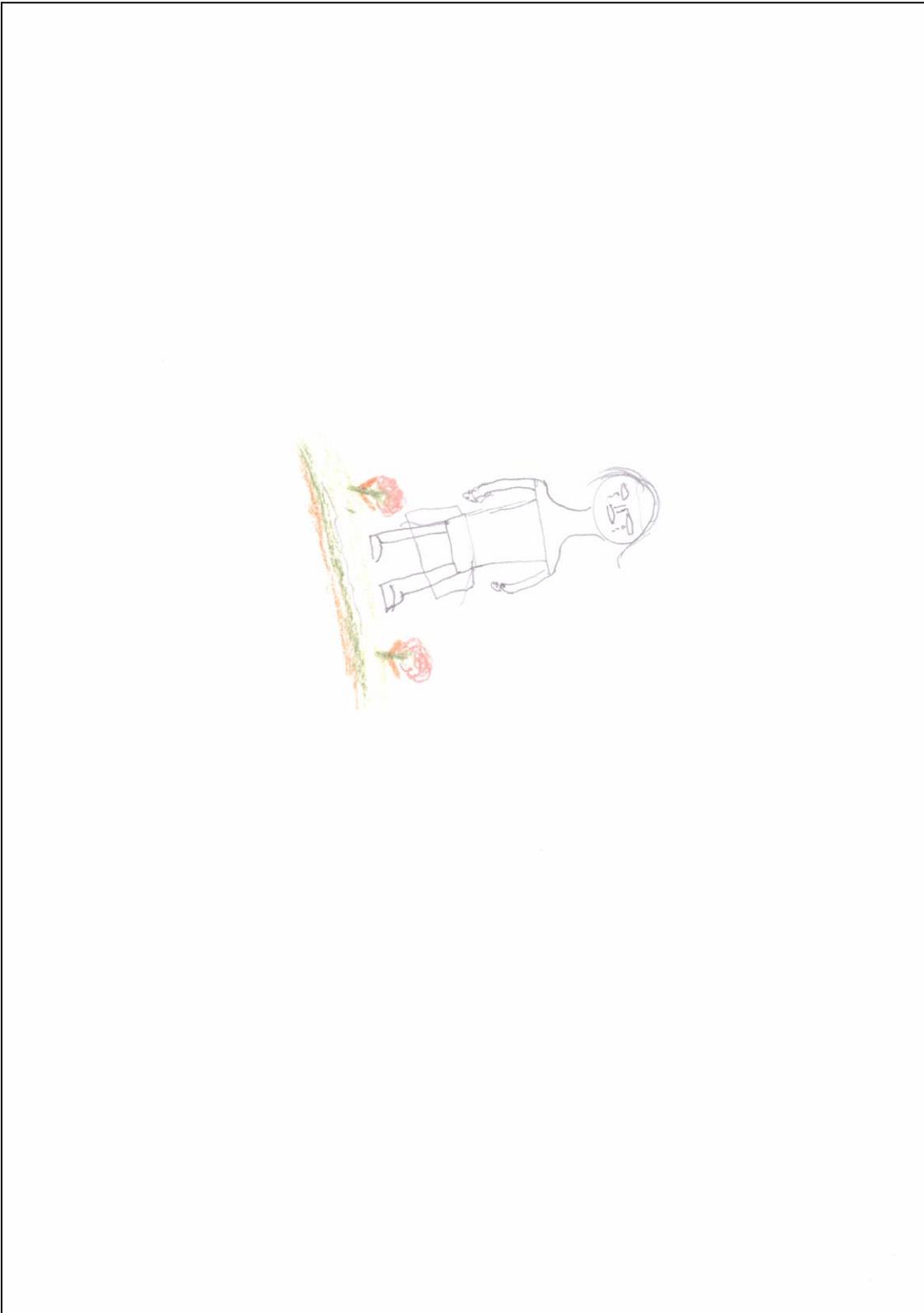
Aluna 8 – Antes



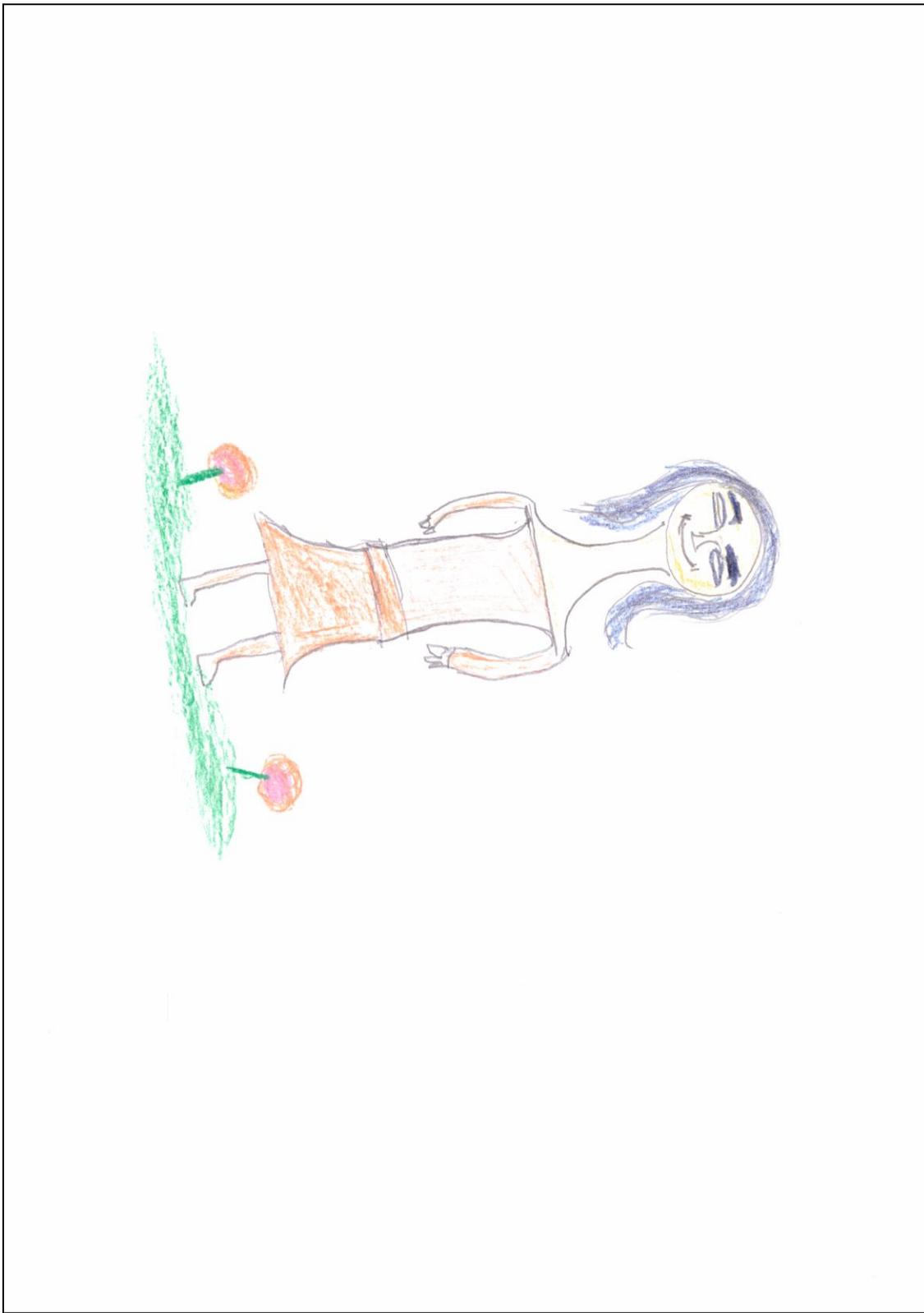
Aluna 8 – Depois



Aluna 10 – Antes



Aluna 10 – Depois



ANEXO A - Questionário



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BÁSICAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS: QUÍMICA DA
VIDA E SAÚDE
RUA RAMIRO BARCELOS, 2600 - ANEXO
CEP 90035-003 - PORTO ALEGRE-RS

Tese de Doutorado

Questionário de pesquisa de campo

Pesquisador(a): Sérgio Wesner Viana

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciana Calabro

1. Nome (Opcional): _____

2. Idade: _____

3. Estado civil (Na época do curso):

() Solteira () Casada () Divorciada/separada () União Estável () Viúva ()
Outra, _____

4. Estado civil (No momento):

() Solteira () Casada () Divorciada/separada () União Estável () Viúva ()
Outra, _____

5. Possuía filhos na época do curso?

() Sim, Quantos? _____ () Não

Hoje, quantos filhos tens? _____

6. Qual o seu grau de escolaridade na época do curso?

- Não alfabetizado.
- Alfabetizado, mas sem escolaridade.
- Ensino Fundamental ou 1º grau ou ginásio completo.
- Ensino Fundamental ou 1º grau ou ginásio incompleto.
- Ensino Médio ou 2º grau ou colegial completo.
- Ensino Médio ou 2º grau ou colegial incompleto.
- Outros. Qual? _____

7. Você exercia atividade remunerada na época do curso?

- Sim, Qual? _____
- Não

8. Atualmente, você realiza alguma atividade remunerada?

- Sim, Qual? _____
- Não

9. Você participava de algum programa social na época do curso?

- Sim, Qual? Bolsa Família
- Não

- Seguro Desemprego

- Outro Programa. Especifique:

10. Qual era sua participação na renda familiar antes do curso?

- Nenhuma.
- Tinha participação com outro membro da família.
- Somente você que trabalhava na família.

11. Atualmente, qual é a sua participação na renda familiar?

- Nenhuma.
- Tenho participação com outro membro da família
- Somente eu que trabalho na família.

12. Qual o curso do Programa Mulheres Mil que fizeste? _____
13. Qual o ano que você realizou o curso? _____
14. O que motivou você a fazer o curso do Programa Mulheres Mil?
15. Você acha que o curso ajudou a melhorar sua autoestima, relacionamento com o seu meio social, na busca por um emprego ou de outra forma? Comente sobre isso.
16. Avaliando, hoje, a sua participação no curso contribuiu para que você melhorasse a condição de vida? Comente de que maneira ela contribuiu ou não contribuiu.
17. Se você pudesse mudar algo no Programa Mulheres Mil, o que você mudaria?

ANEXO B - Termo de Consentimento



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BÁSICAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS: QUÍMICA DA VIDA E SAÚDE
RUA RAMIRO BARCELOS, 2600 - ANEXO
CEP 90035-003 - PORTO ALEGRE-RS

Tese de Doutorado

Termo de Consentimento

Pesquisador(a): Sérgio Wesner Viana

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciana Calabro

O projeto:

O projeto de pesquisa “PROGRAMA MULHERES MIL: A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL CONTRIBUINDO PARA A REDUÇÃO DE DESIGUALDADE SOCIAL E ECONÔMICA DAS MULHERES E SEU RESGATE SOCIAL.”. O objetivo do estudo é Verificar como o Programa Mulheres Mil está contribuindo para a redução de desigualdade social e econômica das mulheres que frequentaram os cursos de capacitação profissional do Instituto Federal do Rio Grande do Sul no âmbito do Campus Porto Alegre.

Eu _____, RG: _____, dou o meu consentimento, assim como autorizo a participação da pesquisa do aluno Sérgio Wesner Viana sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Luciana Calabro. Autorizo o uso de materiais coletados, desde que nossas identidades, bem como as escolas e professores, (as) sejam preservados.

Um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será assinado pelo (a) professor (a), de maneira tal a garantir a confidencialidade das informações coletadas e os procedimentos éticos necessários na consecução da investigação.

Porto Alegre, _____ de _____ 2019.

Assinatura: _____

e-mail: _____